



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSÉ ROBERTO GOMES DOS SANTOS

**A MODERNIDADE EM AFOGADOS DA INGAZERA:
VIVÊNCIAS E COTIDIANO ATRAVÉS DAS IMAGENS (1935-1975)**

CAMPINA GRANDE - PB

ABRIL – 2019

**A MODERNIDADE EM AFOGADOS DA INGAZERA:
VIVÊNCIAS E COTIDIANO ATRAVÉS DAS IMAGENS (1935-1975)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de mestre em História, na linha de pesquisa: Cultura e Cidades.

ORIENTADOR:

PROF. DR. SEVERINO CABRAL FILHO

CAMPINA GRANDE - PB

ABRIL - 2019

CERTIDÃO

Certificamos para os devidos fins que o(a) aluno(a) **José Roberto Gomes dos Santos**, matrícula 201711215, realizou o Exame de Defesa Final de Dissertação de Mestrado em História intitulada: "**A Modernidade em Afogados da Ingazeira: Vivências e Cotidiano Através da Imagens (1935-1975)**". A sessão de defesa ocorreu no dia 29 de abril de 2019, Sala 101, no Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande.

Banca de Defesa

Severino Cabral Filho (Orientador)

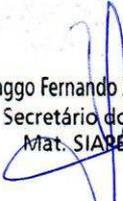
Gervácio Batista Aranha (Examinador Interno-Titular)

Tiago Bernadon de Oliveira (Examinador Externo- Titular)

Luciano Mendonça de Lima (Examinador Interno-Suplente)

Damião de Lima (Examinador Externo- Suplente)

Campina Grande-PB, 29 de abril de 2019.


Yaggo Fernando Xavier de Aquino
Secretário do PPGH/UFCG
Mat. SIABE-1410729

S237m

Santos, José Roberto Gomes dos.

A modernidade em Afogados da Ingazera: vivências e cotidiano através das imagens (1935-1975) / José Roberto Gomes dos Santos. – Campina Grande, 2019.

126 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Severino Cabral Filho".

Referências.

1. História Cultural. 2. Modernidade. 3. Afogados de Ingazera-PE.
3. Imagem e Cotidiano. I. Cabral Filho, Severino. II. Título.

CDU 930.85(043)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado *in memoriam* do meu pai, Raimundo Rodrigues dos Santos, de quem eu aprendi a nunca desistir e sempre continuar lutando, mas, infelizmente ele não esteve presente nesse momento de uma importante conquista na minha vida. Ao meu tio, *Francisco de Assis Gomes da Silva*, o qual nos deixou recentemente, estendo-lhe a dedicatória, em reconhecimento ao seu espírito solidário e apoiador dos meus sonhos, outro que não esteve presente na reta final desta “aventura” acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores da UFCG, do PPGH, Alarcon Agra do Ó, Marinalva Vilar, Antônio Clarindo, Giuseppe, aos membros da banca examinadora, Gervácio Batista Aranha, Tiago Bernadon e, ao meu Orientador, Severino Cabral Filho, este último devo agradecimento especial pelo seu trabalho de orientação e pela paciência; ao professor Luciano Mendonça pelas indicações de leituras e estudos, aos colegas de turma 2017-2018, particularmente da linha 01, cultura e cidades, Endryws, Daiane, Rosenilda, Joyciana, Myrtis, Rafael e Wanderson. Agradeço a direção pedagógica e administrativa da FASP (Faculdade do Sertão do Pajeú), Fátima Oliveira e especialmente a Socorro Dias, por viabilizar ajuda de custo e liberação da sala de aula; aos colegas Charlington, Rogério, Juliana, Katia, Wilson, Genildo, César Acioly, Luciano, Monsenhor João Carlos e, Márcio André, pela leitura e correção; agradeço o apoio do memorialista Fernando Pires por ceder gentilmente dezenas de fotografias para a pesquisa acadêmica, à amiga Aline, por ceder algumas fotografias da sua família, ao Vereador Augusto Martins pelo apoio, a Secretária de Educação do Município, Veratânia Moraes e a todos e todas colegas do Dom Mota. Por fim, aos meus familiares, minha mãe Adeilde, minha tia Maria, meus filhos Leandro e Lucas, a minha neta Helena Sofhia, minha esposa Cássia e ao meu irmão Paulo César, que sempre me incentivou para participar da seleção do mestrado e foi companheiro de muitas viagens para Campina Grande.

RESUMO

A presente dissertação pretende problematizar o processo de modernização através das imagens. Com um olhar para as vivências, o cotidiano; a construção do progresso e as práticas culturais. Tendo como objeto de estudo, a cidade de Afogados da Ingazeira em Pernambuco, com um recorte temporal que vai de 1935 a 1975. Através da pesquisa historiográfica, buscamos compreender as mudanças urbanísticas e as transformações na economia, no processo político, social e, nas práticas culturais. Para responder as perguntas que surgiram com a problematização; estabeleceu-se um plano de pesquisa e análise das fontes imagéticas, com uma leitura investigativa das informações e narrativas dos memorialistas. Utilizando procedimentos indiciários e, através de um referencial teórico-metodológico fundamentado nos pressupostos da história cultural, integra mediações com a história social. Desta forma, construímos esse trabalho acadêmico.

Palavras – chave: Afogados da Ingazeira, modernidade, imagem e cotidiano.

ABSTRACT

The presente dissertation intends to problematize the processo of modernization through images. With a look at the experiences, the daily life, the construction of progress and cultural practices. A study of the city of Afogados da Ingazeira in Pernambuco, with a temporal cut from 1935 to 1975. Through historiographic research, we seek to understand urban changes and transformations in the economy, in the political and of the social process, end in the cultural practices. To answer the question that came up with the problematization; a plan of research and analysis of imagery sources was established, with an investigative reading of the information and narratives of the memorialists. Using indexing procedures and through a theoretical-methodological framework based on the assumptions of cultural history, it integrates mediations with social history, in this way, we build this academic work.

Kei words: Afogados da Ingazeira, modernity, image and life.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACAI – Aeroclub de Afogados da Ingazeira

ANTT – Agência Nacional de Transporte Terrestre

APAC – Agência Pernambucana de Águas e Clima

DM – Diário da Manhã

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

JP – Jornal Pequeno

MEB – Movimento de Educação de Base

PDC – Partido Democrata Cristã

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

STR – Sindicato de Trabalhadores Rurais

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

RELAÇÃO DE IMAGENS

- Imagem 1: Praça Domingos Teotônio**
- Imagem 2: Igreja Senhor Bom Jesus dos Remédios**
- Imagem 3: Avenida Rio Branco**
- Imagem 4: Rua Senador Paulo Guerra**
- Imagem 5: Praça Domingos Teotônio (Perspectiva Centralizada para a Igreja)**
- Imagem 6: Construção do Calçamento da Avenida Rio Branco**
- Imagem 7: Coreto á Esquerda e a Igreja no Centro (Praça Domingos Teotônio)**
- Imagem 8: Coreto Visto do Auto da Igreja (Praça Domingos Teotônio)**
- Imagem 9: Praça Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara**
- Imagem 10: Reunião de políticos e autoridades (presença de Getúlio Vargas e do Monsenhor Arruda Câmara)**
- Imagem 11: Praça Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara**
- Imagem 12: Travessa Manoel Arão**
- Imagem 13: Ponte Rodoferroviária, Rio Pajeú em uma cheia na década de 1940**
- Imagem 14: Vista da Rua Barão de Lucena, Rua 15 de Novembro e Avenida Manoel Borba**
- Imagem 15: Praça Domingos Teotônio com vistas para o Rio Pajeú**
- Imagem 16: Avenida Rio Branco**
- Imagem 17: Poço no Leito do Rio Pajeú**
- Imagem 18: Mapa Indicando os Projetos do DNOCS no Nordeste**
- Imagem 19: Barragem de Brotas no inicio da construção**
- Imagem 20: Barragem de Brotas em construção**
- Imagem 21: Barragem de Brotas em construção**
- Imagem 22: Visita do Governador Eraldo Gueiros**
- Imagem 23: Parede da barragem e placa com informações da obra**
- Imagem 24: Pessoas no entorno de um automóvel na Avenida Rio Branco**
- Imagem 25: Duas pessoas posando para fotografia na frente do automóvel**
- Imagem 26: Marinete, transporte que fazia a linha para Tabira**
- Imagem 27: Mapa da Rede Ferroviária em 1954**
- Imagem 28: Casas para os funcionários da Rede Ferroviária**
- Imagem 29: Ponte Rodoferroviária construída na década de 1940**
- Imagem 30: Inauguração da Estação Ferroviária em 1949**

Imagem 31: Planilha com números sobre transporte de carga no Brasil

Imagem 32: Trem trafegando por uma ponte com suporte de madeira

Imagem 33: Partida de futebol nas proximidades do Rio Pajeú

Imagem 34: Praça Padre Carlos Cottart

Imagem 35: Homens com crianças na Praça Domingos Teotônio

Imagem 36: Mercearia e Posto de Combustível

Imagem 37: Construção do calçamento da Praça Domingos Teotônio

Imagem 38: Toinho Zezé e José Humberto e a construção do cinema

Imagem 39: Cine Pajeú na década de 1950

Imagem 40: Escola Normal Rural de Afogados da Ingazeira em 1956

Imagem 41: Rádio de pilhas da década de 1960

Imagem 42: Posse de Dom Francisco em 1961

Imagem 43: Estúdio da Rádio Pajeú

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO I – O CENTRO DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES URBANAS, POLÍTICAS E CULTURAIS	26
1.1 De fazenda à cidade: espaço, povoamento e historiografia.....	26
1.2 A fundação da cidade e o primeiro núcleo de povoamento.....	28
1.3 Sociedade de tradições rurais e os símbolos do progresso.....	32
1.4 O centro da cidade e as transformações urbanas.....	35
1.5 A iluminação e a estética: um olhar para o progresso e as tradições.....	40
1.6 Monsenhor de Arruda Câmara: protagonismo político.....	45
1.7 Monsenhor de Arruda Câmara: representação político-religiosa na cidade.....	49
CAPÍTULO II – ABASTECIMENTO DE ÁGUA: UMA URGÊNCIA PARA POPULAÇÃO.....	52
2.1 Água, limpeza e higiene.....	52
2.2 O Rio Pajeú e o processo de urbanização: memórias e significados.....	56
2.3 Abastecimento de água: um problema histórico.....	62
2.4 O trabalho e a primeira etapa da obra.....	68
2.5 Inauguração de Brotas: política e publicidade – segunda etapa.....	73
2.6 Brotas: finalmente um sistema de água tratada.....	76
CAPITULO III – OS TRANSPORTES E AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE.....	78
3.1 As máquinas e os sujeitos	78
3.2 O automóvel e os novos ritmos.....	79
3.3 As ferrovias rumo ao Sertão de Pernambuco.....	84
3.4 A chegada do trem em Afogados da Ingazeira: transformações no espaço urbano e no cotidiano.....	86
3.5 Transporte ferroviário em crise.....	91

CAPÍTULO IV – CULTURA E EDUCAÇÃO: OS SUJEITOS E O PROGRESSO ATRAVÉS DAS IMAGENS.....	94
4.1 Fotografia, cidade e sujeitos.....	94
4.2 Espaço, família e cotidiano através das imagens.....	95
4.3 Os sujeitos e a construção do progresso	101
4.4 A chegada do cinema e a vida noturna em Afogados da ingazeira.....	105
4.5 Influências do catolicismo na educação.....	108
4.6 A chegada do rádio e as transformações culturais	110
4.7 Igreja e sociedade: a Rádio Pajeú ampliou a voz da comunidade católica na região.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

Através das imagens, pretendemos identificar e problematizar a modernidade em Afogados da Ingazeira, município localizado no Sertão do Pajeú - Pernambuco. Nosso objeto de pesquisa é a cidade, o espaço de transformações urbanas, econômicas e culturais, mas também, de experiências com a tradição e a modernidade.

Este trabalho está inserido no campo da história cultural, entretanto, dialoga com temas e autores inseridos no âmbito da história social. Consideramos possível, porque os pressupostos direcionados para a temática cultural, não excluem elementos relacionados ao cotidiano, às transformações urbanas e aos sujeitos. É claro, delimitando conceitos e atento para as adequações historiográficas, isto, como parte nas mediações que utilizamos.

É importante assinalar que a discussão teórica, que visa compreender a modernidade, é ampla, profunda e de múltiplos significados. Portanto, nos apoiamos em trabalhos de autores preocupados com o moderno em seu movimento histórico de transformações na economia, na política, na cultura e nas cidades, conseqüentemente, na vida das pessoas.

A experiência com a modernidade é realizada de imediato no espaço urbano. As contradições advindas daí, constituem-se em múltiplas facetas, com diversos significados. Vejamos o que diz Sandra Jathay Pesavento: *“A cidade é, por excelência, um objeto de múltiplos olhares, escritas e leituras, que traduzem, por sua vez, uma pluralidade de saberes e sensibilidades sobre o fenômeno urbano”*¹.

Ou seja, as sensibilidades no contexto das transformações culturais estão relacionadas às experiências cotidianas diante do novo, do belo, dos símbolos de poder e de “grandeza”. Daí o surgimento de trabalhos que apresentam múltiplas

¹ PESAVENTO, Sandra Jathay. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre, p. 282.

faces da modernidade, incluído as contradições históricas em suas diversas formas de expressão.

Neste caso, Walter Bejamim apresenta características da sociedade contemporânea, com um olhar para o nível de desenvolvimento tecnológico, da mesma forma, com um foco nas pessoas. Vejamos, que ao observar as ruas e a multidão como fenômeno das metrópoles europeias, logo remete à perspectiva do novo, do belo e do ritmo alucinante, surgidos no âmbito da modernidade.

Considerada como característica marcante nos espaços urbanos, a figura do *flâneur* é descrito como alguém que vaga pela Paris (na segunda metade do século XIX), transitando pelas famosas avenidas, ruas e galerias². Com um olhar para os transeuntes, os anônimos, que vivenciam, através das experiências urbanas, relações sociais que estão inseridas no cenário de novos paradigmas, onde os contrastes, a divisão de classes, aparecem como expressão das contradições políticas e econômicas. Ao passo que, tudo isso remete ao estatuto da propriedade e do poder político.

De tal modo, que as vias e artérias transformaram-se, surgindo novas criações na arquitetura urbana, modificam-se também os comportamentos e os hábitos. Neste caso, o autor observa atento – nas pegadas de Baudelaire – as galerias, o seu papel simbólico materializado na estrutura urbana onde a multidão (os anônimos) circula diariamente e “*As galerias uma nova descoberta do luxo industrial...*”³, são partes dessa paisagem “fenomenal”, onde as mercadorias manifestam-se sob o signo do *fetich*e, escondendo por trás das aparências, a formação do valor e o processo de produção do mundo capitalista⁴.

Marshall Berman realizou amplo estudo sobre a modernidade e os seus impactos. Em uma de suas obras, ele retoma uma perspectiva marxista, atualizando-a no contexto do século XX; onde analisa a modernidade em seu movimento histórico e contraditório: “Assim, o impulso dialético da modernidade se volta

² BEJAMIM, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo Brasiliense, 1994.

³ BEJAMIM, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo Brasiliense, 1994, p. 35.

⁴ MARX, Karl. A mercadoria. In: Contribuição à crítica da economia política / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. – 2 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 51-81.

ironicamente contra seus primitivos agentes, a burguesia”⁵. O autor apresenta a ideia de uma burguesia em fase de decomposição – em maior ou menor grau – onde os valores e os objetivos já não cumprem os mesmos princípios revolucionários, vivenciados na Revolução Industrial e no auge do Iluminismo.

O autor também retrata o fenômeno da modernidade na sua estética, observando as ruas, a arte e o “heroísmo da vida moderna”, apresentando de forma multifacetada, o complexo desenvolvimento das forças capitalistas, que, sob o signo das novas técnicas, ultrapassam as fronteiras geográficas e do imaginário humano. O novo e o belo transformando os espaços e o modo de vida das pessoas⁶.

No aspecto estético, econômico e social, a cidade é o palco da modernidade, das relações comerciais burguesas, mas, também das profundas transformações. Por tratar-se de uma estrutura mundial, está interligada há uma complexa e eficiente rede de tecnologias que integra países e continentes, cidades e regiões. Concomitantemente, carrega em si, contradições históricas inerentes ao próprio modo de produção capitalista.

Contradições que estão na base das relações de produção e de consumo, da estética e, da ocupação dos espaços. Recorremos a Stella Brescianni, no sentido de observarmos a cidade em suas estruturas urbanas que revelam dimensões da modernidade: “Entre as possibilidades de entrar na cidade moderna, escolhi aquela que se detém na sua materialidade: implantação no terreno, traçado de ruas e praças, as formas arquitetônicas de seus edifícios públicos e particulares”⁷. Ou seja, a escolha da autora, inclina-se para a formação do espaço urbano numa configuração voltada para a estética com a preocupação nos traçados das ruas, nas construções públicas e particulares.

Em outro trabalho, intitulado *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*; no capítulo *A descida aos infernos*, Brescianni dialoga com a obra de

⁵ BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moises, Ana L. Lorientte. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 31.

⁶ BERMAN, Marshall. Baudelaire: o modernismo nas ruas. In: Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moises, Ana L. Lorientte. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 158-203.

⁷ BRESCIANNI, Maria Stella Martins. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos César de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 238.

Engels⁸ ao tratar da moradia dos operários ingleses, destacando as péssimas condições e superpopulação.⁹ A preocupação da autora é mostrar o outro lado da modernização, destacando os seus efeitos na vida dos trabalhadores.

Nesse contexto, uma característica decisiva é o ritmo intenso, as transformações ganham velocidade, as metrópoles estão dominadas pelo mercado e o consumo; um verdadeiro turbilhão de acontecimentos. Mais uma vez, a análise de Berman nos mostra a sociedade contemporânea através de uma leitura marxista, o caráter contraditório e dialético da modernização, quando o autor discorre sobre o crescimento das forças produtivas e o papel da burguesia na conjuntura capitalista.

Nesse contexto de transformações, também é perceptível modificações nos hábitos e nas práticas culturais. Sociedades são abaladas com a força e a velocidade da modernização. Essa análise que caracteriza a modernidade como um processo universal de ritmos intensos e amplo poder tecnológico, também é condicionada – através das suas premissas – a promover rupturas com o passado e as suas tradições. Esta é, portanto, uma perspectiva comum à maioria dos autores que tratam da modernidade no campo das ciências sociais.

Mudanças no modo de vida, na cultura contraditoriamente aos costumes e tradições são algumas das características da modernidade. Na perspectiva de Anthony Giddens, através da sua obra *As consequências da modernidade*, nos dá uma ideia de complexidade e incerteza: “O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso”.¹⁰ Em alguns casos, essa complexidade provocou conflitos sociais ou guerras, pois as contradições também estão na essência da modernização.

No caso do Brasil, não ocorreu da mesma forma, suas peculiaridades no processo histórico abriram caminhos diferentes na adoção de padrões, no desenvolvimento do mercado interno, na industrialização e no uso de equipamentos

⁸ ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra / Friedrich Engels; tradução B. A. Shumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Neto. [Edição revista]. – São Paulo: Boitempo, 2010. A autora cita uma edição de 1975, destacando na obra, as condições de vida e de trabalho dos operários ingleses.

⁹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza / Maria Stella Martins Bresciani. – 8ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 22-48.

¹⁰ GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade / Anthony Giddens; Tradução de Raul Fiker, p. 15.

modernos. Vários autores escreveram sobre esse processo histórico. Destaco aqui Sérgio Buarque de Holanda, quando em seus estudos na década de 1930, falava da nossa “herança cultural” e a força do campo em relação à cidade, analisando fazendeiros, instituições e todo o modo de produção, ou melhor, as contradições entre as necessidades de modernização e a estrutura agrária.¹¹

Inicialmente, o processo de modernização no Brasil teve o Rio de Janeiro como principal cenário. Por ser a capital federal, centro do poder político e local de transformações socioculturais, no final do século XIX e início do século XX, foi o palco estratégico das elites, de implantação de um modelo civilizatório das metrópoles europeias, em particular, de Paris¹².

O processo de desenvolvimento urbano e industrial nas capitais brasileiras como: Rio de Janeiro, São Paulo e Recife foram repletos de conflitos e lutas de classe. Em maior ou menor grau, a modernização chegou com força – seguindo um movimento mais geral determinado pelas diretrizes capitalistas – ao mesmo tempo, carregado de enormes contradições¹³.

A força da tradição agia como um sistema político, econômico e cultural, disputando e convivendo com a modernização, isto de forma muito marcante no Nordeste, tendo nas oligarquias, uma presença determinante. Neste sentido, dialogamos com o trabalho acadêmico de Antônio Paulo Rezende, que trata da modernização em Recife na década de 1920¹⁴.

No processo de modernização, ocorrido em cidades brasileiras, observa-se uma “sintonia” que tem, como base material, os pressupostos do próprio sistema. Notadamente, interliga os grandes centros às pequenas e médias cidades e, neste sentido, ampliamos nossa perspectiva historiográfica, dialogando com outros autores

¹¹ Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque. Herança Rural. In: *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 73-92.

¹² Ver: SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

¹³ Ver: SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998.; CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial/Sidney Chalhoub – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.; REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX/Antônio Paulo – Recife: FUNDARPE, 1997.

¹⁴ REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX /Antônio Paulo – Recife: FUNDARPE, 1997.

preocupados com os estudos urbanos da modernidade. Nos trabalhos de Gervácio Batista Aranha, encontramos suporte para a nossa pesquisa, principalmente, na sua Tese de Doutorado sobre o trem e a modernidade no Nordeste¹⁵. Este autor desenvolve uma abordagem sobre uma “sintonia” que existe entre o processo de modernização nos grandes e médios centros urbanos e nas pequenas cidades:

Essas conquistas materiais se instituem por toda parte como símbolos modernos de valor universal, significando com isto, que qualquer contato com um ou outro desses símbolos, independentemente do porte da cidade que realiza a conquista, possibilita que esta cidade passa a ser moderna ou cidade em sintonia com o mundo civilizado (ARANHA, 2003, p.80).

Estudamos a modernidade, os reflexos, a simultaneidade com as transformações, promovidas em escala nacional e regional, considerando os ritmos bem diferentes das capitais e das cidades de médio porte. Ao passo que Afogados da Ingazeira passou por um processo de modernização inicial, o que possibilitou a instalação de alguns símbolos modernos, como o trem, a luz elétrica, o cinema entre outros. Portanto, compreendemos que esta “sintonia” tem a ver com uma espécie de conexão e interligação. Sendo que é da própria natureza do sistema capitalista a extensão de mercados regionais e a produção de mercadorias, criando assim, as possibilidades de ampliação do consumo. Evidentemente, no contexto do nosso objeto de pesquisa, isso ocorre de forma reduzida e em menor escala.

As imagens formaram a base da nossa pesquisa e permitiu uma leitura relativa dos fragmentos de tempo e espaço, desse processo de modernização estabelecido pelo recorte temporal (1935 a 1975). As fotografias revelaram informações, vestígios e sinais sobre estruturas urbanas, práticas culturais e transformações no cotidiano.

¹⁵ ARANHA, Gervácio Batista. Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925), Campinas-SP: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2001.

FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

A análise das fotografias, através de ferramentas teórico-metodológicas, permitiu-nos construir esta dissertação. A fotografia foi a principal fonte e sua linguagem possibilitou um olhar para o passado – ou parte dele – e, por isso, encontramos caminhos, indícios e sinais.

O fenômeno da fotografia encontra-se subjacente às transformações socioculturais e está inserida no processo da Revolução Industrial. Advento que promoveu – entre outras – o aperfeiçoamento das técnicas de imagem (fator constante e cada vez mais sofisticado). A sociedade ganhava uma nova forma de imitação do real, segundo KOSSOY “uma verdadeira revolução estava a caminho...”¹⁶.

Com o avanço no campo das tecnologias midiáticas, as discussões sobre as novas linguagens, no mundo contemporâneo, tiveram reflexos imediatos no meio acadêmico; especificamente no campo historiográfico, diversas possibilidades foram desenvolvidas no decurso do século XX, particularmente, com o legado da *Escola dos Annales*¹⁷ que, entre outras coisas, proporcionou a ampliação das fontes de pesquisa.

A fotografia como documento – com seus códigos e linguagens – começa a ser trabalhada na França, através dos historiadores da terceira geração dos Annales. Autores como Le Goff e Pierre Nora, avançam nos estudos sobre os novos problemas, novas abordagens e novos objetos. No campo historiográfico, a fotografia é inserida nos estudos e passa a ter um caráter de valor documental, uma fonte de pesquisa, um arquivo de memória visual.

Uma possibilidade de problematização, visto que não é algo neutro, mas fruto de escolhas; ângulos e enquadramentos que podem modificar todo um contexto. O autor pode escolher ideologicamente a perspectiva que pretende estabelecer na produção da imagem. Philippe Dubois em *O ato fotográfico e outros ensaios*,

¹⁶ KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 27.

¹⁷ Ver: BURKE, Peter. Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia. 6ª ed. São Paulo: UNESP, 1997.

ênfatiza: “A caixa preta fotográfica não é um agente reprodutor neutro, mas uma máquina de efeitos deliberados”.¹⁸

Pode ser produto de uma ideologia e, ao mesmo tempo, produto sociocultural, na medida em que a fotografia está determinada por meios técnicos na sua produção, proporcional às condições ideológicas e estticas possíveis. Ana Maria Mauad faz a seguinte menção: “*A fotografia deve ser considerada como produto cultural, fruto de trabalho social de produção sgnica. Neste sentido, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural.*”¹⁹

Esta produção cultural, no caso da fotografia, lança-nos nouro universo repleto de significados, sua dimensão apresenta certa complexidade para uma pesquisa histórica, uma vez que, trata-se de um trabalho de investigação documental. Entendemos que se refere a um documento especial por oferecer um apelo visual. Neste sentido, a fotografia apresenta outras linguagens, outros níveis de interpretação. Dessa maneira, pode ser considerada fonte repleta de informações a serem decodificadas.

Ao considerar as diversas possibilidades de trabalho com a fotografia, apoiamo-nos na obra de Boris Kossoy.²⁰ Este autor trabalha com a perspectiva da fotografia enquanto documento, e assim passa a ser portador de múltiplas significações, isto é, a linguagem fotográfica apresenta uma proposta que transita entre a subjetividade e a objetividade, ou melhor, ao romper com uma determinada linearidade – porque uma fotografia também é uma escolha – esse processo pode expressar uma representação do real, ou um fragmento do real, dando margem  imaginação.²¹

¹⁸ DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993, p. 40.

¹⁹ MAUAD, Ana Maria. Atrves da Imagem: fotografia e história – Interfaces. In *Tempo*. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Vol. 1 n 2, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996, (pp 73-98), p.11.

²⁰ KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

²¹ KOSSOY, Boris. Iconologia: Caminhos da Interpretação. In: KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, cap. 5, p. 97-121.

No entanto, na nossa perspectiva, a fotografia enquanto “espelho do real” ou fragmento da realidade, requer uma análise, uma observação cuidadosa, visto que, trata-se de um documento portador de informações objetivas e subjetivas. Assim, problematizamos a partir de um estudo teórico-metodológico, integrando outros campos de pesquisas relacionados aos estudos de imagens, na medida em que a fotografia enquanto representação do real, não pode ser definida como algo fechado em si mesmo, porém, como um ponto de partida para uma análise científica, não obstante, uma atenção para os possíveis desdobramentos que poderão insurgir sob o formato de múltiplas configurações.

A captação de uma imagem pode possibilitar a apropriação de outras imagens, onde diversas faces podem ser reveladas a partir de novas práticas culturais representadas, os costumes, o cotidiano, podem adquirir novos significados. Nesta visão multifacetada da fotografia, referenciamo-nos na proposta teórica de Severino Cabral Filho:

Assim, propomos a análise das imagens fotográficas como documentos que permitem uma associação das práticas sociais, das experiências vividas e a sua dimensão simbólica, considerando as tensões e conflitos que, historicamente, permeiam as sociedades. Essas imagens podem ser significadas como produtos de um universo pleno de representações e que possibilitam a elaboração de outras representações num fluxo contínuo cuja inspiração floresce com as demandas sociais e históricas, razão de ser dos cientistas sociais²².

A imagem fotográfica, quando analisada numa perspectiva mais ampla, integrada e relacionada, dialeticamente, ao contexto social, pode potencializar os campos investigativos, sendo que, na tentativa de nos aproximarmos de uma determinada realidade, escolhemos a imagem como ponto de partida para a investigação. Neste trabalho, constatamos a existência de possibilidades através de vestígios, rastros e experiências de tempo e espaço, ou seja, a busca por recuperar uma realidade, levou-nos ao encontro de um universo rico em informações e significados que, através do método indiciário, procuramos desvendar, interpretar e problematizar.

²² CABRAL FILHO, Severino. *Imagens e Imagens: a pretexto de uma introdução*. In: *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB em 2007, p. 13.

FOTOGRAFIA E METODOLOGIA

Ao reduzirmos a escala de observação, nosso campo de investigação pode ser potencializado. Segundo Giovanne Levi: “A micro-história como prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”²³. Neste campo historiográfico, apoiamo-nos, principalmente, na obra de Carlo Ginzburg. Este autor italiano escreveu um texto intitulado *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*²⁴, onde fundamenta as bases do seu trabalho, que em síntese, estabelece o método morelliano de examinar os pormenores mais negligenciáveis; o método e inquérito em Holmes através da relação de indícios imperceptíveis para a maioria e a investigação freudiana, da pintura ao gesto e às palavras²⁵.

Com o método indiciário é possível uma análise das imagens com foco na diversificação da linguagem visual, inclusive no aspecto intertextual. A imagem fotográfica enquanto linguagem visual é portadora de códigos, símbolos e significações, podendo estabelecer relação e interação com outras imagens ou códigos linguísticos (texto escrito).

No entanto, a fotografia é um fragmento da realidade, uma imagem de uma determinada situação. Para Dubois, o tempo continua a correr e o espaço a modificar-se, a fotografia apenas congelou para a eternidade aquele fragmento, que não é a realidade como um todo, mas uma partícula desta; ou seja, a passagem “... de um tempo evolutivo há um tempo petrificado, do instante à perpetuação, do movimento à imobilidade, do mundo dos vivos ao reino dos mortos, da luz às trevas, da carne à pedra”.²⁶ O autor, utilizando-se de metáforas, nos conduz a uma reflexão sobre o momento, o instante da fotografia, que de fragmento da realidade pode passar da “eternidade” para a “perpetuação”.

²³ LEVI, Giovanne. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UESP, 1992, p. 136-137.

²⁴ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²⁵ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-151.

²⁶ DUBOIS, Phelippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993, p.168.

Na nossa perspectiva metodológica, a fotografia não pode ser considerada uma fonte com precisão total, contudo, através do método indiciário de análise, onde estão expressos códigos, linguagens ou mensagens; poderão ganhar novos significados, novos sentidos:

A fotografia comunica através de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se, enquanto tal, em códigos convencionados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens.²⁷

A fotografia enquanto portadora de memória visual pode abrir uma nova perspectiva historiográfica, isto é, através de análise crítica, ampliar o nosso campo de visão, nossa forma de compreender a relação da imagem com o contexto social. A história, enquanto ciência, apresenta novos campos de pesquisas, novas linguagens, novas fontes, para além dos textos escritos. Ao desenvolver uma análise crítica da imagem, abre-se a possibilidade de alcançar um nível de leitura capaz de dar sentido, de ressignificar imagens no espaço-tempo, relacionando-a ao contexto histórico e social da época.

Foi através do apoio teórico-metodológico que possibilitou os procedimentos necessários para um estudo desse porte, que implicou em estudos sobre fotografia para ampliar os conhecimentos sobre as formas de utilizar as imagens através de método científico e seguindo todo um percurso fundamentado em bibliografia específica sobre o tema.

Um trabalho de análise das fotografias produzidas em Afogados da Ingazeira dentro do respectivo recorte temporal, utilizando como suporte para o indiciamento e a identificação das imagens, um conjunto de fontes selecionadas, principalmente: literatura memorialista, jornais de Recife (com circulação no estado de Pernambuco), atas da Câmara Municipal de Vereadores e uma significativa bibliografia regional tratando de temas do Nordeste e do Sertão do Pajeú.

²⁷ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

Nestes documentos, encontramos indícios que nos indicaram caminhos e possibilidades de enxergar fragmentos do passado e significá-los. O suporte para compreendermos alguns enigmas e os seus “esconderijos” nas imagens, nos coloca no âmbito da verossimilhança, viabilizando uma produção acadêmica na área de cultura e cidades.

A maior parte das fotografias, pertencentes e disponibilizadas por intermédio do acervo do memorialista Fernando Pires, todas com data e a maioria com algum tipo de descrição das imagens. Constitui-se um material que foi utilizado para compreendermos o processo de modernização, necessário à interpretação e à problematização das imagens selecionadas. Com isso, construímos, a partir desta perspectiva, uma contribuição historiográfica da cidade.

As fontes escritas foram o suporte necessário para a análise e compreensão das imagens a partir da problematização. Em alguns casos, o fazer investigativo implicou em breves exposições explicativas; sobre datas e detalhes técnicos, pois, no processo de escrita, leva-se em consideração a responsabilidade acadêmica com um trabalho desse porte.

ESTRUTURA E RECORTE TEMPORAL

Resolvemos adotar o recorte temporal que percorre, de 1935 a 1975, tendo como um período inicial dos primeiros sinais de progresso na década de 1930, com a centralização dos acontecimentos na praça principal (feira, comércio, religiosidade) e nas décadas seguintes a instalação de escolas, da estação ferroviária, cinema e rádio etc. Em 1975, a inauguração da barragem de brotas, configura-se como uma espécie de ciclo preliminar de modernização.

No primeiro capítulo, iniciamos com a apresentação dos pressupostos históricos, em seguida, identificamos o núcleo central, o tradicional e moderno convivendo; os contornos da modernização através da urbanização da praça, as preocupações com as reformas e o embelezamento. Discorreremos sobre o protagonismo do religioso e político, Monsenhor Arruda Câmara, este, associado ao desenvolvimento local, conseqüentemente, está inserido no processo de modernização.

No segundo capítulo, desenvolvemos uma abordagem, tratando da cidade e das questões relacionadas à água. Através de um olhar para a higiene, hábitos e costumes, dialogamos com o sociólogo Gilberto Freyre e com o historiador João José Reis. Observamos o processo de urbanização relacionando-o ao crescimento da cidade que atinge – através da expansão urbana – as margens do rio Pajeú (na década de 1950). Incluímos, na discussão, o problema das enchentes, com breves relatos de memorialistas. Na última parte do capítulo, identificamos a problemática do abastecimento e a construção da barragem de brotas como um marco no progresso.

No terceiro capítulo, analisaremos o papel das máquinas, especificamente na área de transportes: o automóvel e o trem. O luxo, a representação social do automóvel para os moradores. Os contornos, a implantação das ferrovias no estado de Pernambuco e a chegada do trem em Afogados da Ingazeira. Analisaremos os efeitos deste símbolo moderno (o trem) e a implantação de toda uma estrutura ferroviária na cidade. Através de fotografias, mapas e análise de estudos acadêmicos, faremos uma problematização, tendo como base, os aspectos do desenvolvimento econômico e urbanístico, bem como, algumas consequências da crise nacional e os seus efeitos no transporte ferroviário.

No quarto capítulo, abordamos a cultura material e os sujeitos através das fotografias. Nesta viagem ao mundo das imagens, também, observamos os atores, presentes neste palco teatral da vida, da atuação de homens e mulheres. O papel do cinema e a possibilidade de mudanças nas práticas culturais. A educação e o rádio, ferramentas de formação e informação no contexto de influência do catolicismo. Integramos neste capítulo, uma breve análise da transição do Bispo Dom Mota para Dom Francisco, configurando-se como parte integrante das transformações históricas em Afogados da Ingazeira.

CAPÍTULO I – O CENTRO DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES URBANAS, POLÍTICAS E CULTURAIS

1.1- DA FAZENDA À CIDADE: ESPAÇO, POVOAMENTO E HISTORIOGRAFIA

A formação das cidades no Brasil está inserida no processo histórico determinado pelo mundo rural. Sérgio Buarque de Holanda, já apresentava, na década de 1930, estudos refletindo sobre essa questão: *Toda a estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos*²⁸. No caso específico da região do Pajeú, Sertão Pernambucano, a colonização teve origens com a expansão do gado. O povoamento foi desenvolvendo-se a partir das atividades de vaqueiros baianos²⁹, ao passo que as rotas, que levavam o gado da região do rio São Francisco para o interior do Sertão de Pernambuco da Paraíba³⁰, foram um fator determinante para a formação de fazendas e povoados em terras pertencentes à Vila de Flores.

As rotas dos vaqueiros, fazendeiros e almocreves, visando comercialização de animais e mercadorias, configuraram-se conforme condições decisivas no processo de povoamento da região. Discorrendo sobre esse período (final do século XVII), Alves destaca a importância das rotas dos viajantes e, conseqüentemente, das fazendas no processo de expansão: *“As populações mestiças cresciam em torno das fazendas, de onde nasceram os povoados que serviam de pouso aos viajantes e, mais tarde, se transformaram em vilas e cidades”*³¹.

Nas regiões do Agreste e no Sertão Pernambucano, desenvolveu-se, até o final do século XIX, uma atividade econômica escravista, relacionada ao trabalho no cultivo do algodão e na criação de gado³². O algodão, devido ao crescimento da indústria têxtil europeia, foi um dos principais produtos que impulsionou a agricultura

²⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 73.

²⁹ Nelson Barbalho – Cronologia Pernambucana – Vol. 4.

³⁰ ALVES, p. 29

³¹ ALVES, p.30.

³² PRADO Jr, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*, 1957, p. 186.

nordestina da época, sendo significativa a participação desta região no processo econômico agroexportador.

Nesse processo histórico, destaca-se o primeiro núcleo de povoamento da região do Pajeú, localizado na Vila de Flores, também responsável pela ordem jurídica da região, foi a primeira comarca do Sertão Pernambucano. Nessa comarca, a ausência de uma administração bem definida pode ter causado dificuldades no estabelecimento de leis e regulamentos, resultando em uma vasta extensão territorial sob o controle de fazendeiros e chefes políticos.

As terras do vasto interior, estavam, ao longo do século XIX, divididas em grandes sítios, fazendas e engenhos, pertencentes aos importantes senhores tenentes, capitães e coronéis de ordenanças e da guarda nacional e titulares outros, que dirigiam seus “feudos” com autoridade absoluta, participavam das lutas políticas na Vila...
SOUZA, p.181.

No contexto socioeconômico, marcado pelo desenvolvimento da pecuária – predominante na região – foi, inclusive nos momentos de seca, o tipo de atividade viável para sobrevivência. Essa prática, provavelmente já era comum em diversas regiões do Nordeste desde o século XVII.

As áreas secas do interior do Nordeste, de Pernambuco ao Ceará constituíam o domínio dos índios até a primeira metade do século XVII. A ocupação dos portugueses foi lenta, seguindo a implantação e o desenvolvimento da pecuária, única atividade que era possível instalar na região das caatingas. ALVES, p. 16.

É neste cenário regional, que observamos Afogados da Ingazeira na sua origem, desde fazenda de criação, pertencente ao Coronel Francisco Ferreira da Silva, localizada nas margens do Rio Pajeú³³, provável ponto de parada de viajantes em trânsito para outros estados do Nordeste, fator que possivelmente contribuiu para a formação do povoado. Afogados da Ingazeira tornou-se parte territorial da Freguesia de São José da Ingazeira e, esta última, pertencente à Freguesia de Vila de Flores até 1836, quando fora desmembrada através de lei provincial³⁴.

³³ PIRES, Fernando, p. 51.

³⁴ PIRES, Fernando, p. 29.

No processo de povoamento e, no estabelecimento da legislação (agora no Período Republicano), registra-se, na historiografia regional, um avanço significativo para a economia e a estrutura administrativa com a edição da Lei n. 991, de 01 de julho de 1909, o povoado passou à cidade, tendo como primeiro prefeito o português Alfredo Adolfo Ferraz da Costa³⁵.

1.2 – A FUNDAÇÃO DA CIDADE E O PRIMEIRO NÚCLEO DE POVOAMENTO

Por ser o centro comercial, político e religioso, os acontecimentos significativos giravam na praça ou no seu entorno. Com base em indícios, faremos uma análise deste espaço que é considerado um lugar de experiências com a modernidade. A praça central de Afogados da Ingazeira era um local de múltiplas atividades. À noite, o passeio, o namoro, as festas, a missa; diversas possibilidades onde as novidades apareciam e novos hábitos surgiam. Alguns jovens ficavam esperando a hora da sessão do cinema – localizado bem próximo – sendo a praça um ponto de encontro para a diversão e para o lazer.

Em dias de feira, as pessoas circulavam nesta área, passando pelas bancas de verduras, frutas, cereais. Nos bares e nos estabelecimentos comerciais, conversavam e consumiam, visto que a praça era o espaço da feira municipal, atrativo semanal e ponto de integração, onde realizavam-se negócios, compra e venda de produtos. Logo cedo, chegavam moradores das cidades vizinhas, bem como, consumidores da própria cidade, dos sítios e povoados da região.

Além de ser o espaço da feira, a praça simbolizava o poder institucional (administração política) e poder religioso (igreja católica), ao mesmo tempo uma área de livre acesso, um lugar onde as pessoas podiam passear livremente. Também, existia um coreto onde as bandas tocavam. Era um local que povoava o

³⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 20.

imaginário. Um espaço em outro espaço que compunha um conjunto de relações de sociabilidade e práticas culturais.



Foto 1: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Esta imagem da Praça, que já foi chamada de Praça da Rua do Comércio e Praça Domingos Teotônio³⁶, é possível observar uma pequena parte da igreja à direita ao fundo, esta é a localização da lateral da praça onde era realizada semanalmente a feira. Algumas bancas indicam a venda de produtos pertencentes aos feirantes. A fotografia foi centralizada numa perspectiva direcionada para o espaço da feira onde as pessoas andam no meio da rua (provavelmente a ausência de trânsito de automóveis, favoreceu este movimento de circulação). À esquerda, há algumas árvores proporcionando sombra para as pessoas nas rodas de conversa e, também, local apropriado para amarrar os animais.

³⁶ Revista Movimento, p.13.

O núcleo inicial de povoamento, a praça, principal centro religioso, econômico e político, tem como destaque no plano estético, o prédio da igreja. Na primeira metade do século XIX foi construída uma capela com invocação ao Senhor Bom Jesus dos Médicos, que, posteriormente, foi transformada em um amplo espaço religioso com invocação ao Senhor Bom Jesus dos Remédios³⁷.



Foto 2: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Esta imagem nos dá uma ideia de vazío. A paisagem que se caracteriza (na foto) pela predominância do chão de terra e a ausência de pessoas, nos faz refletir sobre o nível de desenvolvimento regional, visto que, de um modo geral, o espaço urbano e a estética da época, eram compatíveis com a estrutura social das cidades. Essa condição expressava elementos socioeconômicos associados ao ritmo de povoamento lento e desigual, com influências advindas da administração colonial.

³⁷ Padroeiros pernambucanos, p. 17.

Ao mesmo tempo, a imagem expressa o papel simbólico da igreja como representação do poder religioso, que se fez presente desde o povoamento. No primeiro plano, à direita, um carro de mão nos leva aos indícios de trabalho, talvez o serviço de limpeza³⁸, visto que a praça também tinha um coreto para festas e, no espaço, realizavam-se eventos religiosos com participação da comunidade. Tudo isso, possivelmente, necessitava de um mínimo de limpeza e organização, posto que a fundação de Afogados da Ingazeira é centralizada neste espaço onde foi construída a capela e, posteriormente, a igreja, na atual Praça Monsenhor Arruda Câmara; consolidando a existência de símbolos e tradições, que remetem de certo modo, à formação histórico-cultural da cidade.

A historiadora Sandra Jathay Pesavento, em um amplo estudo sobre cidades, ao discorrer sobre as origens de Porto Alegre menciona: *“Todo ato fundador tende a sacralização”*³⁹. No caso específico do nosso objeto de pesquisa, essa “sacralização”, está ligada ao trabalho da igreja no processo de implantação do seu modelo religioso-institucional e da sua forma de produção da história (narrativas que incluem diversos documentos religiosos). Estas práticas possibilitaram a construção de uma memória fundante que, de certo modo, sacraliza as origens, bem como todo o processo de povoamento e urbanização.

Esse processo de desenvolvimento passava também por níveis de integração, neste caso um serviço postal, para viabilizar a comunicação com a capital e as cidades da região. Neste sentido, a instalação de uma agência dos correios foi um elemento de progresso. Com a função de realizar esses serviços, registra-se que *“Em 1873 (século XIX) a Vila de Afogados foi contemplada com a criação de uma Agência dos Correios da Província de Pernambuco.”*⁴⁰ Até 20 de março de 1969 essa instituição foi tratada como DCT (Departamento de Correios e Telégrafos). A partir daí, foi transformada em EBCT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos)⁴¹. O prédio foi construído na parte central da cidade.

³⁸ Não encontramos informações mais detalhadas sobre esse tipo de trabalho. Como hipótese, fica a possibilidade de ser um serviço da Prefeitura Municipal.

³⁹ PESAVENTO, Sandra Jathay. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre, p. 245.

⁴⁰ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, 165.

⁴¹ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, 165.

1.3 – SOCIEDADE DE TRADIÇÕES RURAIS E OS SÍMBOLOS DO PROGRESSO

Trata-se de uma sociedade ainda com frágil urbanização, utilizando-se das “velhas” técnicas, como carroças e carro de boi, cavalos, jumentos e burros para o transporte de pessoas e mercadorias. Considerando a força da tradição, observamos uma passagem na obra de Antônio Paulo Rezende, retratando o Recife da década de 1920, na qual dialoga com o nosso entendimento: *“No Recife, na década de vinte, a força da tradição e das dificuldades sociais e econômicas impedem que a modernidade tivesse a excitação e a velocidade das capitais europeias”* ⁴². E, no entanto, já era uma cidade marcada por certo ritmo, bem diferente de Afogados da Ingazeira.

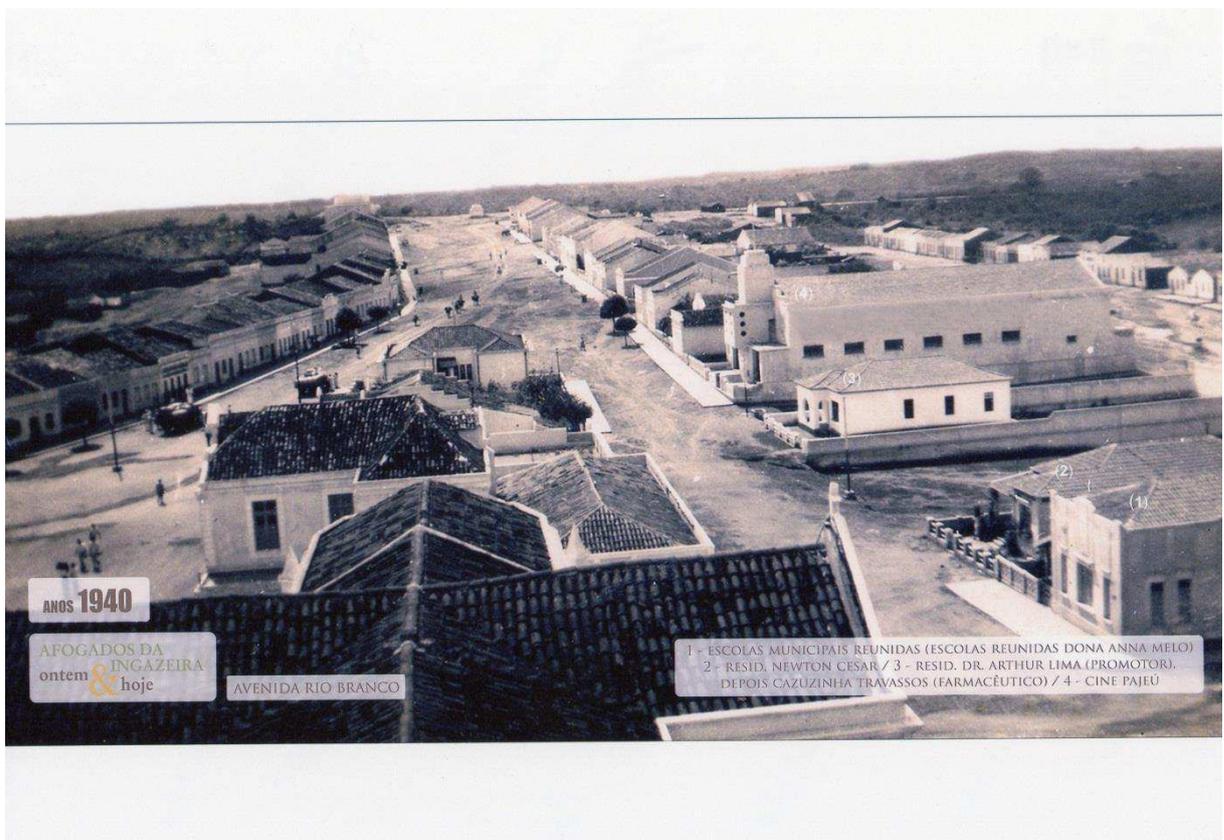


Foto 3: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

⁴² REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX, p. 58.

A fotografia, panorâmica, da Avenida Rio Branco, uma das principais artérias da cidade. Nesse contexto, quando a modernidade e as tradições estão na base de um processo social contraditório, marcado historicamente pela força do campo. No centro da imagem, algumas pessoas montadas em animais, seguindo provavelmente – para algum sítio ou povoado nas proximidades.

Essa imagem simboliza aspectos transitórios entre a tradição e o progresso, quando a convivência das novas técnicas com as velhas estruturas, configuraram-se em um movimento histórico que absorveu influências internas e externas. Por um lado uma tendência de industrialização em curso nas metrópoles nordestinas, na primeira metade do século XX, enquanto nas cidades do interior a força da tradição era dominante. Neste sentido, a construção do *progresso*, foi um processo lento, desigual e às vezes contraditório. Quando observamos alguns símbolos da modernidade como o cinema (à direita), um prédio significativo e com uma torre bem destacada e à esquerda, um automóvel, outro símbolo da modernidade, é possível focalizar um contrastando com um ambiente de costumes e tradições do campo, como exemplo, a constante circulação de pessoas montadas em animais pelas ruas da cidade.

Na tese de doutorado, intitulada *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*, Cabral Filho, ao analisar uma imagem da Rua Maciel Pinheiro com a Praça Epitácio Pessoa, no início da década de 1940, destaca: “*indícios da constituição da cidade através dessa convivência dos equipamentos e procedimentos modernos com a força da tradição*”.⁴³

Nesta sociedade, onde o uso das velhas técnicas como carroças de burro ou carro de bois permaneciam como recursos para o deslocamento e transporte de pessoas e mercadorias, configurando-se desse modo, como tradição histórica. No contexto social, registra-se a presença de alguns símbolos da modernidade, a exemplo do automóvel, sendo comum o trânsito de alguns carros (os poucos existentes) e de animais pelas ruas da cidade.

⁴³ CABRAL FILHO, Severino. *Imagens e Imagens: a pretexto de uma introdução*. In: *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB em 2007, p. 30.



Foto 4: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta imagem, duas pessoas no carro de bois, olhando provavelmente para a câmara e, duas crianças, sentadas no lombo do animal, neste momento, de “descanso”, percebe-se, ao fundo, outra criança, atenta ao que acontece. A fotografia registra o ambiente de uma rua no centro, ainda sem calçamento, algumas casas, com a pintura bem desgastada, e partes do reboco danificado. Todos os elementos estão associados ao estágio de desenvolvimento quando predominava os vínculos sociais entre o mundo rural, seus costumes e tradições.

O crescimento urbano, em que pesa a força da tradição, vai implicar em diversas mudanças na vida e na sociedade. Afogados da Ingazeira, até a década de 1930, era uma cidade sem qualquer planejamento, esse aspecto marcante, era reflexo das relações sociais que ligavam o núcleo urbano ao ambiente rural

(fazendas, sítios e engenhos). A cidade estava distante das tecnologias e da maioria das máquinas modernas da época.

Em Afogados da Ingazeira, com outras dimensões, o desafio seria romper com as tradições e os laços de um passado estruturado no modelo histórico, baseado na produção agrária e na pecuária. No entanto, o que demonstram as evidências é a configuração de um processo histórico, no qual, tradição e modernidade conviviam no mesmo espaço, em harmonia, ou sustentados nas contradições sociais.

O fato é que os equipamentos modernos foram implantados de forma lenta devido às condições de recepção, registra-se a reprodução de alguns padrões já vivenciados em algumas cidades. Por outro lado, os interesses de lideranças políticas, comerciantes, representantes da igreja ou proprietários de terras, eram decisivos para tal empreendimento. Ou seja, a voz da política, as ações de governos e parlamentares era fator determinante para o desenvolvimento.

1.4 – O CENTRO DA CIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS

No centro da cidade, localiza-se o comércio, o poder administrativo e o religioso. Espaço onde foram realizadas transformações urbanas visando uma nova estética como a construção de calçamento, a arborização, a construção de jardins e a iluminação na praça e na Avenida Rio Branco. Segundo memórias escritas: *“Na década de 30 do século XX, foi iniciada algumas transformações no espaço urbano, o prefeito Dr. Osvaldo Goveia, executou algumas ações de reestruturação física de ruas e casas, possibilitando algumas transformações na paisagem. Esse mesmo prefeito iniciou em 1930, a arborização da cidade...”*⁴⁴.

Neste núcleo central, mais especificamente na praça, ocorreram transformações na estrutura física, como o calçamento, a iluminação e os jardins.

⁴⁴ PIRES, p. 54.

Entretanto, do ponto de vista político e religioso, continuavam predominando o poder político e força tradicional da religião, através da Igreja Católica.

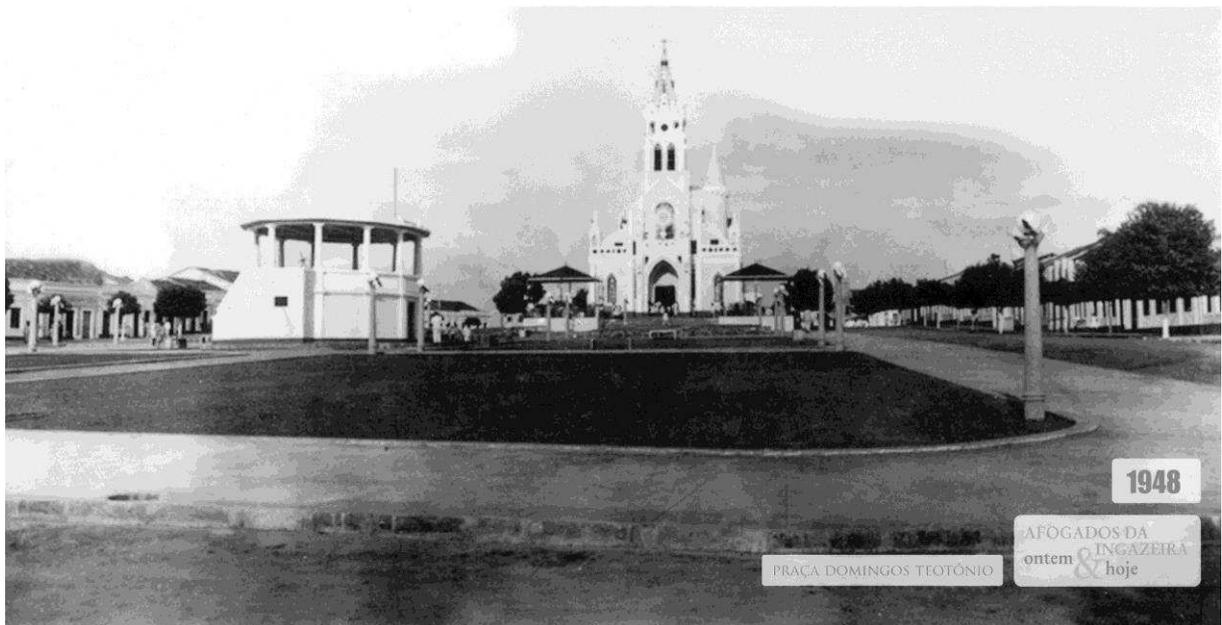


Foto 5: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta imagem, observamos no primeiro plano, as vias no entorno, onde a ausência de calçamento é nítida, mesmo considerando ser esse local, o centro do poder político e religioso. Nas laterais e no centro, os postes seguem alinhamento e espaçamento, isso para favorecer a iluminação de toda a praça, sendo que na época, a energia era produzida por um motor, tendo certas limitações em seu funcionamento⁴⁵. No segundo plano, observamos um panorama mais amplo: o coreto e a Igreja no centro.

⁴⁵ Sobre essa questão veja: PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, p. 70. O autor nos informa que o motor fornecia luz para a cidade e era ligado das 18h às 21h.

Refletindo sobre a praça enquanto espaço de sociabilidade, dialogamos com Azevedo quando discorre sobre a reforma de Pereira Passos no Rio de Janeiro, no início do século XX: *“No urbanismo do prefeito, a praça pública tinha um papel importante como lugar de encontro, convívio e agregação de pessoas, arregimentando a dispersão provocada pela vida na cidade moderna”* ⁴⁶. Mesmo sendo uma dimensão social bem mais reduzida do que o cenário tratado pelo autor, na Praça Arruda Câmara, havia essa possibilidade de convívio, sociabilidade e lazer.

A construção do calçamento foi uma forma de oferecer uma nova dinâmica para circulação de pessoas e automóveis, uma vez que o chão de terra provocava muita poeira na estiagem e lamaçal no inverno. Situação que exigia medidas do Governo Municipal.



Foto 6: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

⁴⁶ AZEVEDO, André Nunes de. A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 270.

A construção do calçamento era uma emergência para o centro da cidade, principalmente onde se localizava o comércio, a igreja, a prefeitura, bem como, residências da classe política, das autoridades públicas e dos comerciantes. Na imagem, as pedras de paralelepípedos indicam uma obra em andamento. À esquerda, uma mulher caminha com uma criança nos braços e, mais atrás, em segundo plano, próximo ao cinema, um homem, parado na calçada; mais à frente duas mulheres andando, formam uma paisagem bem definida, de um cotidiano ainda lento; uma calma que seria modificada relativamente com as transformações urbanas, nas décadas de 60 e de 70.

Uma das principais avenidas (a Rio Branco) é uma reta (que se divide em duas vias em determinado ponto), corta o coração da cidade. No final da década de 1940, iniciam-se as obras do calçamento das principais ruas do centro, neste primeiro momento, a Avenida Rio Branco foi contemplada com essa ação do Governo Municipal. Esta artéria integra-se a praça, formando o coração da cidade, interligando-se com outras artérias que levam para as partes mais afastadas do centro, onde a urbanização ainda não havia chegado. A reforma da praça foi priorizada como espaço de socialização, lazer e arborização, portanto, o embelezamento está associado às necessidades de novos padrões. Interesses do poder administrativo municipal e da Igreja Católica, ambas, instituição instaladas no centro da cidade.

No tocante ao catolicismo, predominante na região no período monárquico e, continuando na República, essa influência continuou, a instituição religiosa integrava um quadro geral, onde a defesa de valores conservadores em harmonia com as oligarquias prevaleciam. *Mesmo durante a vigência da República Velha demarcada pelo significativo atraso econômico, os valores conservadores predominaram por meio da hierarquia religiosa e as ordens políticas restritivas da oligarquia plutocrática.*⁴⁷ Essa hierarquia pode ser notada até nos espaços, quando ao destacar-se, pela sua altura, o prédio da Igreja apresenta representações de poder, grandeza e autoridade.

⁴⁷ POCHMANN, Marcio. Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil / Marcio Pochmann. – São Paulo: Cortez, 2010, p. 41.



Foto 7: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

A imagem mostra o ritmo lento da cidade. O coreto, à esquerda, sinalizando descontração, no fundo, a igreja, ponto de encontro dos adeptos do catolicismo e o principal prédio. Na década de 1950, a praça era um local privilegiado, por sua localização, havia interesses da elite que habitava aquele perímetro. Políticos, religiosos e comerciantes, impulsionaram as transformações urbanas. O embelezamento, a organização e a padronização, dentro de princípios civilizatórios, são iniciados nesta área.

Até aquele momento, na imagem, uma criança caminha entre os jardins da praça na direção do coreto. Neste cenário, observamos o plantio de árvores alinhadas, bancos para os visitantes, sendo evidência de uma nova estética que oferece beleza e padrão civilizatório, características de um modelo urbanístico moderno. Esta experiência estava nos projetos de reformas no Rio de Janeiro, bem como a ideia de arborização e convívio social nos espaços públicos, especialmente, nas praças quando foi instituída, inicialmente, na Capital Federal, no final do século

XIX e nas primeiras décadas do século XX. Esta proposta foi levada por engenheiros, arquitetos e políticos para outras capitais.

Não foi sem sentido que Passos teve grande preocupação com a reforma de praças públicas, sua arborização, sua disposição como espaço de convívio, com bancos caminhos e coretos de música no interior da praça e, principalmente, com o estabelecimento de uma distância dessas praças para com os outros elementos urbanos, a fim de destacar esse tipo de ambiente como espaço de uso da população, lugares de convívio no centro da cidade.⁴⁸

Lugar de uso público, lazer e sociabilidade, a praça principal de Afogados da Ingazeira, nesta época, demonstrava também as incertezas e os desafios quanto à modernização. Ainda, na foto acima, à direita, é possível observar a ausência de calçamento na rua (esta obra já havia sido iniciada em outro trecho do centro da cidade). De um modo geral, a conquista de novos horizontes implicava em transformações políticas e econômicas, medidas governamentais para potencializar esse processo modernizante. Para isso, era necessário lideranças, no âmbito político e religioso e esse protagonismo foi decisivo no curso do desenvolvimento.

1.5 – A ILUMINAÇÃO E A ESTÉTICA: UM OLHAR PARA O PROGRESSO E AS TRADIÇÕES

Um sistema moderno com amplos significados, que, originou-se de processos científicos avançados; a iluminação elétrica constitui-se em um marco de progresso para a sociedade contemporânea. Já em certo estágio técnico, foi implantado no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. No final do século XIX para início do século XX, este equipamento é instalado em cidades brasileiras.

Com estágios diferenciados, nas cidades brasileiras o sistema de iluminação segue padrões e etapas, que só o nível de desenvolvimento pode explicar. Um

⁴⁸AZEVEDO, André Nunes de. A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 270.

exemplo significativo ocorreu na capital paraibana, no início do século XX, onde passou do uso do querosene para iluminação elétrica: *“Um aspecto a considerar, em termos de iluminação pública na Paraíba, é que a experiência local passa diretamente da queima de querosene para a utilização da luz elétrica...”*⁴⁹

No tocante as cidades do interior, os ritmos são outros, o progresso caminhava em passos lentos. No caso do Sertão de Pernambuco, tratava-se de regiões distantes geograficamente da capital. Posto que, a força da industrialização não chegara e, conseqüentemente, a implantação de alguns símbolos modernos estavam momentaneamente impossibilitados de plena satisfação, visto que, a ausência de condições materiais e níveis de desenvolvimento ainda muito frágeis – inclusive a inexistência de energia elétrica – constituiu até certo ponto, obstáculo para determinados empreendimentos como comércio e serviços públicos.



Foto 8: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

⁴⁹ ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Paraíba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)*. In: *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*; 3ª edição; Campina Grande; EDUEFCG, 2006, p. 99.

Nesta imagem da praça, observamos algumas pessoas posando para fotografia, aproveitando a paisagem com jardins e toda uma estrutura estética, bancos, postes, à esquerda o coreto (localizado no centro da praça) formavam uma área de diversão, lazer e socialização, práticas relacionadas à vida cotidiana, através das experiências modernizantes, não obstante, ainda não havia luz elétrica, o que limitava o uso e a utilização dos espaços.

Desde o início da década de 1950, um dos grandes desafios no processo de urbanização era a iluminação pública, o motor que fornecia luz para a cidade era ligado às 18h e desligado às 21h⁵⁰, essa situação colocava obstáculos ao desenvolvimento da cidade que, na época, já necessitava de um sistema de iluminação mais potente. Em 1954, o prefeito Durval César com a cooperação da Câmara de Vereadores, adquiriu um motor para suprir a cidade de um novo sistema de iluminação pública. A energia passou a ser fornecida das 17h30 às 24h⁵¹.

A instalação de serviços públicos como iluminação (através de eletricidade), era uma etapa significativa no processo de desenvolvimento urbano. Em 1963, foi apresentado na Câmara de Vereadores, um pedido para apressar a ligação da energia de Paulo Afonso⁵². Este foi apenas um, entre tantos outros, que faziam o mesmo pedido às autoridades do Estado.

As instalações da energia elétrica de Paulo Afonso, foram inauguradas no dia 17 de agosto de 1966, pelo governador Paulo Pessoa Guerra, na gestão do prefeito José Rodrigues de Brito.⁵³ Este evento vai permitir uma iluminação com maior potencial e melhoria da qualidade. É claro que – a princípio – uma pequena parcela foi beneficiada, devido aos custos financeiros. Mas em algumas ruas do centro e na praça, era possível desfrutar dessa novidade, sendo mais um símbolo da modernidade que chegava ao município.

⁵⁰ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”/Fernando Pires. Recife: Ed. do Autor, 2004, p. 70.

⁵¹ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”/Fernando Pires. Recife: Ed. do Autor, 2004, p. 70.

⁵² Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores, em 20 de maio de 1963.

⁵³ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira: “Memórias”/Fernando Pires. Recife: Ed. do Autor, 2004, p. 70.



Foto 9: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Na fotografia, podemos perceber a presença da luz elétrica através de postes com lâmpadas, desta forma, a iluminação da praça – na década de 1970 – foi ampliada e, através desse sistema, a população podia frequentar o espaço no período noturno, pois a iluminação estava adequada aos padrões modernos das cidades grandes e médias.

Notadamente, a praça passou a ser o espaço público mais iluminado, considerando a sua importância essa lógica ganha sentido. Quanto ao simbolismo e as representações históricas e culturais, as autoridades rebatizam o espaço com o nome de Praça Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara. Ainda com a ideia de reconhecimento, constroem uma estátua em homenagem ao líder religioso e político afogadense.

Na década de 1970, a praça ganhara novos contornos com a derrubada do coreto. Essa ação expõe desejos de modernização e contradições, visto que, o

coreto da praça representava tradições e possivelmente, aquele vazio necessitava de ser preenchido, Isto é, pelo menos na parte física. Já no imaginário popular, ficou um vazio, de tal modo, que no livro de memórias de Fernando Pires, consta o seguinte registrado: “...paredes que, no seu conjunto formavam uma arquitetura ímpar para o embelezamento da cidade, tombaram por terra, deixando uma lacuna no centro da cidade e no coração de cada afogadense”.⁵⁴

Fica claro que a destruição de um símbolo tradicional, é também uma característica da modernização. Na perspectiva de Anthony Giddens: “Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes”⁵⁵. Neste caso, o projeto de modernidade superou a tradição; com isso, não consideramos uma regra geral nas pequenas cidades do interior, porém uma tendência, marcada pela força política e econômica do capitalismo. A transição entre a tradição e a modernidade implica em destruição e construção, uma perspectiva inerente ao processo modernizante, que por sua vez, é complexo e segue experiências de múltiplas facetas.

A experiência moderna desenvolveu-se através de contradições. Quando a destruição de modelos arquitetônicos, considerados ultrapassados, esgotados, do ponto vista estético, são substituídos pelo novo, considerado belo e, perfeitamente adequados aos padrões modernos. Walter Bejamim descreveu o processo de transformações na capital francesa: *A cidade de Paris ingressou neste século sob a forma que lhe foi dada por Haussmann. (destruição e construção da modernidade)*.⁵⁶ Destruição e construção, portanto, é uma lógica fundamentada em preceitos modernos, compatíveis com o modo de produção capitalista.

⁵⁴ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira: “Memórias”/Fernando Pires. Recife: Ed. do Autor, 2004, p. 147-148.

⁵⁵ GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade/Anthony Giddens; Tradução de Raul Fiker, p. 10.

⁵⁶ BEJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, vol. 3, 1991, p. 84.

1.6 – MONSENHOR DE ARRUDA CÂMARA: PROTAGONISMO POLÍTICO

A situação política a partir de 1930, com chegada de Getúlio Vargas ao poder, impõe demandas sociais de caráter estrutural. Mudanças na configuração política e institucional, neste caso, a prática intervencionista no Nordeste é decisivo na construção da nova configuração política. Segundo PANDOLFI:

Os interventores eram representantes diretos do poder central nos estados. Entretanto, mesmo se tratando de um delegado do Governo Provisório, não se pode deixar de pensar no interventor como um elemento relacionado com a classe dominante local.

Na República Velha predominava a influência dos coronéis e chefes políticos nas “indicações” ou determinações no tocante a nomeações de cargos políticos institucionais. Nesta conjuntura, os governos estaduais eram escolhidos – na maioria das vezes – em sintonia com o partido dominante. Na nova conjuntura, o interventor, embora necessitando atuar com a colaboração das forças políticas locais, não deve a estas sua permanência no poder.⁵⁷ Contudo, as alianças são “necessárias” para a estrutura governamental, no caso específico do Nordeste, destaca-se, a importância de atrair setores da burguesia açucareira do litoral, para essa nova composição.

Francisco de Oliveira destaca as contradições e localiza essa questão enfatizando: “*É significativo que a Revolução de 30 vá encontrar no poder de um Estado como Pernambuco, centro de gravidade desse “Nordeste” açucareiro, representantes daquela lumpen-burguesia açucareira (...).*”⁵⁸ Mas também, um nordeste de oligarquias com força política nas cidades do interior.

⁵⁷ PANDOLFI, Dulce Chaves. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.), *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 347.

⁵⁸ OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 62.

Desde a decretação do Estado Novo em novembro de 1937, quando Getúlio Vargas mandou fechar a Câmara dos deputados e o Senado,⁵⁹ o poder central tomava medidas cuidadosas e estratégicas para garantir a sustentação do novo regime, tratando de delegar poderes e estabelecer níveis de controle e coesão nos estados, da capital ao interior.

Em Pernambuco, três notáveis personagens, que nasceram no interior de Pernambuco: Agamenon Magalhães (Serra Talhada), Etelvino Lins (Sertânia) e o Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara (Afogados da Ingazeira). Os três, destacados no cenário nacional e estadual, com variações a depender das condições políticas, interesses e contradições. Esses políticos – inevitavelmente – estão inseridos na discussão sobre o processo histórico de modernização no âmbito da região, até a década de 1950.

No que se refere a Agamenon Magalhães, nota-se uma amplitude maior na sua atuação como Governador, Deputado Federal e Ministro. Segundo Paulo César Gomes, em trabalho acadêmico intitulado História, memória e fotografia: um olhar sobre a modernidade na cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980) enfatiza o viés populista de Agamenon Magalhães: *“Durante a sua gestão, Agamenon imprimiu um populismo ao melhor estilo Vargas e por isso mesmo essa fase foi chamada de “agamenonismo”, que também foi marcado pela forte repressão a adversários, às minorias e também ao cangaço.”*⁶⁰

O certo é que, nesse período, no Sertão de Pernambuco, havia uma produção e comercialização algodoeira, ainda que, já em decadência, esse produto proporcionou desenvolvimento nas cidades e regiões, bem como, favoreceu grupos e famílias com influências no poder municipal e estadual. Esses políticos estavam ligados, de uma forma ou de outra, a economia do algodão.⁶¹

⁵⁹ SILVA, Hélio. A ameaça vermelha: o Plano Cohen/Hélio Silva, Maria Cecília Ribas Carneiro e José Augusto Drummond. – Porto Alegre: L&PM, 1980, p.137.

⁶⁰ GOMES, Paulo César. História, memória e fotografia: um olhar sobre a modernidade na cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, 2017.

⁶¹ Ver: OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. Sobre a produção de algodão em Serra Talhada, ver: GOMES, Paulo César. História, memória e fotografia: um olhar sobre a modernidade na cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, 2017, p. 79-127.

No caso do Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara, não apresenta característica populista no estilo Agamenon Magalhães. Destacou-se como religioso e político com uma ampla atuação no cenário estadual e nacional. Dispõe de uma base social católica e desenvolve uma política coerente com as doutrinas eclesiais. Através da leitura das fontes, obtivemos uma visão das suas ações e da sua vida (com certas limitações). Porém, trabalhamos com um indicativo evidenciado através da materialidade das suas obras, o que possibilita a sua inserção no *processo de modernização* em Afogados da Ingazeira, na medida em quem, trata-se da temática constitutiva do eixo central da nossa pesquisa.

O padre Arruda Câmara está ligado a um cenário político da década de 1930, quando o Brasil passava por transformações nas estruturas política e econômicas. “...líder da representação política pernambucana na Assembleia Nacional Constituinte de 34, tem no desenrolar dos trabalhos constitucionais uma atuação pouco expressiva.”⁶² Não obstante, “Se a nível parlamentar a atuação do padre Arruda Câmara é restrita, ele participa de modo significativo das discussões políticas extraparlamentares, realizando com certa regularidade visitas ao gabinete do chefe do Governo Provisório.”⁶³

Na década de 1950, com o retorno de Getúlio Vargas ao poder, uma nova perspectiva surge com o populismo enquanto fenômeno social e o nacionalismo plataforma de defesa do povo e do estado brasileiro. Neste período, o Monsenhor está filiado ao PDC (Partido Democrata Cristão), uma sigla que tinha um programa político, até certo ponto contraditório, posto que na sua base, constavam doutrinas de natureza conciliadoras na tentativa de reformar o capitalismo. Segundo DOUSTDAR: “Vale retomar que os partidos democratas cristãos que surgiram na Europa na mesma época apresentaram um projeto modernizador e reformista para organizar uma sociedade capitalista com o ideário expresso na *Rerum novarum*.”⁶⁴

⁶² PANDOLFI, Dulce Chaves. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.), *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 388.

⁶³ PANDOLFI, Dulce Chaves. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.), *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 389.

⁶⁴ DOUSTDAR, Neda M. O Paranismo Atualizado: a democracia cristã e o planejamento no primeiro governo Ney Braga. Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade federal do Paraná, em 2010, p. 68.

Filiado ao PDC, continua no cenário político, uma vez que era um líder regional com trânsito nos escalões superiores do poder. É o que nos atesta a próxima imagem, captada – ao que tudo indica – em reunião política.



Foto 10: Acervo da Fundação Getúlio Vargas

A imagem apresenta autoridades, políticos e no centro, Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara, de frente para Getúlio Vargas. O que trouxera o Monsenhor até aquela reunião, não sabemos. Mas, as relações políticas, projetos, alianças e interesses, são alguns dos elementos, que, provavelmente responderá essa indagação.

Essa fotografia é do início da década de 1950, quando Vargas estava no auge do populismo. Mais do que um registro fotográfico – neste caso – é também, o testemunho, produzido, é claro, com alguma finalidade. Boris Kossoy enfatiza: “*Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade.*”⁶⁵ Na imagem, provavelmente há todo um interesse do fotógrafo, em captar os quinze personagens em torno do que parece ser o centro das atenções: o Presidente Getúlio Vargas.

⁶⁵ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 47.

1.7 – MONSENHOR DE ARRUDA CÂMARA: REPRESENTAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA NA CIDADE

Defensor dos princípios católicos, político conservador e liderança com capacidade de diálogo, segundo um parlamentar da sua época: “*em longos, intensos e cordiais embates com Monsenhor Arruda Câmara. Com sua morte, parece haver terminado o diálogo, que tanta vez levou ao entendimento as correntes revisionistas e conservadoras*”.⁶⁶

Como parlamentar e líder da bancada pernambucana, nos seus discursos defendeu maior presença da igreja na vida civil e política do país. Em uma de suas emendas, propõe a inclusão do ensino religioso em caráter facultativo em todos os estabelecimentos escolares.⁶⁷ Cumpriu um papel progressista nos limites dos seus princípios católicos. Através de algumas ações, contribuiu com o desenvolvimento de Afogados da Ingazeira.

Uma dessas ações que pode ser considerada com elemento de progresso, centralização e administração da estrutura eclesiástica na região do Pajeú, foi à criação da Diocese, tendo sua sede instalada em Afogados da Ingazeira.⁶⁸ O Monsenhor construiu uma base religiosa e política, através da sua atuação no interior e na capital, nas cúpulas dos poderes executivo, legislativo e na Igreja Católica, buscava o apoio necessário para os seus projetos.

Como uma forma de manter a sua imagem, ergue-se uma estátua na praça que recebeu o seu nome. E, talvez a intenção das autoridades, foi expressar sentimentos de preservação da história e das conquistas desse líder religioso e político. Portanto, a construção de uma memória que celebra e eterniza o personagem neste espaço. Concomitantemente a ideia de um ambiente moderno, a disposição das novas gerações.

⁶⁶ CARNEIRO, Nelson. A luta pelo divórcio. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973, p. 296.

⁶⁷ PANDOLFI, Dulce Chaves. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.), *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 389.

⁶⁸ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, p. 191-194.



Foto 11: Acervo de Edgar Cruz

A imagem é emblemática, a estátua do Monsenhor é absolutamente pequena em relação à igreja, porém na linguagem do memorialista, um gigante: *“Gigante na coragem e na tenacidade, no intelecto e no amor por sua terra, tudo fez para dar-lhe o destaque que ela bem merecia”*.⁶⁹ Religioso e político, foi deputado federal por vários mandatos, tendo conseguido importantes projetos para a cidade.

Este religioso foi uma liderança com prestígio em âmbito nacional e estadual. Através da sua atuação política, foram obtidas as seguintes conquistas: “A passagem da Rede Ferroviária Federal por esta cidade; as construções dos prédios

⁶⁹FONSECA, Gastão Cerquinha da. Afogados da Ingazeira retalhos de sua história: volume 1/Gastão Cerquinha da Fonseca. Afogados da Ingazeira, PE: Ed. do autor, 2003, p.137.

dos correios e telégrafos, do Colégio Normal e da Maternidade, hoje Unidade Mista Emília Câmara e a criação da Diocese de Afogados da Ingazeira.”⁷⁰

A fotografia é da década de 1970, a cidade agora tinha adotado vários símbolos da modernidade. A praça que leva o seu nome, passou por muitas transformações na sua estética, na estrutura urbanística. Como podemos observar, no primeiro plano, um monumento construído com formas circulares e um pequeno espelho de água formam a base para a estátua que fica em frente à igreja. Neste espaço também constatamos os postes de iluminação e um automóvel no segundo plano, próximo à igreja. A presença desses símbolos modernos atesta níveis de progresso, possibilitando o desencadeamento de novas conquistas. Sem, no entanto, alterar de forma estrutural, o poder político institucional vigente.

Concordamos com o historiador americano, Robert M. Levine quando afirma: *“Ao invés de substituir as instituições vigentes, muitas das novas técnicas e moldes de organização econômica introduzidos nesse período acabaram por estabelecer uma espécie de coexistência pacífica com os antigos.”*⁷¹ Nesta passagem, o autor faz uma análise da economia de Pernambuco, focando na capital. O que nos permite um diálogo, no tocante à convivência do moderno com o tradicional, “uma espécie de coexistência pacífica...”, essa analogia também é pertinente para o processo histórico que pesquisamos.

O futuro passava por solucionar o problema de abastecimento de água, tarefa urgente para a população de Afogados da Ingazeira e região. Neste sentido as águas do Rio Pajeú, através da intervenção de técnicas da engenharia moderna, serão represadas através da construção da Barragem de Brotas. Esse é o tema que trataremos no próximo capítulo.

⁷⁰ FONSECA, Gastão Cerquinha da. Afogados da Ingazeira retalhos de sua história: volume 1/Gastão Cerquinha da Fonseca. Afogados da Ingazeira, PE: Ed. do autor, 2003, p.137.

⁷¹ LEVINE. Robert M. A velha usina: Pernambuco na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 84.

CAPÍTULO II – ABASTECIMENTO DE ÁGUA: UMA URGÊNCIA PARA POPULAÇÃO

2.1 – ÁGUA, LIMPEZA E HIGIENE

As técnicas inovadoras de higiene e sistema sanitário são produtos da Revolução Industrial, das transformações políticas e sociais que vinham da Europa. Em *Sobrados e mucambos*⁷², Gilberto Freyre destaca os interesses estrangeiros com as inovações técnicas, sanitárias e urbanísticas:

“O que se deve atribuir, principalmente, a alterações de técnica sanitária e de sistema de alimentação, de muitas das quais foram campeões, ingleses e franceses, desejosos de introduzirem aqui, com seus capitais, seus aparelhos, suas máquinas, seus canos de água e de esgoto, seus novos processos de pavimentação de ruas e de iluminação de ruas e de casas...”⁷³

Moldado através de um processo histórico em que pesa a herança colonial, com o modelo agrário e patriarcal quando a escravidão foi o modo de produção que sustentou a economia agroexportadora. O que, segundo Freyre, com o fim do tráfico legal de escravos discute: “*Os capitais foram tomando, assim, outros rumos*”.⁷⁴ Ou seja, as transformações em curso na Europa, tomam corpo no Brasil do século XIX, na política, na economia, mas também na ciência médica através das ideias iluministas.

Para compreendermos mais amplamente o alcance da discussão sobre ciência médica, sanitarismo e higiene, nos apoiamos na obra do historiador João José Reis, intitulada: *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil*

⁷² FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano* / Gilberto Freire. – 15ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2004.

⁷³ FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano* / Gilberto Freire. – 15ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2004, p.683.

⁷⁴ FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano* / Gilberto Freire. – 15ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2004, p.685.

do século XIX, ao falar do tema *civilizar os costumes*⁷⁵. O autor menciona a formação e atuação médica em Salvador, com base na escola francesa: “Eles tinham se formado sob influência do racionalismo iluminista, encarando a história como progresso, um movimento de distanciamento em relação à barbárie e a superstição, rumo à civilização e ao predomínio do pensamento racional”.⁷⁶

A ciência impulsiona a pesquisa e adota outra concepção médica, sendo que a doença deixava de ser um castigo de Deus para se transformar num mal natural contagioso, talvez epidêmico.⁷⁷ Essa visão científica é um aspecto significativo do processo civilizatório.

No tocante, a higiene, limpeza do corpo, dos lares e das ruas, trata-se de um problema histórico, político e social. Neste sentido, o hábito das pessoas é fundamental para mudanças estruturais. No estudo de Alain Corbin, intitulado: *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX* mostra uma descrição que está relacionada com a questão de higiene e hábitos da época: “*Em alguns bairros, despeja-se ainda excrementos na calçada; crianças urinam nas ruas; a limpeza das fossas propaga a infecção, dia e noite*”.⁷⁸ Dialogamos com o autor no sentido da existência de uma cultura baseado em costumes e da própria realidade determinada por um modelo político existente no século XVIII, que se propagou pela América Colonial e chegou ao Brasil.

As questões ligadas à higiene, à limpeza dos lares e do corpo estão relacionadas ao estágio civilizatório de cada sociedade. Logo, em Afogados da Ingazeira a questão da água, além da própria sobrevivência da população, tratava-se também de padrões higiênicos possíveis, no quadro de uma sociedade enraizada

⁷⁵ REIS, João José. *Civilizar os Costumes: a medicalização da morte*. In: REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 247-272.

⁷⁶ REIS, João José. *Civilizar os Costumes: a medicalização da morte*. In: REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 248.

⁷⁷ REIS, João José. *Civilizar os Costumes: a medicalização da morte*. In: REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 247.

⁷⁸ CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX* / Alain Corbin: tradução Lígia Wantanabe. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 283.

nas tradições rurais. Ainda, na obra de João José Reis, dialogamos com algumas passagens que expressam uma situação social vivenciada em Salvador, mas que se reflete em cidades do interior do Nordeste e que, ao tratar de costumes e tradições, enfatiza: “A lista de maus hábitos era grande e variada: a exposição de lixo nas vias públicas, a falta de escoamento das águas usadas, o alinhamento desordenado das ruas...”⁷⁹. Esses problemas – num outro contexto social – existiam em Afogados da Ingazeira, onde, nas primeiras décadas do século XX, ainda predominava o chão de terra, logo, calçamento era inexistente, assim como serviços sanitários e higiênicos.

Na imagem abaixo, observamos o panorama da cidade na década de 1930, quando o fotógrafo centralizou a câmara para a Travessa Manoel Arão. Na legenda, as informações apresentam indicações, à esquerda, a Praça Monsenhor Arruda Câmara, à direita a Travessa Siqueira Campos e, no fundo a Rua Senador Paulo Guerra. A paisagem apresenta chão de terra, o que indica possíveis problemas de saúde e de locomoção, provocados, no verão, com a poeira em períodos secos e, a lama constante, em períodos chuvosos.



⁷⁹ REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 249.

Foto 12: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Considerando a imagem, na parte central da cidade, duas crianças no chão de terra, à esquerda, porque, na época, ainda não havia ruas calçadas. No centro, árvores enfileiradas, ao que tudo indica já havia certa preocupação com a arborização da cidade. À direita, a entrada de uma travessa ou beco, que interliga ruas. Em segundo plano, uma mulher com uma lata na cabeça, nos indicando que, nas proximidades havia um chafariz para abastecimento dos moradores daquela localidade.

Os traços marcantes do mundo rural estavam enraizados na estrutura econômica e social; a precariedade de planejamento e ordenamento do espaço urbano, bem como, as dificuldades provenientes de um sistema deficiente de serviços públicos como limpeza, água e luz elétrica, constituíam fatores determinantes para o desencadeamento elementar do progresso. Em 1958, Afogados da Ingazeira tinha apenas: um Posto Estadual de Higiene; um Posto de Puericultura mantido pela Legião Brasileira de Assistência, dois médicos, duas farmácias e um farmacêutico prestavam assistência à população.⁸⁰

A água para consumo era retirada de chafarizes, poços ou cacimbas localizadas no leito do Rio Pajeú. A questão da higiene da limpeza pública estava ligada a diversos fatores que implicava em hábitos, tradições e no próprio desenvolvimento. A urbanização implicava em transformações profundas, novas formas de superar a natureza, o que implicava em enfrentar as águas do Rio Pajeú, principal rio da região.

Ao passo que a cidade cresceu nas suas margens, sendo historicamente rota de viajantes e vaqueiros. Para pescadores, agricultores e moradores da região, o rio fez parte da vida e da cultura. Os memorialistas, através de narrativas, registraram as relações da sociedade com a natureza, a importância da água para consumo e, as grandes enchentes que invadiam a cidade. Ou seja, questões que podem nos ajudar a compreender os traços e tendências do processo de urbanização.

⁸⁰ ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. V. 18. p. 21. Disponível: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em 24-01-2019, às 11:15.

2.2 – O RIO PAJEÚ E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS

O Rio Pajeú configura-se como componente fundamental da geografia regional, pois, foi indicador de rotas de povoamento e, é um elemento decisivo para observarmos os traçados e tendências da urbanização. Através do método indiciário analisaremos alguns aspectos relacionados ao rio em trabalhos de memorialistas, com inclusão de imagens inseridas no contexto deste capítulo.

Já a origem do nome Afogados da Ingazeira, nos leva a uma reflexão no campo do imaginário, das narrativas e contos, no sentido de encontrar algum indício, pista, que nos leve a uma possibilidade historiográfica, pois, sendo o Rio Pajeú repleto de representações culturais que povoam o imaginário da população ribeirinha, sempre está presente nas narrativas que deram origem ao nome da cidade Afogados da Ingazeira. Trata-se da história de um casal (noivos), que ao tentar atravessar o rio Pajeú, são levados pela correnteza e encontrados debaixo de um pé de ingazeira. Como historiadores, não descartamos os contos e as lendas, bem como o imaginário, com isto, concordamos com Gervácio Batista Aranha quando afirma: *“Considera-se que o imaginário de uma sociedade, em determinada temporalidade – imaginário formado por sua literatura e um sem-número de outros campos imagéticos –, não deve ser tomado como algo irreal”*⁸¹. Através da fundamentação teórica-metodológica que, na nossa perspectiva, no método indiciário, podemos nos aproximar de um sentido real, verossímil.

Iniciamos com breve análise, de uma passagem da obra de Luiz Cristóvão dos Santos, que aborda através de uma linguagem poética, aspectos geográficos do rio em sua “curva”, no entorno da cidade: *“O rio lendário a envolve numa curva amorosa, e ao longo num círculo de léguas, levantam-se as serras que rodeiam a planície onde está o casario alegre”*⁸². Nesta passagem da obra, o rio está posto como uma espécie de símbolo do povoamento na medida em que a cidade originou-

⁸¹ Da história entre a retórica e a prova: por uma nova mimese renovada. In: Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento e diálogo social. Natal-RN, 22 a 26 de julho, 2013, p.2.

⁸² SANTOS, Luiz Cristóvão dos. Caminhos do Pajeú. Recife, Editora Nordeste, 1954.

se nas suas margens e é envolvida por suas águas. Esta descrição combina com a visão de um rio de águas, valente, temeroso nas enchentes e fenômeno que povoava o imaginário popular.

A própria lógica da natureza indica que existiu no sertão uma riqueza ambiental que possibilitava o equilíbrio na biodiversidade. Verificamos também, através da pesquisa, análise e interpretação,⁸³ a existência desse ordenamento ambiental, com uma quantidade de mananciais, pequenos riachos e toda uma extensão de fauna e flora em suas margens, ou melhor, em toda a sua bacia hidrográfica.⁸⁴

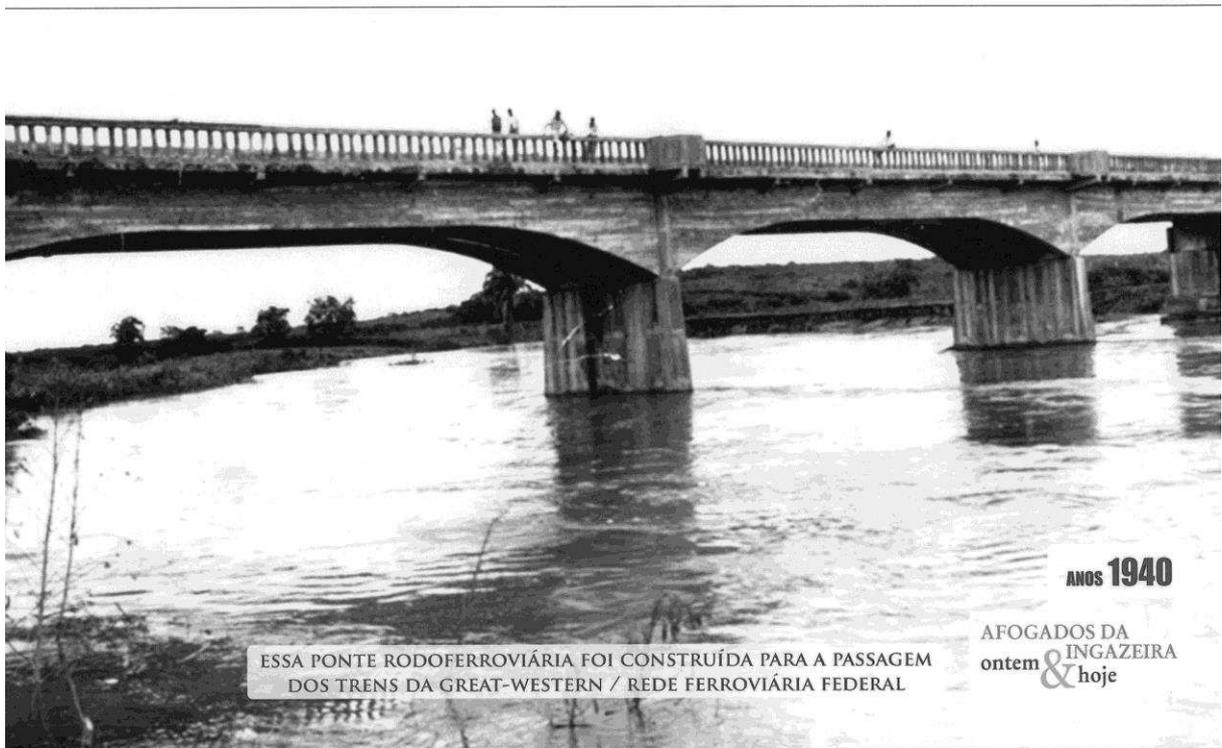


Foto 13: Acervo Aogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

⁸³ Os indícios constroem sentidos e significados, nos ajudando a compreender esse processo de crescimento urbano e os respectivos impactos na estrutura geográfica do rio. Sobre método indiciário ver: GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-151.

⁸⁴ Uma parte dessas informações encontramos no Livro de Vínculo do Morgado da Casa da Torre, através de documentos dos séculos XVIII e XIX, manuscritos, mapas, etc.

O Rio Pajeú em uma cheia na década de 1940. Na imagem, pessoas na passarela da ponte observam a paisagem. Esta ponte que foi construída para passagem do trem, também disponibilizava um espaço estreito para automóveis (onde passava apenas um por vez), que vinham de Tabira, Carnaíba etc. E, também, um espaço para os pedestres, moradores da localidade onde hoje é o Bairro Padre Pedro Pereira, transitavam em direção ao centro da cidade. Nas margens, observamos vasta vegetação, na época, a expansão habitacional ainda não havia chegado naquelas localidades.

Porém, a situação em algumas ruas do centro, próximas ao rio, era preocupante, em ano de inverno onde as cheias eram intensas, a água invadia alguns locais. Já que, nas margens do rio a cidade foi crescendo e a urbanização, de forma desordenada, invadira as suas margens, devastando a vegetação e, conseqüentemente, as pessoas foram criando novos espaços para construção de casas e, conseqüentemente, novos espaços foram delineados, originando-se novas configurações urbanas.

O aumento da população gerou a necessidade de novas construções como: as casas, os prédios e os armazéns. O comércio desenvolveu-se no centro, e tomou a direção da Avenida Manoel Borba, onde havia os estabelecimentos comerciais e moradias. As construções foram invadindo as margens do rio de forma progressiva.

A Avenida Manuel Borba era artéria significativa, também, como uma espécie de entrada e saída da cidade – para quem pretendia passar pela ponte sobre o rio Pajeú e tomar o destino das cidades de Tabira ou Carnaíba. Com isso, o trânsito de pessoas, de animais carregando mercadorias e dos poucos automóveis que existiam na época. “Em 1949, havia poucos carros em Afogados”⁸⁵ talvez, proporcional ao seu nível de desenvolvimento.

⁸⁵PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, p. 66.

O espaço de Afogados da Ingazeira era desordenado e a precária infraestrutura foi predominante na década de 1940. Ruas largas e desalinhadas; com poucas casas; algumas de barro, chamadas de taipa. Esse tipo de construção era muito comum na Avenida Rio Branco⁸⁶. Já na década de 1950, os modelos de casas foram se modificando, sendo que o uso de tijolos e cimento nas construções, ganhara consistência.



Foto 14: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta imagem, observamos a Avenida Manoel Borba e por trás o leito do Rio Pajeú. No primeiro plano, as casas apresentando um mesmo padrão de telhado de duas águas, provavelmente, construídas nas décadas de 1940 e 1950, com tijolos cimento, barro e areia, o que já era uma evolução em relação às casas de taipa, construídas com madeira e barro. Os materiais de construção, os modelos

⁸⁶ PIRES, p. 54.

arquitetônicos podem ajudar a entender o nível de desenvolvimento da sociedade. Recorremos a Cabral Filho com um trecho esclarecedor:

As casas nos dizem muito a respeito do estágio tecnológico em construções que atingiram determinadas sociedades; dos materiais utilizados, aproximando-nos daquilo que o meio geográfico e a natureza disponibilizam aos construtores (a pedra, o barro, a madeira); e ainda – um dos seus mais importantes significados – elas nos fornecem indícios preciosos de como os homens produziam e organizavam as suas realidades, expressando de forma muito convincente, através de sua arquitetura, as distâncias sociais estabelecidas entre os beneficiários e os deserdados no mundo do *Ter*, ainda mais no período histórico do qual nos ocupamos, já profundamente marcado pelos desígnios do mercado internacionalizado.⁸⁷

Através da imagem, observamos no primeiro plano, algumas casas com telhado danificado. Na própria fotografia há indicações de ruas, sendo que esta área da cidade foi sendo transformada, inclusive com reformas e reconstrução de casas. Os proprietários visavam uma adaptação à nova realidade, onde estabelecimentos comerciais seriam instalados, aumentando significativamente o valor dos imóveis e, dos aluguéis.

No final da década de 50, para o início dos anos 60, o processo de urbanização estava em curso e a população que residia nas margens, conviviam com a força da natureza, visto que, em períodos de enchentes, o rio podia até invadir ruas e casas, dependendo da quantidade de chuvas na nascente e nos afluentes.

No livro escrito a partir de memórias e vivências, há uma narrativa da autora, Fátima Brasileiro, sobre uma enchente em Afogados da Ingazeira: “*O rio ultrapassou o leito e invadiu a Manoel Borba, numa correnteza de assustar. As casas do lado do rio foram totalmente tomadas pela água, que alcançou o lado oposto da rua...*”⁸⁸.

⁸⁷ CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB, João Pessoa, 2007, p. 117.

⁸⁸ BRASILEIRO, Fátima. Memórias Afetivas: marias, a avó contou, a neta escreve. Edição do autor, Recife, 2016, p. 57.

Esse episódio, que ocorreu em 1967⁸⁹, demonstra uma tendência urbanística urbano de adentrar as margens do rio e, conseqüentemente a vulnerabilidade, o risco de invasão das águas nas grandes cheias.



Foto 15: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Essa imagem está datada da década de 1950, mas, o mais provável é que essa enchente tenha sido na década de 1960.⁹⁰ A praça bem arborizada, à esquerda, árvores alinhadas nas calçadas e postes, indicando que há luz elétrica no centro da cidade, dois caminhões parados, indicam sinais de progresso.

No segundo plano da imagem, à esquerda, os armazéns (onde atualmente é o mercado público) e ao fundo, o rio Pajeú em uma de suas cheias, numa curva que invade parte do espaço, onde, atualmente, é o bairro São Francisco e, à esquerda, as águas adentram para a área do atual bairro Sobreira.

⁸⁹ BRASILEIRO, Fátima. Memórias Afetivas: mairias, a avó contou, a neta escreve. Edição do autor, Recife, 2016, p. 57.

⁹⁰ Hipótese levantada nas investigações e análise de memórias e imagens, sendo que na foto nº 7: “A praça bem arborizada, à esquerda, árvores alinhadas nas calçadas e postes, indicando que há luz elétrica no centro da cidade, dois caminhões parados...”, são indícios de um panorama mais aproximado a configuração urbana dos anos 60.

Um aspecto bem significativo que está posto como uma urgência para a sociedade é o problema do abastecimento. Um desafio para os governos e para a engenharia: *como aproveitar as águas do Pajeú para o consumo da população?* Esse foi um grande desafio no processo de modernização da cidade na década de 1970.

2.3 - ABASTECIMENTO DE ÁGUA: UM PROBLEMA HISTÓRICO

A ausência de pavimentação, água tratada e luz elétrica, criavam obstáculos na vida das pessoas e no desenvolvimento urbano. O abastecimento de água para a população nas décadas de 1930 e 1940 era feito através de chafariz⁹¹. Em 1957, foi construído um sistema de abastecimento com água encanada⁹², esse modelo, ainda que limitado, representou um elemento de progresso na higienização e urbanização da cidade.

Na obra de Gastão Cerquinha, um livro de memórias biográficas de personalidades do município, onde relata também, as suas próprias vivências e conhecimentos devido a sua atuação como político e comerciante.⁹³ Encontramos nestas memórias, informações ricas em detalhes do cotidiano e da história do município, como a comercialização de água: *O fornecimento de água se deu mediante chafarizes públicos, onde era fornecida água limpa, vendida por lata de 20 litros.*⁹⁴ Neste relato observamos a problemática da água em relação ao consumo da população, dado que, nem todos tinham condições financeiras para comprar o precioso líquido diariamente.

Em outro comentário sobre o abastecimento na década de 1950, registra-se a existência de poços tubulares. Vejamos o relato de Gastão Cerquinha:

⁹¹ PIRES, p. 69.

⁹² PIRES, p. 69.

⁹³ FONSECA, Gastão Cerquinha da. Retalhos da sua história /Gastão Cerquinha da Fonseca. Afogados da Ingazeira-PE: Ed. do autor, 2007.

⁹⁴ FONSECA, Gastão Cerquinha. Afogados da Ingazeira: retalhos de sua história. Volume 2/Gastão Cerquinha da Fonseca. – Afogados da Ingazeira: Ed. do Autor, 2007, p. 67.

Em 1957, durante a administração do prefeito Possidônio Gomes dos Santos, foi instalado um precário serviço de abastecimento de água encanada, obtida por poços tubulares, perfurados a margem do Rio Pajeú, cuja vazão, não foi suficiente para atender a demanda da população.

Na década de 1960, persistia um problema urgente: água para consumo da população. A emergência de um sistema de abastecimento levou os políticos locais a uma estratégia em direção ao governador do Estado, através de solicitações e audiências. Essa “reivindicação” ganhava as páginas da imprensa da capital, que enfatizava essa problemática com grande ênfase.⁹⁵ Na segunda metade da década de 60, Afogados da Ingazeira já contava com cinema, emissora de rádio e a energia elétrica de Paulo Afonso⁹⁶, mas, o problema do abastecimento, continuava.



Foto 16: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

⁹⁵ Diário da Manhã, 8 de novembro de 1965.

⁹⁶ Essa temática sobre a chegada desses símbolos da modernidade será desenvolvida com maior ênfase no Capítulo II, intitulado: O CENTRO DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES URBANAS E CULTURAIS.

Nesta imagem, observamos o centro de Afogados da Ingazeira, o palácio episcopal (sede da diocese), localizado na parte central da cidade por trás da Catedral. À esquerda, observamos postes com fiação, indicado a existência da luz elétrica. À direita, na Avenida Rio Branco, o cinema, uma das representações da modernidade. No final da avenida, o aeroclube também conhecido como ACAI, um famoso espaço de festas e eventos. Nas duas vias, encontram-se estacionados, alguns automóveis – outro símbolo da modernidade – próximo aos locais com árvores, o que significava uma boa sombra em dias de sol.

Até então, na imagem, onde a paisagem apresenta alguns símbolos e representações da modernidade, temos a percepção de uma cidade a caminho do progresso, porém com um sistema de abastecimento, tecnicamente inviável para uma população que teve um relativo crescimento. Mesmo quando localizamos na imagem a caixa de água, no fundo, à esquerda, os indícios da literatura local, indicam que o problema necessitava de urgente solução.

A questão da água era decisiva. Solicitações para instalação de rede de abastecimento foram dirigidas a Câmara de Vereadores pela população local.⁹⁷ No dia-dia, os chafarizes fizeram parte da vida das pessoas, até o final da década de 1970. Mesmo com o sistema de abastecimento em funcionamento, a maioria da população não tinha as condições financeiras de adotar esse modelo, por isso, havia uma mobilização dos moradores, para impedir o fechamento dos chafarizes de algumas localidades. Esse fato demonstra certo grau de esclarecimento e articulação desse movimento que reivindicava a garantia de funcionamento dos chafarizes.

Em sessão ordinária da Câmara de Vereadores, realizada em abril de 1970, foi apresentado um requerimento, acompanhado de um abaixo-assinado dos moradores, dirigido ao diretor do Serviço de Abastecimento de Água, contra o fechamento do chafariz, localizado na Avenida Aparício Veras. O documento foi aprovado por unanimidade⁹⁸. Ao que tudo indica, a pressão popular foi eficiente e os vereadores decidiram em favor desta causa.

⁹⁷ Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores, em 10 de maio de 1964.

⁹⁸ Ata da Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores, em 01 de abril de 1970.

Para responder às demandas relacionadas à água, autoridades buscavam de várias formas no sentido de amenizar o problema, que era agravado nos anos de seca. Uma forma encontrada foi à perfuração e a construção de poços nas margens ou no leito do Rio Pajeú, com a utilização de modernas técnicas, esse projeto foi possível.



Foto 17: Acervo de Gastão Cerquinha da Fonseca

Na fotografia, que provavelmente é do início da década de 1970, Gastão Cerquinha e outras pessoas, inauguram um poço localizado às margens do rio Pajeú. Eles posam para foto com expressão de comemoração. Sendo um líquido tão precioso, aquele se configurou um momento glorioso; a conquista da água tornara-se uma esperança, para o consumo da população. Sendo que o alcance de um sistema de água tratada, com padrões modernos, seria a realização de um grande sonho.

Diante disso, para garantir um nível de qualidade, seria necessária, a construção de um sistema maior e mais amplo, dotado de técnicas de tratamento e estrutura de bombeamento, em condições de abastecimento para o centro e para a periferia, posto que, a população do município era de quase 20 mil habitantes na década de 1970.⁹⁹

⁹⁹ Segundo publicação da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco – CONDEPE-FIDEM, citando dados do IBGE (página sem numeração), informa que a população geral em 1970 era de 19.623 habitantes.

A construção da Barragem de Brotas esteve no imaginário da população e no ideário dos políticos, durante décadas e foi um assunto muito comentado por populares e autoridades. O projeto para construção de Brotas foi realizado pelo DNOCS.¹⁰⁰ Os estudos do local foram iniciados ainda no início do século XX. Essa obra visava resolver os problemas causados pela estiagem.¹⁰¹ Provavelmente, por ausência de liderança política em âmbito nacional, Afogados da Ingazeira não estava integrada – naquele momento – aos projetos de caráter Federal. No caso específico de Brotas, houve um projeto que se arrastava por décadas, condicionando-se, apenas, ao desejo de algumas lideranças e da população local.

Notadamente, a oferta de mão de obra no município era restrita ao comércio, serviço público e atividades ligadas à agricultura. A riqueza estava concentrada nas mãos de uma pequena classe de comerciantes e proprietários rurais. O mercado interno com capacidade reduzida para comercialização de produtos dependia de políticas públicas mais amplas.

Consta, em relatório do DNOCS, que a Barragem de Brotas havia sido incluída no Grande Plano de Açudagem Pública¹⁰², entretanto, ao que tudo indica, a execução ficou a cargo do Governo Estadual que elaborou um projeto de perenização do rio, que é periódico, mas, mesmo em períodos de estiagem, permanecia um pequeno volume de água no seu leito. Com a perenização dos rios: Pajeú, Brígida e Moxotó,¹⁰³ pretendia-se manter um volume de água significativa permanente, o que poderia ser um grande salto no progresso e desenvolvimento da região em vista do período de estiagem que predominam no semiárido.

¹⁰⁰ Na época era IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas).

¹⁰¹ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, p. 162. Ver também placa de cimento no local, indicado que no ano de 1911, havia iniciado estudos para a construção da obra.

¹⁰² Relatório 2004/Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS. Fortaleza, 2006, p. 56.

¹⁰³ As grandes bacias hidrográficas de Pernambuco possuem duas vertentes: o rio São Francisco e o Oceano Atlântico. As bacias que escoam para o rio São Francisco formam os chamados rios interiores sendo os principais: Pontal, Garças, Brígida, Terra Nova, Pajeú, Moxotó, Ipanema, além de grupos de pequenos rios interiores. Fonte: APAC – Agência Pernambucana de Água e Clima, endereço eletrônico: http://www.apac.pe.gov.br/pagina.php?page_id=5. Acesso em 17-07-2018, às 19:27.

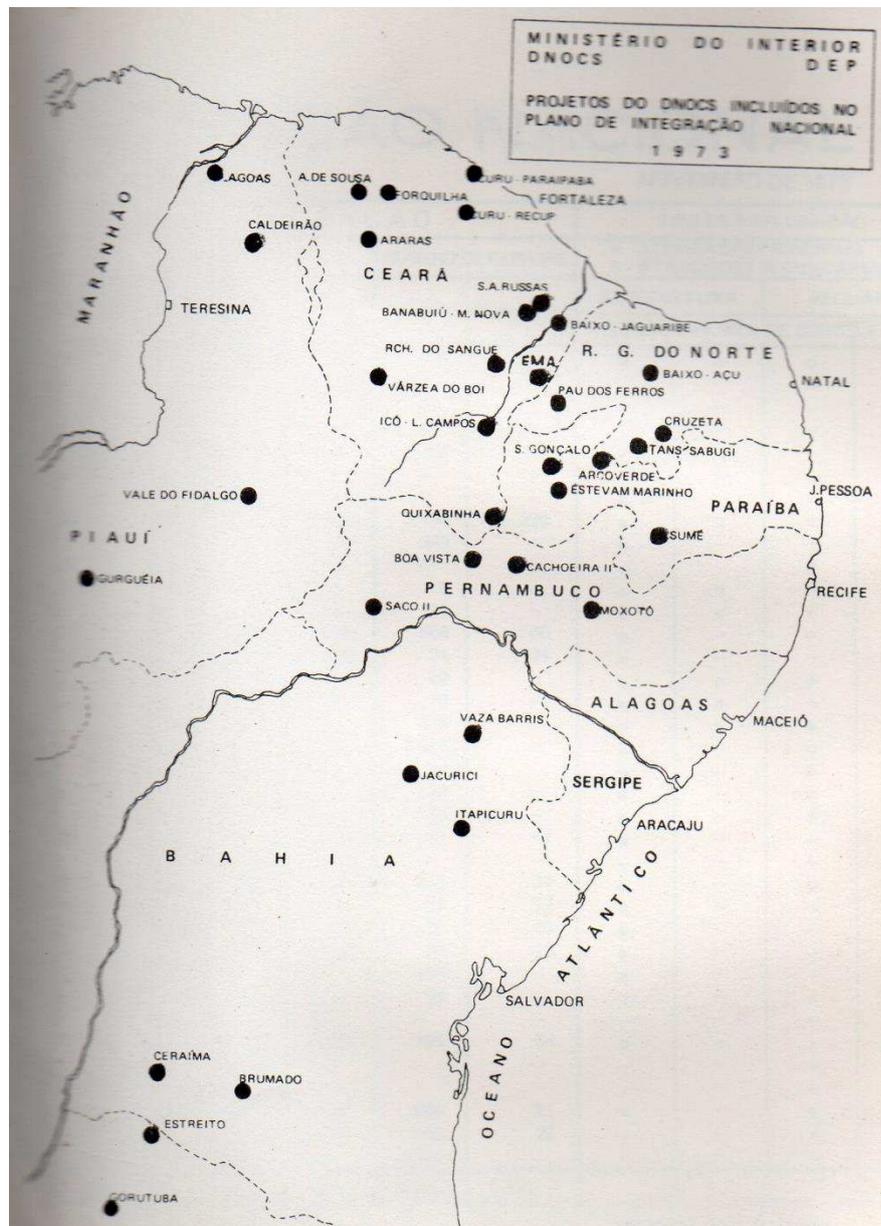


Imagem 18: Acervo ARAUJO, Genésio Martins de. DNOCS – Um órgão a serviço do Nordeste. Fortaleza, 1974.

No mapa, a localização dos projetos do DNOCS para o Plano de Integração Nacional do Ministério do Interior, de 1973, contemplando vários estados do Nordeste; o estado de Pernambuco aparece com apenas quatro projetos

beneficiados: Boa Vista, Cachoeira II, Moxotó e Saco II.¹⁰⁴ Ou seja, Afogados da Ingazeira estava fora desse Plano Federal.

Com o Decreto-Lei nº 1.106, de junho de 1970, o Governo Federal cria o Programa de Integração Nacional, no qual ficou incluído o Plano de Irrigação do Nordeste.¹⁰⁵ Talvez uma esperança para a população, principalmente, da Zona Rural que tinha como principal fonte de renda: a agricultura e a pecuária, ou seja, de um modo geral, as pessoas precisavam de água, porque significava fonte de vida e possibilidade de trabalho.

2.4 – O TRABALHO E A PRIMEIRA ETAPA DA OBRA

Nessa etapa, acreditamos que na discussão sobre a construção da Barragem, entra em cena a categoria *trabalho*, tema que pretendemos desenvolver de forma sintética, observando a realidade e os limites das informações contidas nas fontes.

Sendo o *trabalho* a base da produção de riquezas e bens materiais, historicamente cumpre um papel “civilizatório” para a humanidade. Os trabalhadores como sujeitos históricos, como parte dessa engrenagem que contribuiu para promover o “progresso” através da ação de homens e mulheres, utilizando a sua energia e a força física diariamente. Neste sentido, concordamos com Cabral Filho quando nos traz a seguinte afirmativa:

Certamente uma das categorias mais valorizadas e que pode ser tida como um dos pilares básicos da modernidade é a categoria *trabalho*. Pode-se mesmo dizer que o *trabalho* é em grande parte responsável pela emergência do mundo moderno, afinal, ele foi elevado da condição de castigo divino para a condição de instância humanizadora, base de toda a existência humana, única via capaz de conduzir os homens para um estágio superior de civilização.

O trabalho proporcionou as condições de alcançar um estágio superior, mas passou por diversos momentos históricos e ganhou várias concepções em épocas

¹⁰⁴ ARAUJO, Genésio Martins de. DNOCS – Um órgão a serviço do Nordeste. Fortaleza, 1974. Mapa em página sem numeração.

¹⁰⁵ ARAUJO, Genésio Martins de. DNOCS – Um órgão a serviço do Nordeste. Fortaleza, 1974, p.19.

diferentes. Ricardo Antunes em um dos seus estudos sobre o trabalho enfatiza: *“Desde o mundo antigo e sua filosofia, o trabalho vem sendo compreendido como expressão de vida e degradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão”*¹⁰⁶.

Ao tratar da categoria trabalho – a luz de literatura específica sobre o tema – nos ancoramos no conceito de Karl Marx, através da celebre obra *O Capital*¹⁰⁷, que traz uma definição de trabalho, da sua prática e do seu significado:

O homem – ou melhor os homens – realizam trabalho, isto é, criam e reproduzem sua existência na prática diária, ao respirar, ao buscar alimento, abrigo, amor, etc. Fazem isso atuando na natureza (e, as vezes, transformando-a conscientemente) com este propósito. Esta interação entre o homem e a natureza é – e ao mesmo tempo produz – a evolução social. (1999, p. 16).

Base do desenvolvimento, o trabalho passa a ser uma necessidade para a produção de bens materiais e, à força de trabalho passa a ser requisitada em obras e construções de açudes, barragens, escolas, prédios públicos, calçamento, etc. O estado e os empresários passam a contratar a força de trabalho, sob o manto da legislação trabalhista, ou na “ausência” de leis, essas relações se concretizam e se processam no dia-dia, através de acordos ou pela imposição dos patrões.¹⁰⁸

¹⁰⁶ ANTUNES, Ricardo. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 11.

¹⁰⁷ MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. LIVRO I, v. I, 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

¹⁰⁸ No Nordeste, essas relações estabelecidas sem o cumprimento de legislação trabalhista era muito comum até a década de 1980, principalmente no campo, no trabalho com a terra. Com a criação de Sindicatos de Trabalhadores Rurais na Região, nas décadas de 1960 e 1970, esses mecanismos foram combatidos de forma organizada. Sobre o movimento sindical de trabalhadores rurais na região do Pajeú, Ver: ABREU E LIMA, Maria do Socorro. Revisitando o Campo: lutas, organização, contradições – Pernambuco 1962-1987. Recife-PE: UFPE, Tese de Doutorado, 2003.; NO CORAÇÃO DO POVO, A história da Rádio Pajeú, a pioneira do Sertão pernambucano. Companhia Editora de Pernambuco, 2011.; OLIVEIRA, Alberto Rodrigues. Padre Afonso Carvalho Sobrinho: um homem

Em 1974 tem início à construção, esse ato do governador, significava esperança de trabalho e desenvolvimento econômico, já que a irrigação era um dos propósitos do projeto. Os desdobramentos da obra repercutiram em toda a região, finalmente, após um longo processo de espera, a obra recebe as primeiras providências.



Foto 19: Acervo do Desembargador Dr. Alberto Nogueira (publicada no finfa@blogdofinfa.com.br)

Na imagem que provavelmente é de 1974, no processo inicial das obras, observamos no primeiro plano, no centro, um grupo de pessoas que parecem estar

entre os carvalhos, o meio ambiente e a igreja/Alberto Rodrigues de Oliveira. – João Pessoa: (Imprell Editora), 2014.

observando, o outro grupo de homens usando capacete de proteção, onde destaca-se o homem, vestido com uma camisa de mangas longas e gravata, possivelmente um membro da equipe de engenheiros.

No segundo plano, à direita, um grupo volta às atenções para uma pessoa posicionada no centro, que está conversando, alguns estão portando papéis, o que nos indica ser uma equipe de técnicos e engenheiros, com objetivos relacionados ao andamento da obra, onde segundo os dados técnicos inscritos na placa, é provavelmente, o início de um projeto de perenização dos rios: Pajeú, Brígida e Moxotó.

Ainda, à direita, na imagem, homens trabalhando próximo a uma parede de pedra e à esquerda, um homem com carrinho de mão vem andando em direção ao grupo que está posicionado mais acima, onde outros trabalham em meio às pedras. Na construção da barragem de brotas, uma quantidade significativa de trabalhadores participaram da obra, executando tarefas, que, exigiam desde a utilização da força física, até os trabalhos de técnicos e de engenheiros, dentro de um plano estratégico para cumprimento dos prazos.

No tocante, aos prazos para conclusão da obra, um veículo da imprensa escrita da capital, O Diário da Manhã, estampava numa matéria: “Brotas – uma realidade em seis meses”¹⁰⁹. Sobre isto, havia uma questão política, pois o governador estava em final de mandato e muitos questionavam se realmente daria tempo para a conclusão da obra. Havia alguns opositores que estavam atentos aos acontecimentos deste período de transição.

Ainda, analisando a imagem, percebe-se uma cerca de arames, posicionada de uma margem a outra, indicando haver um proprietário ou vários que demarcaram suas terras. Sobre essa questão, Maria do Socorro Abreu e Lima, em sua tese de doutorado, apresenta as seguintes informações: “No início dos anos 70, estava em construção a barragem de Brotas, no município de Afogados da Ingazeira. Muitos pequenos proprietários teriam suas terras encobertas pela água...”¹¹⁰; essa questão demonstra um processo de lutas e mobilizações, uma vez que as terras seriam

¹⁰⁹ Diário da Manhã, 25 de janeiro de 1975.

¹¹⁰ ABREU E LIMA, Maria do Socorro. Revisitando o Campo: lutas, organização, contradições – Pernambuco 1962-1987, p. 161.

encobertas pela água¹¹¹. Ocorreram negociações com o governador e as obras prosseguiram.¹¹²

Continuaram porque além de trabalhadores, havia técnicas modernas e a energia elétrica de Paulo Afonso¹¹³, que permitiu o funcionamento de máquinas e trabalhos noturnos para a execução da obra dentro das etapas planejadas.

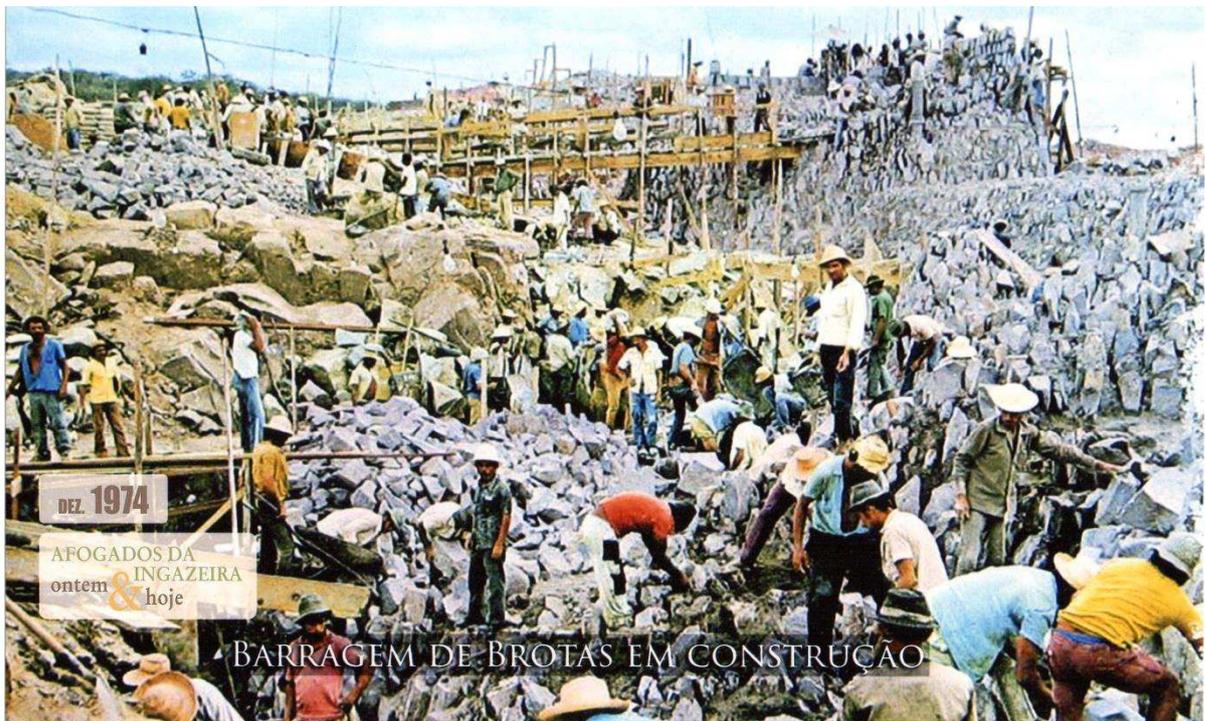


Foto 20: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Uma foto colorida, onde o autor está focando nos homens trabalhando na construção da Barragem de Brotas. Um trabalho pesado e com riscos de acidentes que demonstra trabalhadores sem as vestimentas adequadas, sem qualquer proteção aos acidentes, trabalham carregando pedras e madeiras. Na imagem,

¹¹¹ ABREU E LIMA, Maria do Socorro. Revisitando o Campo: lutas, organização, contradições – Pernambuco 1962-1987, p. 162. Através de uma iniciativa da FETAPE, sindicalistas negociaram com o governador Eraldo Gueiros, “Este se comprometeu a indenizar as famílias atingidas, mas desde que estas apresentassem as escrituras dos imóveis, o que nem todas possuíam”.

¹¹² Por não está dentro do propósito deste trabalho e nem representadas especificamente nas imagens, nos limitamos a uma breve apreciação do assunto.

¹¹³ Sobre essa questão ver o Capítulo I, intitulado: O CENTRO DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES URBANAS E CULTURAIS.

alguns homens param as atividades e olham para a câmera. As imagens de pessoas em primeiro plano, diferentemente de paisagens urbanas, casas, prédios e ruas, nos convida a uma reflexão sobre os sujeitos que ali estão, pois são vidas, experiências encarnadas em uma determinada realidade social.

2.5 – INAUGURAÇÃO DE BROTAS: POLÍTICA E PUBLICIDADE – SEGUNDA ETAPA

Com capacidade de represamento de 25 milhões de metros cúbicos de água,¹¹⁴ é considerada um símbolo de progresso e desenvolvimento para Afogados da Ingazeira. Nas visitas do governador, a população marcava presença, talvez com um sentimento de estar bem próximo de uma conquista histórica.



Foto 21: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

¹¹⁴ Revista Movimento, p. 33.

A fotografia está identificada na legenda com a data de dezembro de 1974, mas através da investigação, os indícios indicam que, neste estágio da construção, o mais provável é que esta imagem seja de 1975.

A barragem com água em plena correnteza, indicando que houve chuvas na região. O canteiro de obras, com pedras, preenchendo a parte interna da parede e, no centro, um túnel que liga uma margem a outra. Na imagem, as águas do Rio Pajeú, passando por entre as pedras. A obra ainda em construção, já indicava tamanha importância para Afogados da Ingazeira e região. Esse projeto visava resolver os problemas causados pela estiagem.



Foto 22: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

O governador Eraldo Gueiros visita Brotas. Na imagem, ele observa os avanços na construção da barragem. Na parte de baixo, as pessoas aproveitam o momento para visitar o local. Essa vistoria é significativa, uma vez que o governador estava finalizando seu mandato. Havia, portanto, interesse no andamento dos trabalhos e, devido à possibilidade da inauguração em questão de semanas.

Na próxima imagem, é possível ter uma ideia da preocupação dos órgãos governamentais quanto à publicidade. É o que atesta a placa à direita, indicando os detalhes técnicos da obra. Neste sentido, fica claro o esforço do governador – que estava no final do mandato – para agilizar as obras no estado e simultaneamente, divulgar para população.



Foto 23: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Esta imagem mostra que a construção da parede da barragem já estava bem avançada, provavelmente esta fotografia foi produzida no dia da inauguração. Na paisagem, homens caminham na margem do rio em direção ao início do paredão, na parte de cima, algumas pessoas observam o que poderia ser um palanque, com as autoridades que participavam do evento de inauguração. À direita, uma placa com o nome do governador e a extensão da obra, que previa a perenização do Pajeú,

Brígida e Moxotó (estes rios são bacias hidrográficas que desaguam no São Francisco).¹¹⁵

2.6 – BROTAS: FINALMENTE UM SISTEMA DE ÁGUA TRATADA

O principal interesse da população era o abastecimento para consumo. Desta forma, o projeto de perenização parecia mais distante, entretanto, um sistema de água tratada era um sonho próximo e, a urgência, diante das dificuldades abordadas anteriormente.

Na ocasião da inauguração, foi apresentada uma placa de cimento ao lado da obra, com o propósito de marcar aquele momento, que tinha grande significado para o povo e para o governador; no monumento havia a seguinte mensagem:

“Aqui estamos nós, um punhado de homens decididos, com poucos recursos financeiros, com algum material, mas todos com muito amor a região; daí a coragem com que nos lançamos a esta obra com a construção da barragem de Brotas, a primeira de uma série de represas sucessivas das águas do Pajeú visando sua perenização. É um sonho que vem sendo acalentado desde 1911 e nós resolvemos enfrentar o desafio porque esta região não suportaria esperar mais. O seu povo tem razões para se mostrar impaciente e descrente. Mas hoje foi dado o primeiro passo. Os que vierem amanhã que não nos critiquem. Se não fomos ao fim, melhor que tomem nossa bandeira, nos substituam e prossigam”.

“Prossigam”, esta foi a última palavra da mensagem, na famosa placa de cimento. Foram décadas para que o projeto retornasse ao olhar dos governos. O

¹¹⁵ As grandes bacias hidrográficas de Pernambuco possuem duas vertentes: o rio São Francisco e o Oceano Atlântico. As bacias que escoam para o rio São Francisco formam os chamados rios interiores sendo os principais: Pontal, Garças, Brígida, Terra Nova, Pajeú, Moxotó, Ipanema, além de grupos de pequenos rios interiores. Fonte: APAC – Agência Pernambucana de Água e Clima, endereço eletrônico: http://www.apac.pe.gov.br/pagina.php?page_id=5. Acesso em 17-07-2018, às 19:27.

momento chegou, era hora de responder aos anseios da população, havia questionamentos, dúvidas e um sonho: *água para todos*.

Em 1974, logo no início da construção a imprensa da capital, através de uma matéria no Diário da Manhã que estampava o título: "*Pajeú: como é e como vai ficar*".¹¹⁶ Talvez uma tentativa de polemizar, sobre o projeto de perenização. O certo é que a perenização era um sonho distante, mas a barragem de Brotas e os seus benefícios para a população, possivelmente, estava como um sonho mais próximo de ser realizado, bastava "prosseguir".

Pelo fato de prosseguir o projeto, a literatura local, apresenta algumas narrativas que falam deste sonho, como uma longa expectativa, realizada só a partir de 1974. De tão emblemática, a obra foi inaugurada duas vezes. Segundo Fernando Pires: "Foi inaugurada no governo de Eraldo Gueiros e reinaugurada pelo governador José Francisco de Moura Cavalcante...¹¹⁷", Ou seja, dois eventos demarcam governos diferentes, propósitos diferentes e, finalmente, de tanto "prosseguir" a obra chegou a sua conclusão.

A construção da Barragem de Brotas foi um marco significativo no processo de modernização, na medida em que se passou para um novo modelo de abastecimento de água tratada para a população. Uma parte da população foi beneficiada com o sistema de abastecimento moderno e com padrões de higiene. Outra parcela da população ainda continuou consumindo água de chafariz. Devido ao custo, essa técnica civilizada não chegou para todos ao mesmo tempo.

A modernidade, em suas variadas formas, desenvolveu um processo de transformações nos espaços, na cultura e na vida. Da mesma forma que a Barragem de Brotas, os transportes e suas características socioeconômicas, implicaram em mudanças na estrutura urbana e no cotidiano. Esse é o tema do próximo capítulo.

¹¹⁶ Diário da Manhã, 13 de janeiro de 1975.

¹¹⁷ PIRES, p. 164.

CAPÍTULO III – OS TRANSPORTES E AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE

3.1 AS MÁQUINAS E OS SUJEITOS

Ao lançamos um olhar para a cidade enquanto palco da modernidade e das transformações sociais, fica evidente que as máquinas – o trem e o automóvel – integram um conjunto de novos símbolos modernos, que possibilitaram novas experiências e diferentes conceitos de tempo e espaço. As máquinas são frutos do processo industrial e, também, desejo de consumo desta sociedade movida pelo capital.

Os símbolos modernos foram inseridos na vida, no cotidiano das pessoas, no entanto, não chegaram ao mesmo tempo e nem da mesma forma em todos os lugares. Esse processo implicou em variações econômicas e políticas que determinaram o surgimento de novos comportamentos, novos hábitos e novas práticas culturais. As tecnologias, criadas num esforço constante para superar até as barreiras do imaginário humano, transferiu para os transportes uma enorme capacidade de reduzir as distâncias geográficas. Tal como nos explica BAUMAN:

Quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, de meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam, em princípio, ser transgredidos. Apenas o céu (ou, como acabou sendo depois, a velocidade da luz) era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo.¹¹⁸

Quando pensamos nestas máquinas e, aqui, especificamente, no ramo de transportes, enquanto fenômeno social, capaz de interferir no imaginário, nas formas e nos ritmos da sociedade, é necessário compreender o processo de aperfeiçoamento constante dentro do modelo capitalista de produção, suas

¹¹⁸ Bauman, Zigmunt. Modernidade líquida. Tradução Plínio Dentzien – Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2001.

contradições profundas e impactantes, nas cidades, nas ruas, e na vida das pessoas. A presença do automóvel e do trem em Afogados da Ingazeira implicou em transformações profundas na estrutura urbana e na integração com outras cidades. Não obstante a chegada tardiamente, o trem pode ser considerado um elemento significativo no desenvolvimento da cidade.

Os discursos e práticas políticas dos defensores do progresso, historicamente apresentados em suas mais diversificadas facetas. Os intelectuais, letrados, religiosos e políticos, na maioria das vezes, pertencentes aos setores da elite econômica ou política, estiveram à frente das reformas urbanas, com os seus esforços e heroísmos e trouxeram o progresso para Afogados da Ingazeira. Resta saber, quais progressos?

3.2 O AUTOMÓVEL E OS NOVOS RITMOS

No Brasil, o automóvel foi capaz de produzir transformações decisivas, desde a sua aparição na cena urbana, em particular nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Simbolizando poder, mas também com impacto social por ser uma máquina própria para o tráfego em ritmo acelerado, bem diferente dos padrões da sociedade do final do século XIX e início do século XX. Nicolau Sevcenko, referindo-se ao automóvel no Rio de Janeiro (início do século XX), afirma: *“Como se tratava de um equipamento capaz de deslocar uma estrutura pesada de ferro maciço a uma velocidade inédita em pleno espaço urbano, ela instantaneamente se tornou num símbolo de poder e instrumento de terror”*¹¹⁹.

Identificamos o automóvel como uma das representações da modernidade, uma máquina capaz de interferir na vida e no imaginário das pessoas. O historiador Sevcenko enfatiza: *“Uma vez mais, uma tecnologia desenvolvida nos prestigiosos*

¹¹⁹ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 558.

*países do Norte chegava aqui investida de mais que seu potencial utilitário, sobretudo de uma densa aura mítica*¹²⁰.

No Nordeste, a modernidade chega de forma mais lenta, conseqüentemente, algumas máquinas chegaram tardiamente em algumas localidades. Antônio Paulo Rezende, falando sobre a capital pernambucana, na década de 1920, afirma: “O automóvel, o bonde elétrico, a cidade começa a ter pressa, a querer encurtar as distâncias...”¹²¹, ou seja, Recife nesta época, já adotava algumas máquinas modernas, mas, nas cidades do interior, o processo foi bem diferente.



Foto 24: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

¹²⁰ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 558.

¹²¹ Rezende, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década XX. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 59.

Em Afogados da Ingazeira, na década de 1940, registra-se a presença de automóvel, sendo uma novidade na época, pousar próximo a esta máquina automotiva era – ao que tudo indica – um desejo de muitos. Por ter uma estrutura complexa e sofisticada em sua mecânica, o automóvel chamava a atenção, haja vista que era símbolo de luxo e poder.

Na fotografia, com uma legenda nos indicando ser registrado um domingo de 1950, quatro homens fazendo pose em frente ao automóvel, enquanto o quinto apenas observa. Ao que tudo indica, dado que a intenção do fotógrafo foi registrar os homens e o automóvel. A imagem também nos dá a possibilidade de lançarmos um olhar investigativo para as transformações, visto que, temos o automóvel, o cinema em segundo plano, mas também, nesse trecho, ainda não existira calçamento, portanto, os indícios sinalizam que havia calçamento nesta avenida, porque, ao observarmos o segundo plano da foto, há esta impressão.

Refletindo sobre o automóvel e as suas implicações na sociedade, é possível constatar que as pessoas possuíam certo desejo de posar ao lado dessas máquinas. Sendo símbolo do poder, do luxo e da sofisticação tecnológica e, dessa maneira, as pessoas sentiam-se atraídas.

De outro modo, poderia significar também um instrumento temido, já que na época, não existia *“uma estrutura viária, sinalização ou código de trânsito, gerando uma situação calamitosa...”*¹²². Provavelmente, a sociedade da época, não estava preparada para um trânsito acelerado e complexo. No caso de Afogados da Ingazeira, a chegada do automóvel – com o passar das décadas – colocava em questão, o problema do trânsito, das vias sem calçamento, ou seja, nesta época o ritmo da cidade ainda apresentava certa calma e, com uma quantidade de automóveis reduzida, em 1966, havia 30 automóveis, 5 camionetas e 1 ônibus.¹²³

¹²² SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 558.

¹²³ Dados do IBGE de 1966, p. 209.

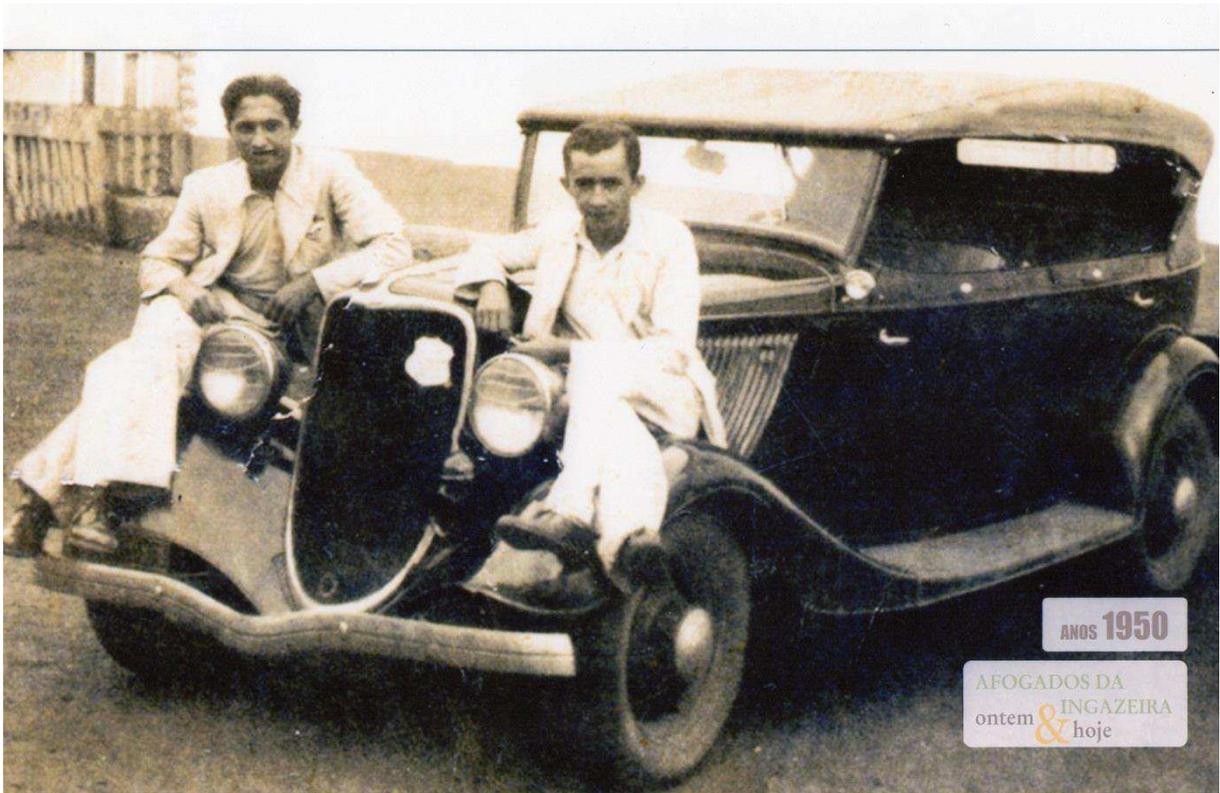


Foto 25: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

O automóvel configura-se como um símbolo da modernidade, uma máquina que disponibiliza uma viagem mais rápida e mais conforto. Como um dos símbolos da modernidade, o automóvel implicará em nova dinâmica nas ruas e no próprio ritmo da cidade. Na imagem, dois homens posam para fotografia, esse registro, evidencia o destacado papel do automóvel na sociedade e, notadamente, as pessoas sentiam-se importantes, por estarem próximas à máquina moderna que representava luxo e poder.

O transporte de carga e de pessoas também funcionou, a princípio nas cidades mais próximas e, com o passar dos anos, os modelos de automóvel e caminhão foram ganhando novas técnicas, aumentando a capacidade de cargas e velocidade. A necessidade de integração, de deslocamentos das pessoas para outras cidades implica em transporte em condições de acomodar pessoas e mercadorias.



Foto 26: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta imagem, observamos um veículo de transporte utilizado na década de 1960, na linha Afogados da Ingazeira–Tabira. Visto que a economia girava em torno do comércio, das atividades ligadas ao trabalho no campo e, sendo um mercado restrito às cidades do sertão pernambucano, esse tipo de transporte possibilitava a interligação, viabilizando desta forma, a participação das pessoas nas feiras da região.

Por ser uma máquina de uma estrutura complexa, necessitava de troca de peças, concerto etc. Com estas condições, a cidade transformava seu modelo urbano para oferecer condições às máquinas modernas, oficinas mecânicas e, local para abastecimento de combustível foram instalados. Na década de 1940, a expansão ainda que limitada, toma novas direções, outras áreas serão povoadas e urbanizadas, uma tendência que se expressou com a chegada do trem no início da

década de 1950, que entre outras coisas, exigiu uma nova reconfiguração no espaço urbano e transformações socioculturais.

3.3 AS FERROVIAS RUMO AO SERTÃO PERNAMBUCANO

A economia do café impulsionava os investimentos nas ferrovias, o escoamento da produção implica em meios de transporte que viabilize este serviço. A construção de ferrovias no Brasil tem início no ciclo do café. A produção cafeeicultora estendeu-se da segunda metade do século XIX até 1930, período em que a economia do país era basicamente agrícola e agroexportadora.

Se por um lado, representou um salto importante no desenvolvimento econômico e social, por outro lado, o discurso de *modernização* escondia a realidade do trabalho e da extração da mais-valia, ou seja, a exploração da mão de obra, com o objetivo de manter e aumentar os lucros. Josemir Camilo em importante estudo sobre ferrovias enfaticamente afirma: “...a tão falada “modernização” da economia brasileira através das ferrovias e outros investimentos britânicos não passou da real exploração da mais-valia”.¹²⁴

Contudo, do ponto de vista econômico e social, bem como, para o desenvolvimento e a integração do estado, a primeira ferrovia em Pernambuco, foi sem dúvidas, um marco de progresso. A sua construção celebrou um novo contexto no âmbito dos transportes de pessoas e mercadorias.

Em Pernambuco, as linhas férreas tinham os pontos iniciais em Recife, de lá seguiam em três direções: “para o norte, com bifurcação para o estado da Paraíba;

¹²⁴ CAMILO, Josemir C. Modernização e mudanças: o trem inglês nos canaviais do Nordeste (1850-1902). Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em história da UFPE, Recife, 2000, p. 31.

para o sul, bifurcando-se para Alagoas, e finalmente para o centro, no sentido leste-oeste alcançando Afogados da Ingazeira...”¹²⁵.



Imagem 27: Acervo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. I Centenário das Ferrovias Brasileiras. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.

No mapa da Ferrovia, os traçados nos dá uma leitura de espaço que, além de dispor de elementos geográficos, também nos indica questões econômicas e sociais. Na medida em que as ferrovias e os entrepostos regionais como Rio Branco¹²⁶, (em menor escala) e Recife (em estágio superior pelo lugar que ocupava na economia do Nordeste), se interligavam num traçado em linha reta. Ocorreu um desvio para Sertânia, Igaraci e Afogados da Ingazeira. O que significou reforçar a logística, os canteiros de obras e toda estrutura possível para promover essa ampliação. No

¹²⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. I Centenário das Ferrovias Brasileiras. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954, p. 58.

¹²⁶ Atualmente Arcoverde.

rumo do sertão, a construção da linha de penetração no Estado, entre Rio Branco e Salgueiro, é aproximadamente uma extensão de 335 quilômetros¹²⁷.

Essa linha permaneceu em Rio Branco de 1912 até perto de 1930, quando, então, recomeçaram os trabalhos de construção. A partir de 1930, a rede ferroviária da “Great Western” cresceu apenas de pouco mais de oitenta quilômetros, tendo sido inaugurada Albuquerque Né em 1941,¹²⁸ neste momento, o ponto terminal da linha oeste.

O sistema ferroviário ampliou o campo de integração com outras cidades, mas principalmente com a capital, favorecendo as relações políticas e culturais, quando novas experiências com o moderno poderia ser levada para outras regiões. Neste caso, era notório através de informações que o interior espelhava-se na capital e, segundo Antônio Paulo Rezende: “*O Recife vinha, já, convivendo com muitas das chamadas invenções modernas*”¹²⁹. No decorrer de décadas, diversas máquinas modernas, novos comportamentos e hábitos, chegariam ao interior.

É um processo limitado e lento. Porém, transformador, podendo modificar estruturas sociais e romper barreiras econômicas e culturais, visto que transporta pessoas e mercadorias, tendo múltiplas implicações na política e na economia regional. Neste sentido, pode ocorrer um impulso no desenvolvimento, ou seja, no aspecto econômico e, possíveis mudanças nas práticas culturais.

3.4 A CHEGADA DO TREM EM AFOGADOS DA INGAZEIRA: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO E NO COTIDIANO

¹²⁷ PINTO, Estevão. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1949 (Coleção Documentos Brasileiros), p. 219.

¹²⁸ PINTO, Estevão. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1949 (Coleção Documentos Brasileiros), p. 219.

¹²⁹ Rezende, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década XX. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 58.

Ao investigarmos a cidade e os reflexos da modernidade, observamos a chegada do trem em Afogados da Ingazeira como um evento decisivo no processo histórico de desenvolvimento. A Rede Ferroviária teve um papel decisivo na economia, nas transformações culturais e na integração regional, ocorreu um movimento maior no trânsito de pessoas e mercadorias.

No processo de desenvolvimento urbanístico, ocorreu uma tendência expansionista relativa, expressando-se com mais força a partir do final da década de 1940, com a inauguração da Estação Ferroviária, antecedendo a este evento, verificamos a construção de casas para os funcionários da empresa nas proximidades e também, ocupação habitacional no entorno, dando origem ao núcleo populacional, que mais tarde ficará conhecido como bairro Borges. A transferência de funcionários e máquinas para Afogados da Ingazeira movimentará a economia e o ritmo geral da cidade.



Foto 28: Acervo do Jornal Pequeno nº 101 – maio de 1949.

Na imagem, casas vazias aguardando os funcionários, a paisagem nos dá uma ideia de abandono e vazio. Deste modo, um veículo de comunicação da capital, (Jornal Pequeno), estampava na capa: “*Quando é que o ministro vem?*”¹³⁰, referindo-se à espera pelo ministro da viação, visto que a havia pressa para inauguração da Estação Ferroviária de Afogados da Ingazeira.

A rede ferroviária influenciou no processo de expansão e reconfiguração do espaço, ainda que de forma lenta, todo um trabalho exigia uma determinada

¹³⁰ Jornal Pequeno, nº 101 – maio de 1949.

quantidade de funcionários, máquinas, engenheiros e mão de obra qualificada para as demandas. Além de todo o percurso da linha férrea no entorno da cidade, a construção de pontes na região exigiu técnicas modernas e estrutura de sustentação com certa complexidade.

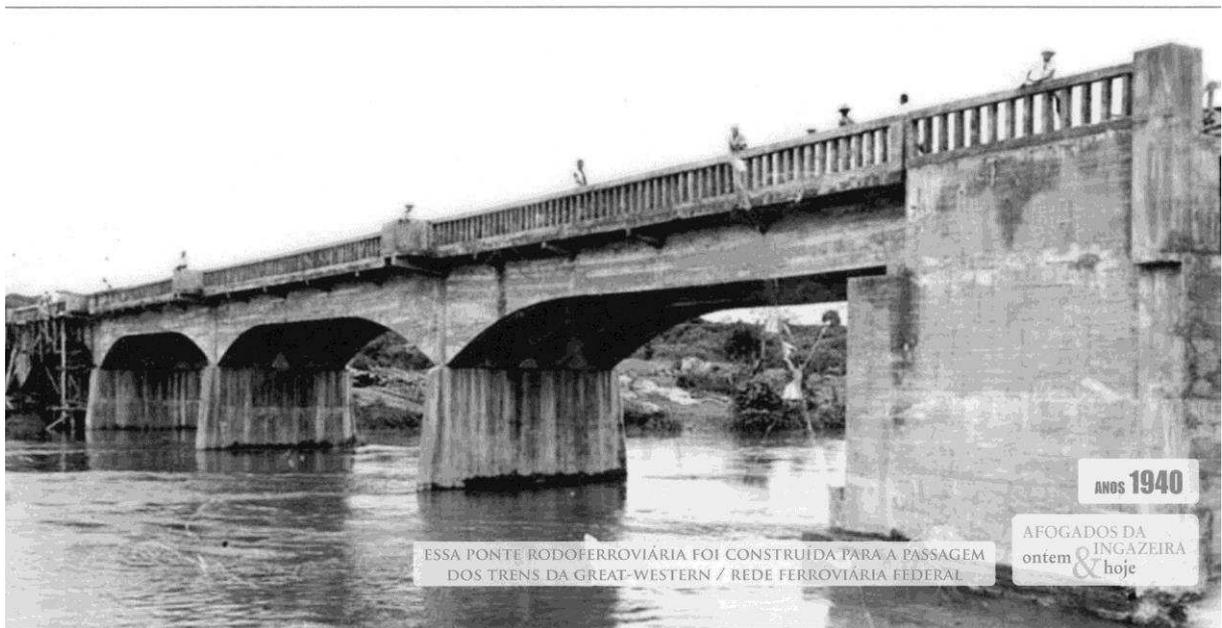


Foto 29: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Esta ponte permitiu a passagem do trem, de carros e pedestres por cima do Rio Pajeú, essa estrutura liga a parte central com o trecho das vias de acesso a Carnaíba, seguindo a via férrea até à estrada que seguia para a cidade de Tabira. A imagem, legendada, expõe informação sobre a ponte rodoferroviária, construída na década de 1940. A foto também registra uma cheia no Rio Pajeú, que se tornara o objeto de curiosidade das pessoas, na passarela da ponte. No segundo plano, na margem esquerda, onde hoje é o bairro Padre Pedro Pereira ou Bairro da Ponte, não há moradias, apenas vegetação.

A inauguração da Estação Ferroviária, em 1949, e na década seguinte o funcionamento do trem, proporcionou transformações na cidade. Esta novidade vai

implicar em outras, isto porque alguns símbolos do moderno estão associados ao trem de ferro.



Foto 30: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta foto é possível observar, homens de paletó e gravata, indicando a presença de autoridades públicas, políticos, mas também, pessoas simples. O enquadramento escolhido para captar essa imagem nos permite perceber que o registro visava abranger o público presente, mostrando que o evento mobilizou uma parte da cidade e contou com um público formado por cidadãos comuns e autoridades, transformando o acontecimento em uma festa popular. Tão popular que uma criança descontraída faz da plataforma de embarque, uma brincadeira, dando a entender que famílias estavam presentes; homens, mulheres e crianças com o olhar voltado para os trilhos – ao que tudo indica – o centro das atenções naquele momento.

Este evento marcava um novo tempo. Esta novidade provocava algumas reflexões; talvez uma nova forma de pensar o mundo, a sociedade, as pessoas. Afinal de contas, essa máquina (símbolo da Revolução Industrial), causava impacto,

podendo interferir nos costumes de uma comunidade, de um bairro ou de uma cidade.

No estudo de Gervácio Batista Aranha sobre “viagens inaugurais”, fala do espetáculo que proporcionava a inauguração de uma estrada de ferro. Esse evento tinha enorme repercussão. O dia do trem inaugural aparece, então, como um dia decisivo para a vida do lugar, que concretiza um sonho alimentado durante décadas.”¹³¹ No caso de Afogados da Ingazeira, temos este registro fotográfico, que expressa um evento comemorativo digno da chegada de uma máquina que modificaria padrões e comportamentos.

Observar as implicações do trem, seus impactos sociais no cotidiano, pode ser uma forma de compreender as sensibilidades diante das transformações “impostas” pela modernidade. Neste sentido, é imprescindível, um olhar atento para os novos paradigmas, uma nova conjuntura, marcada pelas necessidades do capital. A modernidade enquanto movimento político e econômico, apresenta novas experiências nas práticas culturais, no ritmo e na vida das pessoas. Gervácio Batista Aranha vai trabalhar com estas perspectivas da seguinte forma:

E falar do trem de ferro enquanto signo moderno relacionado à mudança de ritmo na vida cotidiana, mudanças que levam a uma redefinição da noção de espaço tempo, é falar na experiência moderna, em especial ligada ao reino do urbano, como uma experiência que remete às novas sensibilidades no âmbito do vivido¹³².

Neste quadro histórico, as mudanças urbanísticas da cidade, repercutiram nos hábitos, no cotidiano, nas formas de uso do espaço, nesse novo contexto, as transformações se expressaram de forma desigual e, às vezes, de forma precária.

O prolongamento até Flores, passando por Carnaíba, configurou-se em um potencial maior de integração, até a chegada dos trilhos em Serra Talhada. Como se

¹³¹ ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925)*, Campinas-SP: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2001, p. 373.

¹³² ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925)*, Campinas-SP: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2001, p. 68.

sabe, a finalidade desse prolongamento é a cidade de Salgueiro, notável empório comercial do Alto Sertão, de posição geográfica estratégica.¹³³

3.5 – TRANSPORTE FERROVIÁRIO EM CRISE

O transporte ferroviário já vinha em crise. A década de 1960 é agravada com a redução dos investimentos no setor. Segundo estudos da Agência Nacional de Transporte Terrestre:

O transporte ferroviário no Brasil apresentou alguns declínios ao longo de sua história. O mais significativo foi marcado por uma política equivocada e não visionária adotada na década de 1960, que privilegiou o transporte rodoviário em detrimento de outros modais.¹³⁴

Com o argumento de altos custos para o transporte de cargas, as ferrovias foram sendo sucateadas, a cada década foi perdendo importância no contexto do sistema capitalista que requer velocidade, baixo custo e altos lucros.

Modo	1952	1964	1971	1973
Rodoviário	51,6	68,4	71,1	72,2
Ferrovário	22,8	16,3	16,5	16,0
Marítimo	25,3	15,2	12,3	11,7
Aéreo	0,3	0,3	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Imagem 31: Acervo PEIXOTO, João Baptista. Os transportes no atual desenvolvimento do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977.

¹³³ PINTO, Estevão. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1949 (Coleção Documentos Brasileiros), p. 219.

¹³⁴ Agência Nacional de Transporte Terrestre – ANTT, Termo de Cooperação Técnica 003/2013. Estudos e pesquisas para subsidiar o aprimoramento do arcabouço regulatório do transporte ferroviário de passageiros, p.15.

No quadro acima, notamos uma relativa queda nos investimentos em ferrovias no Brasil. Ao passo que mostra um crescimento no setor rodoviário. Os indícios apontam a decadência e sucateamento das ferrovias a partir da década de 1960, sendo acelerada de forma decisiva nas décadas de 1970 e 1980.

Na próxima imagem, uma ponte de madeira e o trem. O fotógrafo foi preciso ao captar essa imagem que tem expressado diversas reflexões sobre as condições das ferrovias, das estradas e das pessoas que pareciam curiosas, na passagem por aquela ponte, não se atentaram para possíveis riscos.



Foto 32: Acervo Aogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Ainda na imagem da ponte de madeira, não sabemos quais os trabalhadores construíram essa obra, mas deve ter sido um dispêndio de força física bastante significativa. Esta imagem nos faz questionar sobre o que foi a modernidade para

Afogados da Ingazeira, visto que, na década de 1960, já havia muitas técnicas e inovações, uma ponte de madeira seria construída.

Talvez a imagem da estrutura de madeira e o trem trafegando, demonstra uma emergência diante dos danos causados pelas chuvas, mas também, pode representar a decadência das ferrovias, que na década seguinte seria acelerada por falta de investimentos, até a extinção do seu funcionamento nos anos 80.

Com a chegada das máquinas modernas em Afogados da Ingazeira, as transformações são registradas, as novas práticas culturais, influenciaram o imaginário, modificou-se a relação tempo e espaço. E neste processo histórico, o trabalho enquanto categoria, decisiva no desenvolvimento econômico e social, fora observada, mas também, um olhar para os trabalhadores anônimos, que foram à força de trabalho e, na luta por sua sobrevivência, são inseridos no processo de construção da modernidade.

Os fotógrafos captaram imagens que nos ajudaram a entender a sociedade afogadense, o cotidiano, os comportamentos e as práticas culturais. O cinema e o rádio são ampliações das possibilidades da vida material.

CAPÍTULO IV – CULTURA MATERIAL E EDUCAÇÃO: OS SUJEITOS E O PRGRESSO ATRAVÉS DAS IMAGENS

4.1 – FOTOGRAFIA, CIDADE E SUJEITOS

Para problematizarmos o nosso objeto de pesquisa – a cidade – a partir das transformações urbanas no contexto da modernização, integrando as devidas mediações, apoiamo-nos na perspectiva da *Escola dos Annales*, observando sua contribuição teórico-metodológica, determinante no processo de ampliação dos campos de pesquisas. Através da abertura para novos objetos, aspectos da vida cotidiana ganharam novos significados, uma verdadeira revolução na historiografia.¹³⁵

Tendo, como fonte principal, as imagens, buscaremos analisar esse processo que envolve máquinas e trabalho, sendo que, no desencadear da problemática, está o sujeito; suas experiências captadas pelos fotógrafos e transformada em linguagem. Essa técnica pode produzir novos significados, redirecionar ou modificar a nossa perspectiva historiográfica através do apelo visual; Anne de Mondenard enfatiza: “a fotografia transformou nossa percepção do mundo”¹³⁶.

A imagem também opera como um meio de comunicação e, às vezes, pode testemunhar e transmitir informações, signos e representações. Ela se torna uma fonte diferenciada por apresentar um apelo visual específico. Peter Burke afirma: *Imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras*.¹³⁷

Ao investigarmos as imagens como fontes, abre-se um leque de signos e códigos, que sugerem ao historiador uma análise rigorosa, um processo onde os detalhes podem responder a indagações. No universo da imagem, muitas

¹³⁵ BURKE, Peter. *Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. 6ed São Paulo: UNESP, 1997.

¹³⁶ MONDERNARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. *Projeto História: espaço e cultura*, n.18, maio 1999, p. 107.

¹³⁷ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagem como evidência histórica* / Peter Burke; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos – São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 51.

possibilidades podem surgir. No plano de fundo, onde a nossa percepção parece ser mais fragilizada, podemos encontrar os esconderijos. Por traz das sombras, os gestos, os símbolos, o vazio, os gritos e o silêncio dos sujeitos, que, possivelmente estiveram presentes, na construção da modernidade. Estes indícios podem contribuir de forma decisiva com a identificação das ações, dos movimentos e estratégias que, muitas vezes, estão disfarçadas ou ocultas nas imagens.

Apropriamo-nos das imagens para observar os indícios e interpretar o mundo, as pessoas, as praças, as ruas, etc. Desta forma, dialogamos com Anne de Mondenard, quando destaca: “Este novo instrumento de expressão visual é logo investido de uma missão científica, documentária, arqueológica e histórica”¹³⁸. Neste sentido, a fotografia pode nos ajudar a entender como viviam as pessoas, seus hábitos e práticas culturais.

4.2 – ESPAÇO, FAMÍLIA E COTIDIANO ATRAVÉS DAS IMAGENS

As reformas urbanas, implicaram em mudanças nos hábitos e no cotidiano das pessoas, que, na busca do conforto, diversão ou lazer, frequentavam locais públicos como avenidas, praças, cinema etc. A participação efetiva na vida social e cultural da cidade pode possibilitar novas práticas, novas experiências, algumas, captadas pelas câmeras fotográficas. Na imagem abaixo, um jogo de futebol, algo que parece ser banal, no entanto, pode adquirir outros olhares, outras perspectivas como a resignificação dos espaços, a frequência das pessoas aos locais de lazer e diversão, possibilidade de conquista de novos ambientes, nos moldes desse, localizado na margem do Rio Pajeú, por trás de uma rua central e, com vista para a torre da Igreja.

¹³⁸ MONDERNARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. Projeto História: espaço e cultura, n.18, maio 1999, p. 107.



Foto 33: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Na imagem, um jogo de futebol, um momento de diversão e lazer. Este esporte moderno era praticado no centro da cidade, na margem do Rio Pajeú. Era uma forma de utilizar os espaços através da prática futebolística, mas, com o passar do tempo, esse campo foi sendo ocupado por casas e, nas proximidades, também foram construídos armazéns que posteriormente passou a ser o local do mercado público.

Os espaços foram sendo ocupadas e as pessoas – através das suas experiências – criaram formas e hábitos relacionados a comportamentos e padrões. É necessário também, enfatizar um tipo de apropriação quando os espaços podem permitir – a depender da conjuntura política geral – algumas práticas culturais e novos hábitos. Aqui tratamos de observar formas de sociabilidade, lazer e diversão: realização de passeios, participação em missas, festas, danças, o namoro, a paquera ou posar para fotografia, entre outras práticas existentes.

Neste caso, a fotografia configura-se como uma novidade e as pessoas foram seduzidas pelos encantos das câmeras. Concordamos com Nicolau Sevcenko quando afirma: *“As fotografias são, pois, um recurso eminentemente moderno...”*¹³⁹.

Sendo uma técnica moderna, a fotografia conquista a sociedade. Os fotógrafos – profissionais ou amadores – são requisitados para esse registro “imortal”, constituindo uma memória visual, seja de uma época, uma paisagem ou um momento marcante na vida das pessoas. Segundo Peter Burke: *“..o uso de imagens no processo de reconstrução da cultura material do passado, tanto em museus quanto na historiografia. Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns...”*¹⁴⁰

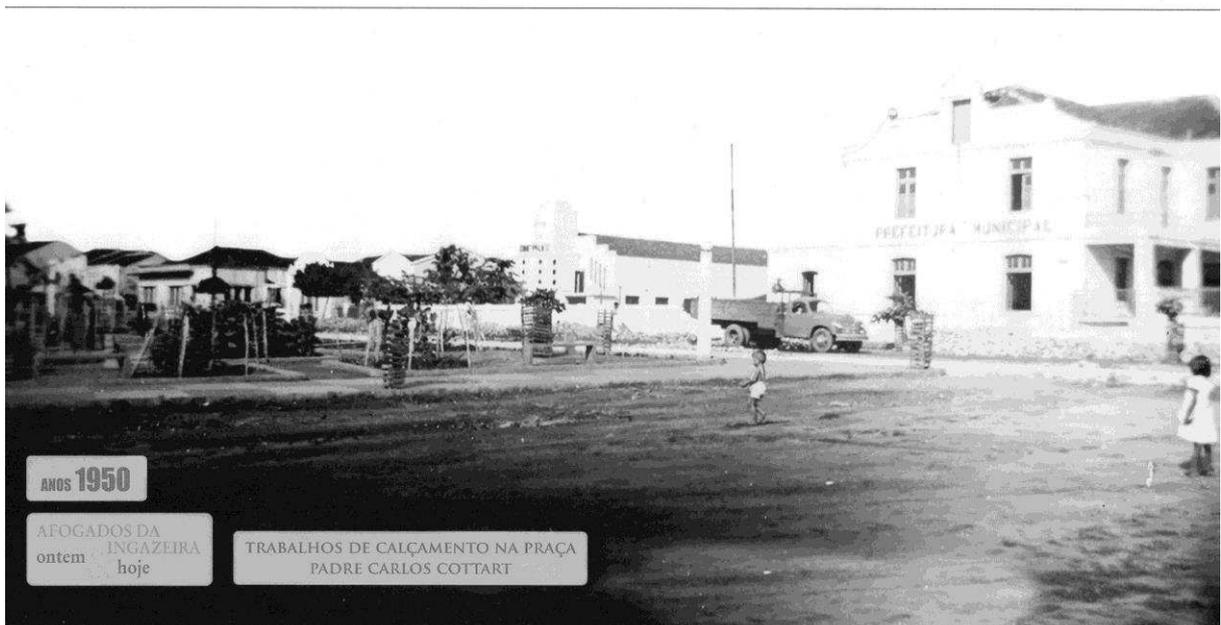


Foto 34: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

¹³⁹ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 457.

¹⁴⁰ BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagem como evidência histórica/Peter Burke; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos – São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.123.

Na imagem, as crianças estão em primeiro plano e, em segundo plano, caminhão que está sendo utilizado no transporte de pedras (paralelepípedos) para construção do calçamento das ruas, sendo possível destacar homens trabalhando, em cima do automóvel e outros dois, em baixo, provavelmente para colocar as pedras na carroceria.

Essa perspectiva de múltiplas imagens dentro de uma mesma imagem nos dá a ideia de múltiplas informações. Cabe ao pesquisador analisar e fazer as escolhas. Optamos focar nas crianças, sem excluir as partes que compõem rico material para pesquisa, que está centrado em determinada área do centro da cidade, inclusive com trabalho, sendo realizado no momento da produção da fotografia.

No chão de terra, uma criança parece está parada, curiosa e, outra caminha em direção à praça, com essa calma, era possível a descontração e, neste caso, as crianças estão no primeiro plano da fotografia, centralizada no meio da rua. No segundo plano, um carro – símbolo da modernidade – indica-nos que os ritmos podem mudar em um prazo relativamente curto.

As pessoas ficavam em frente à câmera, como um ato de guardar os momentos de encontro ou simplesmente registrar aquele instante especial. No caso específico de famílias, era muito comum posarem para a câmera, talvez, com o real sentido, fosse um sentimento de eternizar aquele momento, como nos fala Sevcenko sobre fotografia: *“possibilita a conservação e a permanência de uma continuidade visual do passado familiar”*¹⁴¹.

¹⁴¹ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 457.

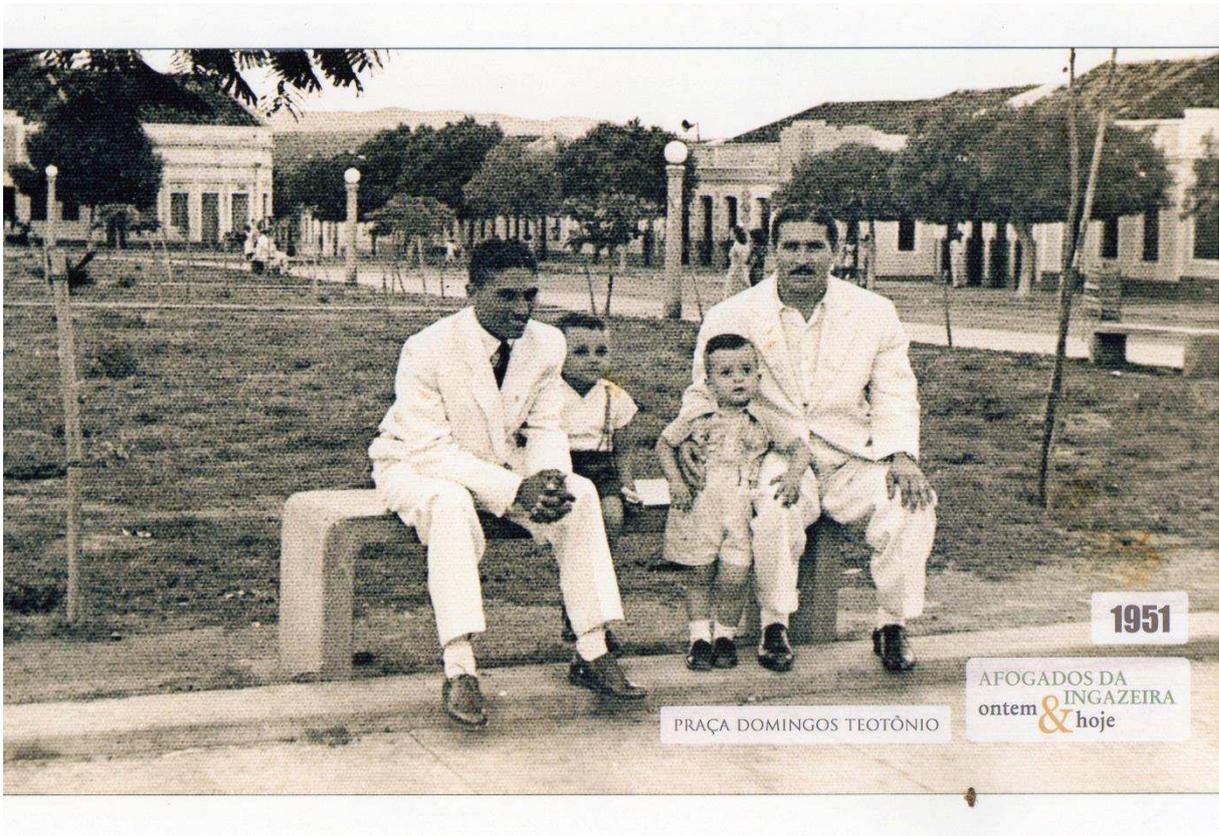


Foto 35: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Dois homens sentados com crianças, no banco da praça, posam para fotografia. Com o olhar para a câmera. Eles se apresentam com vestimentas destacadas, consideradas esteticamente apropriadas para a época¹⁴². No segundo plano, duas mulheres passeiam, calmamente e, no fundo, pessoas sentadas; ao que parece, a praça possuía encantos, particularidades de um ambiente apropriado para as pessoas serem fotografadas, passear na tranquilidade do ambiente.

Na imagem a presença de duas crianças bem próximas aos homens, indica algum tipo de laços afetivos, talvez laços familiares. As crianças nas imagens nos dão uma ideia, de ausência de espaços de lazer específicos, entretanto, havia educação e família como representação da estrutura social e afetiva que poderia dá suporte à infância.

¹⁴² Indícios constatados através de análise das imagens selecionados para este trabalho e feito um levantamento das vestimentas em outros trabalhos, configurou-se como padrão de roupas apropriadas para eventos e festividades da época.



Foto 36: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta imagem, uma família posa para foto em frente a um estabelecimento comercial no centro da cidade, o comércio implica em movimentação financeira, inclusive, das cidades e dos distritos adjacentes. Na mesma imagem, à esquerda, uma bomba de combustíveis, para abastecimento de automóveis, que transitavam na cidade e realizavam viagens diariamente para cidades vizinhas.

As pessoas ficavam em frente à câmera, como um ato de guardar os momentos de encontro ou simplesmente registrar aquele instante, marcado no tempo e no espaço. No caso específico de famílias, era muito comum posarem para a câmera, talvez, o real sentido fosse um sentimento de eternizar aquele momento, como nos fala Sevcenko sobre fotografia: *“possibilita a conservação e a permanência de uma continuidade visual do passado familiar”*¹⁴³.

¹⁴³ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 457.

4.3 – OS SUJEITOS E A CONSTRUÇÃO DO PROGRESSO

Na perspectiva em discussão, o primeiro plano predomina de forma relativa, a presença dos representantes dos poderes, figuras públicas em cerimoniais ou eventos protagonizando o seu papel e construindo memórias, através das suas ideias e ações. As imagens levantam a perspectiva de integrar pessoas comuns e trabalhadores no processo de modernização. Consciente ou inconsciente, a ação de homens e mulheres, criaram as bases urbanísticas da cidade. Através dos meios materiais possíveis e caminhos diversos, como atesta a próxima imagem, ao enquadrar trabalhadores em frente à lente de uma câmara, no centro da cidade.



Foto 37: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Na imagem, três homens de frente para a câmara, o que está no centro expressa característica de trabalhador do calçamento, os outros dois nos lados, estão com vestimentas de outro padrão, no caminhão que provavelmente foi utilizado para transporte de paralelepípedos, um homem sentado no carro no teto da boléia, – ao que tudo indica trabalhador da obra – de costas para a câmara, como se não tivesse interesse em aparecer na imagem, mas o trabalho sendo parte da vida, do cotidiano e do desenvolvimento é o destaque principal neste estudo.

Na imagem, trabalhadores municipais, realizando uma obra significativa para a sociedade, mas, não fizeram parte da história oficial, ou seja, essa história não foi escrita. A paisagem demonstra o tipo de trabalho, o qual exigia a força física e precisão na colocação desses blocos de pedras (paralelepípedos), para a pavimentação do centro da cidade. O material para o calçamento da praça está em destaque no primeiro plano.

.O estado sendo uma estrutura social de poder, executou projetos urbanos, viabilizando diversas transformações na sociedade e, utilizando-se do trabalho técnico de engenheiros, arquitetos, médicos, sanitaristas entre outros, foi construído também uma versão da história, ou seja, a constituição de uma memória. Sobre isso, BARROS enfatiza: “Os intelectuais do século XIX eram conclamados a trabalhar para o estado na montagem dos seus mecanismos institucionais fundamentais, na sua legitimação, na produção de sua memória¹⁴⁴”.

Para o historiador, as pistas, os rastros e os sinais, mesmo que incompletos ou confusos, podem revelar significados, símbolos ou representações. Algumas imagens expressam no seu foco principal, uma produção de memória baseada em escolhas ideológicas e perspectivas político-cultural.

Dialogamos com o campo da história social e, através de indícios, lançamos um olhar para as condições materiais dos trabalhadores, observamos suas representações e práticas cotidianas; estas expressões aparecem de forma objetiva ou subjetiva nas imagens. Neste sentido compartilhamos com as ideias de Severino Cabral Filho, quando menciona a experiência de homens e mulheres confrontados as necessidades materiais para sua sobrevivência:

¹⁴⁴BARROS, José D’Assunção. Cidade e História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 12.

Acreditamos que a ênfase no *material* contribui para que se possa colocar, no primeiro plano da História, os homens e mulheres em suas experiências mais amplas. O seu contato direto com a materialidade reflexa nos objetos componentes do seu mundo dá margem para que pensemos nas condições de trabalho e de vida mas também nos desejos, nas necessidades e nas possibilidades de satisfazê-las ou não. Os objetos utilizados pelas populações, as relações homens/coisas, nas mais diversas sociedades são elementos através dos quais podemos interpretar tais sociedades, pois, estes objetos servem como indicativos para as alterações sócio-econômicas sofridas, assim como as alterações e permanências de natureza cultural e mental, dando-as a conhecer.

A fotografia pode ser considerada uma “memória visual”, seu conteúdo pode expressar, de forma relativa, ações de homens e mulheres na luta pela sobrevivência, seja na forma de trabalho ou no próprio cotidiano. Na próxima imagem buscaremos analisar os elementos objetivos e subjetivos no contexto da obra de construção do cinema na década de 1940. As fotografias podem possibilitar a visão em vários ângulos, das ruas, praças, igrejas, monumentos, a vida das pessoas, o cotidiano. Utilizando-nos da fotografia e atento as sua condição de documento e sua característica de apelo visual, concordamos com Kossoy quando enfatiza: “A expressão cultural dos povos exteriorizada através dos seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara”.¹⁴⁵

Na perspectiva de analisar a cidade enquanto espaço de vivências do cotidiano, observamos as mudanças e reconfigurações no contexto social, onde os sujeitos são confrontados às transformações, construindo e reconstruindo os espaços; nem sempre de forma linear. E atuando de forma consciente ou inconsciente nas transformações sociais, ou ficando as margens do movimento que as elites denominaram de “progresso”. Na imagem abaixo, a construção do prédio onde seria o cinema, um amplo espaço, com uma estrutura montada para o trabalho de pedreiros e ajudantes.

¹⁴⁵ KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 26.

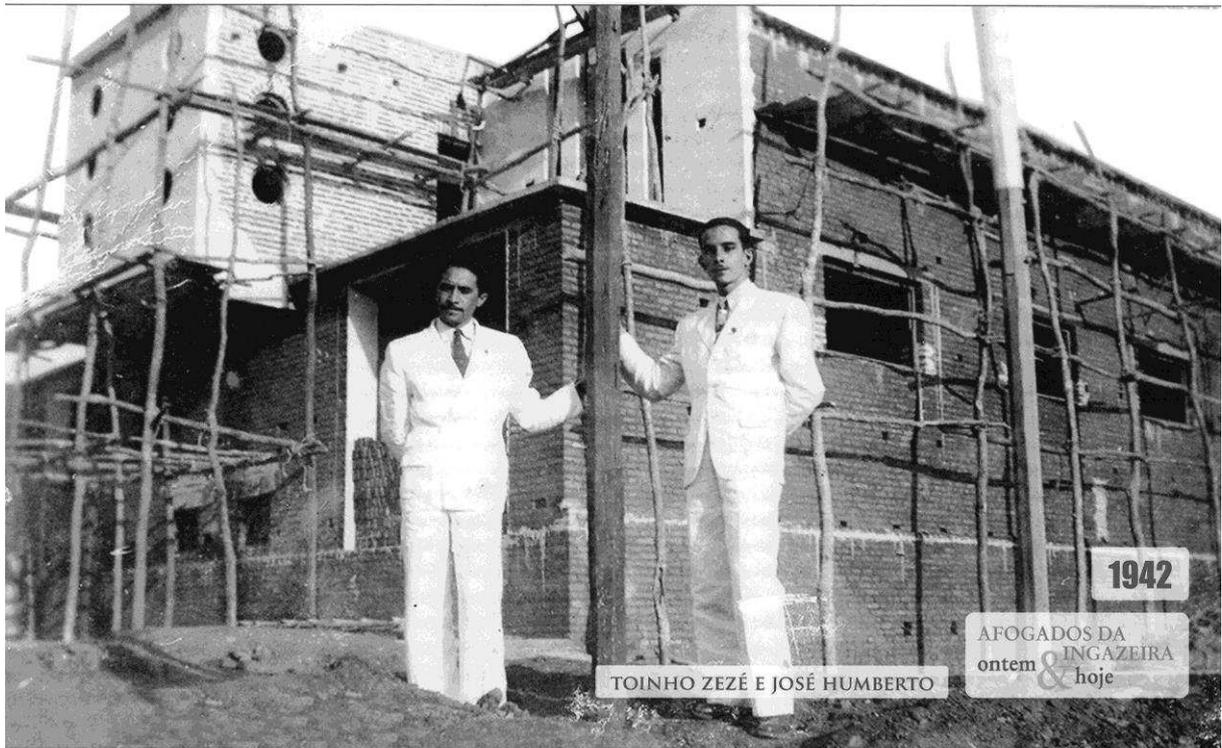


Foto 38: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Em primeiro plano, os fundadores do cinema inscritos na legenda: Toinho e José Humberto. Não descartamos o papel significativo dos dois nesse empreendimento, mas, o nosso objetivo é analisar o segundo plano, a construção, os andaimes, os tijolos colocados por pedreiros, o cimento e os materiais carregados pelos serventes (ajudante de pedreiro). Eles não estão na imagem, mas o contexto nos leva a inclui-los na configuração geral que busca identificar o trabalho como componente desse enredo que nos leva ao progresso. Neste caso o prédio do cinema, a tecnologia que revelou uma das faces da modernidade: a arte audiovisual.

Ao analisarmos o processo de construção do *progresso* temos a impressão que foi algo nascido de si mesmo, obra da natureza ou do acaso? É claro que não. O *progresso* se fez necessário, no contexto de um movimento econômico e social, através de interesses de classe e sob as diretrizes do capitalismo. No plano da cultura material, o cinema promoveu integração e sociabilidade, significava a chegada de um equipamento moderno que despertou o interesse da sociedade.

4.4 – A VIDA NOTURNA EM AFOGADOS DA INGAZEIRA: A CHEGADA DO CINEMA

O advento do cinema, considerado um dos símbolos da modernidade – inserido no processo da Revolução Industrial – proporcionou mudanças significativas nas metrópoles europeias. O cinema propõe uma nova visão do mundo, realidade e fantasia caminham juntas, até se confundem no jogo de imagens. Mais do que técnicas, o cinema é uma “ideia” transformadora, Sevcenko ao tratar deste assunto: “De fato a projeção de imagens móveis, luminosas agigantadas na tela do cinema escuro afeta de modo intenso simultaneamente a percepção visual e a imaginação”¹⁴⁶.

O cinema está inserido no movimento de ampliação e conquistas de novos equipamentos, não obstante as variações e ritmos diferentes. Assim, os níveis de desenvolvimento determinam transformações técnicas com implicações no processo de urbanização das cidades. Historicamente o cinema passou por um processo de desenvolvimento, que, através do tempo foi sendo aperfeiçoado, reinventando, ou seja, adaptado às transformações socioculturais da sociedade.

Na década de 1910, além do desenvolvimento técnico, ocorreu também o aprimoramento da linguagem cinematográfica, que aos poucos, tornou-se autônoma em relação ao teatro. Os filmes perderam seu caráter mais artesanal e passaram a valorizar os enredos em detrimento das películas naturais (filmagens de cenas do cotidiano, sem um enredo, cortejos, praças, monumentos, etc).¹⁴⁷

No espaço-tempo da nossa pesquisa, tomamos como referência algumas cidades nordestinas com maior grau de desenvolvimento urbano, a exemplo da capital pernambucana, onde a vida noturna no início do século XX, já disponibilizava

¹⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 520.

¹⁴⁷ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo fita”: cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro de Estudos Baianos, 2002, p. 107.

de equipamentos modernos e entretenimento, particularmente no tocante ao papel sociocultural do cinema. Através do estudo da tese de Gervácio Batista Aranha, especificamente no capítulo *Visões da modernidade urbana: a experiência nortista*, na qual, destacamos a seguinte passagem: “De acordo com certo cronista do Recife antigo, só é possível falar em vida noturna a partir de 1909, ano que se instala o cinematógrafo com programação diária o ano inteiro.”¹⁴⁸

Em Campina Grande, cidade paraibana de destaque pelo seu desenvolvimento urbano, o cinema *Apolo* foi construído em 1913.¹⁴⁹ Já em Serra Talhada, cidade do sertão pernambucano, que fica a 84Km de Afogados da Ingazeira, a população viveu a experiência de uma vida noturna que contava com dois cinemas, sendo que o primeiro espaço de exibição de filmes, segundo Paulo César Gomes: “No final dos anos 30, foi inaugurado o cinema no Clube Social Líder, de propriedade do Sr. José Rufino da Silva.”¹⁵⁰

Em Afogados da Ingazeira, os escritos dos memorialistas enfatizam a construção do cinema na década de 1940, esse espaço, tinha uma estrutura física de destaque, o prédio localiza-se no centro, na Avenida Rio Branco, próximo à igreja.¹⁵¹ A localização facilitara o trânsito de pessoas da praça e da parte central para o cinema, o que ampliou a movimentação nos horários das sessões. O cinema também influenciará novos hábitos e o imaginário da sociedade: “Os casais e os jovens do lugar tinham no cinema seu principal meio de diversão”¹⁵². Nos anos de 1950, o cinema teve repercussão significativa, os filmes eram assistidos principalmente pelos moradores do centro da cidade.

¹⁴⁸ ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925)*, Campinas-SP: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2001, p. 256.

¹⁴⁹ ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925)*, Campinas-SP: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2001, p. 258.

¹⁵⁰GOMES, Paulo César. *História, memória e fotografia: um olhar sobre a modernidade na cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, 2017, p. 274.

¹⁵¹ Ver imagem e informação sobre a construção do prédio na p. 92.

¹⁵² PIRES, Fernando. *Afogados da Ingazeira “Memórias”*. Ed. 2004, p. 154.

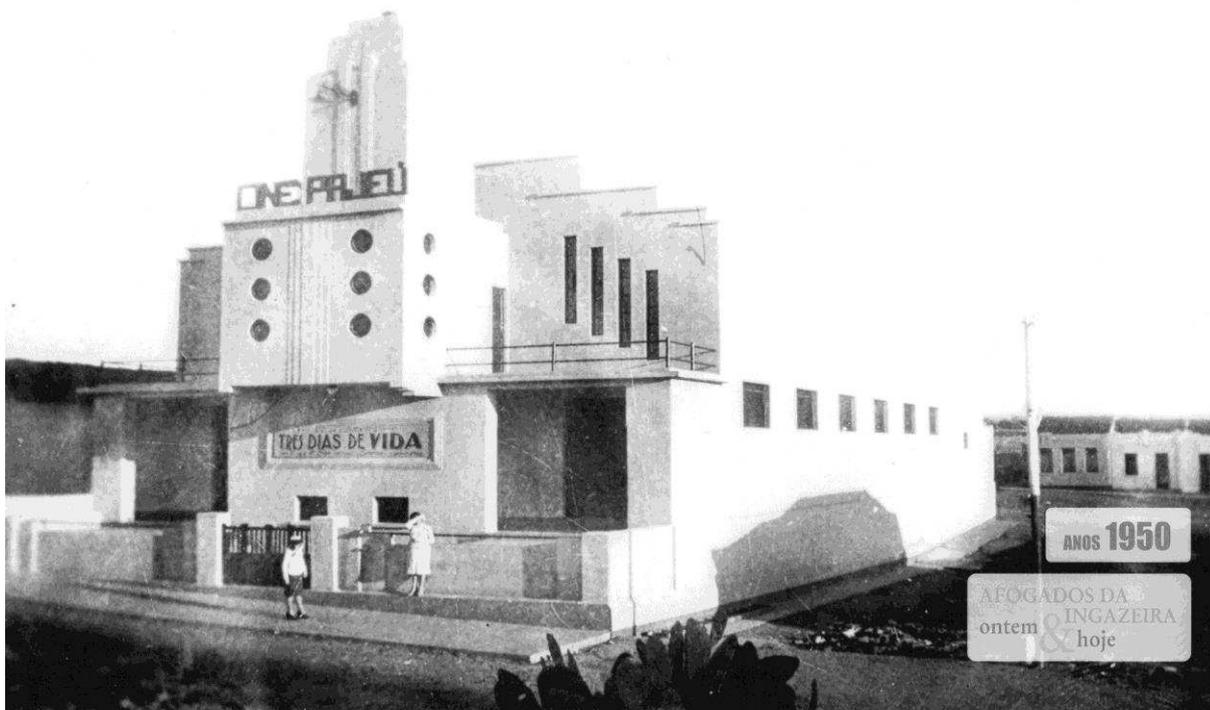


Foto 39: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

O cinema representava uma novidade para a população. Um local de diversão e lazer. Nesta imagem, duas pessoas em frente ao prédio, o sol parece estar forte e reluzente. À direita, um local concentra algum tipo de entulho ou lixo, no fundo as casas de uma rua transversal, nos indicando que o centro da cidade estava sendo ampliado, num processo lento de urbanização.

Na imagem, observamos a divulgação do filme em cartaz: Três dias de vida¹⁵³. No livro de memórias do historiador Fernando Pires, há informações no tocante à frequência da população em horários diferentes: “Na matinê, que ficava com lotação esgotada, via-se o filme exibido num dos dias anteriores, à noite.”¹⁵⁴ Tudo leva a crer que esta novidade seduziu pessoas e promoveu certa movimentação nas noites de Afogados da Ingazeira.

¹⁵³ Título original é *Uncertain Glori*, produção e estreia em 1944, dirigido por Raoul Walsh está dentro do gênero: drama e romance policial. Consulta ao site: <https://filmow.com/tres-dias-de-vida-t198817/ficha-tecnica/> acesso em 28 de junho de 2018 às 10:13.

¹⁵⁴ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”, p. 154.

4.5 – INFLUÊNCIAS DO CATOLICISMO NA EDUCAÇÃO

A educação é considerada ferramenta e marco civilizatório. Moldada, aperfeiçoada e, a serviço de interesses diversos, pode ser um caminho para o desenvolvimento de uma sociedade. No Brasil, a religião católica desenvolveu um trabalho missionário de catequese e, historicamente assume um papel significativo na educação. Gilberto Freire destacara na obra *Casa-grande & senzala*:

Os jesuítas foram outros que pela influência do seu sistema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão mole, plástico, quase sem ossos, como o da nossa sociedade colonial nos séculos XVI e XVII, contribuíram para articular como educadores o que eles próprios dispersavam como catequistas e missionários. (FREYRE, 2006, p. 90)

A Igreja Católica lutava para manter sua influência doutrinária no campo educacional. Mesmo com a vigência do Estado Moderno, a Igreja na Europa, buscou garantir os seus interesses. Mario Alighiero Manacorda estudioso da educação, enfatiza: *Assim, Estado Moderno e Igreja Católica aparecem ainda em duas frentes totalmente opostas, especialmente no que se refere ao delicado tema da educação na juventude, que a igreja continua considerando sua função exclusiva.*¹⁵⁵

No processo de povoamento, a Igreja católica também teve um papel decisivo. O que significou uma forte presença religiosa, inclusive com líderes influenciando no processo de desenvolvimento. Aqui, destacamos mais uma vez, o Monsenhor Arruda Câmara e a sua articulação política para a construção e o funcionamento do Colégio Normal Rural de Afogados da Ingazeira: *“A existência deste educandário deve-se à atuação do Deputado Federal Arruda Câmara, que conseguiu do Ministério da Educação a construção do prédio, subvenção federal para auxiliar a manutenção da escola que nasceu”.*¹⁵⁶

¹⁵⁵ MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da antiguidade aos nossos dias / Mario Alighiero Manacorda; tradução de Gaitano Lo Monaco; revisão técnica da tradução e revisão geral Paolo Nosella – 13^ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010, p. 355.

¹⁵⁶ CERQUINHA, Gastão da Fonseca. Afogados da Ingazeira: retalhos de sua história. Volume 1 / Gastão Cerquinha da Fonseca. – Afogados da Ingazeira: Ed. do Autor, 2003, p.191.



Foto 40: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem & Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

A Escola Normal Rural foi construída na parte leste da cidade, seu funcionamento contribuiu na formação da sociedade e, como parte do processo de modernização, representou a estrutura governamental e religiosa no âmbito municipal e regional. Na imagem, notamos que a obra é ampla, na frente, observamos postes e fiação de luz, bem como, a ausência de calçamento, prevalecendo, desta forma, a terra, o barro que significava a poeira, no verão e, a lama predominava no inverno. No centro da paisagem da fotografia, uma cruz representa a administração e o poder da Igreja naquela instituição de ensino. A fundação dessa instituição escolar foi concretizada com o Projeto da Assembleia Legislativa de Pernambuco.¹⁵⁷ O prédio da escola foi construído no governo do General Osvaldo Cordeiro de Farias. A princípio, seria uma Escola Normal Rural,

¹⁵⁷ CERQUINHA, Gastão da Fonseca. Afogados da Ingazeira: retalhos de sua história. Volume 1 / Gastão Cerquinha da Fonseca. – Afogados da Ingazeira: Ed. do Autor, 2003, p.190.

mas depois ficou sendo escola Normal Regional, com a finalidade de formar professoras.¹⁵⁸

Os desafios para implantação de novas ideias passavam pela educação, mas também, pelo desenvolvimento econômico de um modo geral. Neste sentido, a Igreja Católica iniciará no âmbito da formação e empreendimentos voltados para educação. Sendo o a Escola Normal Rural e a Rádio Pajeú, símbolos do “progresso”, da formação e da informação.

4.6 – A CHEGADA DO RÁDIO E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

A modernidade implica em transformações culturais, costumes e hábitos cotidianos. Trata-se de um novo modo de vida, num universo de múltiplas linguagens, diversos comportamentos, outras formas de viver, novas concepções de tempo e espaço. O rádio configurara-se como advento da Revolução Industrial e está inserido nesse processo histórico mundial. Na visão do historiador Nicolau Sevchenko, as inovações científicas alcançaram um nível de progresso jamais visto na história da humanidade, esse processo de produção acelerado, impulsionou uma variedade de inovações, promovendo o conforto e estabelecendo um novo modo de vida para as sociedades: “...surgirão, apenas para se ter uma breve idéia, os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia o cinema, a radiodifusão...”¹⁵⁹

Toda essa maquinaria simboliza e representa – em maior ou menor grau – os novos tempos, a modernidade em suas mais variadas formas. Uma verdadeira revolução tecnológica, configurando-se como marco decisivo em escala planetária, sendo um processo que acarretou transformações profundas na sociedade, promoveu inventos científicos, máquinas e novas mercadorias.

¹⁵⁸ PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004, p. 80.

¹⁵⁹ SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p.9.

Em cada cidade, o rádio foi implantado com características particulares, de um modo geral, a radiodifusão estava ligada também, ao nível de desenvolvimento. No caso da metrópole pernambucana, o processo de modernização no início do século XX, abriu caminhos para cultura, artes e comunicação, *“Além das agitações do cinema, funciona, no Recife, em condições precárias, a Rádio Clube, desde 1924...”*¹⁶⁰

O funcionamento de uma instituição desse porte impõe a necessidade de um local, de profissionalização dos funcionários e aperfeiçoamento técnico para assegurar uma programação cotidiana: *“A sede da Rádio Clube localiza-se na rua da Aurora e sua programação regular diária traz música de gramofone, números de canto, declamação de poesias, notícias de esporte e de atividades culturais”*.¹⁶¹

No interior do estado, especificamente no Sertão do Pajeú, a cidade de Afogados da Ingazeira era seduzida pelos encantos da modernidade. Um dos componentes deste amplo aparato do maquinário moderno, o *rádio*, promoverá transformações na sociedade, na medida em que a presença desse equipamento apresenta novas perspectivas para o cotidiano e para a vida das pessoas.



¹⁶⁰ REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX / Antônio Paulo – Recife: FUNDARPE, 1997, p. 104.

¹⁶¹ REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX / Antônio Paulo – Recife: FUNDARPE, 1997, p. 104.

Foto 41: Arquivo: NO CORAÇÃO DO POVO, a história da Rádio Pajeú a pioneira do Sertão pernambucano

Um modelo de rádio da década de 1960, onde está inscrito: *MEB RÁDIO PAJEÚ DE EDUCAÇÃO POPULAR AFOGADOS DA INGAZEIRA – PERNAMBUCO*. A emissora através do rádio de pilhas foi um instrumento de educação popular para dezenas de pessoas do campo e da cidade. Na imagem, a caixa de madeira que ampliou a voz humana, uma conquista tecnológica da humanidade. Era o atrativo dos lares. O rádio cumpriu um papel social enquanto instrumento de comunicação e, no caso da Rádio Pajeú, também na área de formação.

Em 1961, surgiu o MEB (Movimento de Educação de Base), através do Decreto nº 50.370 / 61, que dispõe sobre um programa de Educação de Base através de Escolas Radiofônicas, a ser realizado até 1965, nas regiões subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-oeste do país.¹⁶² O projeto das Escolas Radiofônicas, iniciado entre os anos 1961 e 1962, em Afoogados da Ingazeira, estendeu-se até meados de 1964. Foi quando a Rádio Pajeú e Dom Francisco enfrentaram um dos maiores desafios da história: a intolerância do Regime Militar. Para os militares, a manifestação do pensamento e o incentivo de uma consciência crítica no país eram, a partir de então, atitudes subversivas.¹⁶³

O rádio tornou-se popular, esse mecanismo técnico que permite levar o som até as casas das pessoas e estabelecer novos conceitos, referentes ao tempo, à programação e à disciplina do trabalho (os radiouvintes ficavam atentos à divulgação das horas) evidenciando uma lógica de produção da Revolução Industrial.

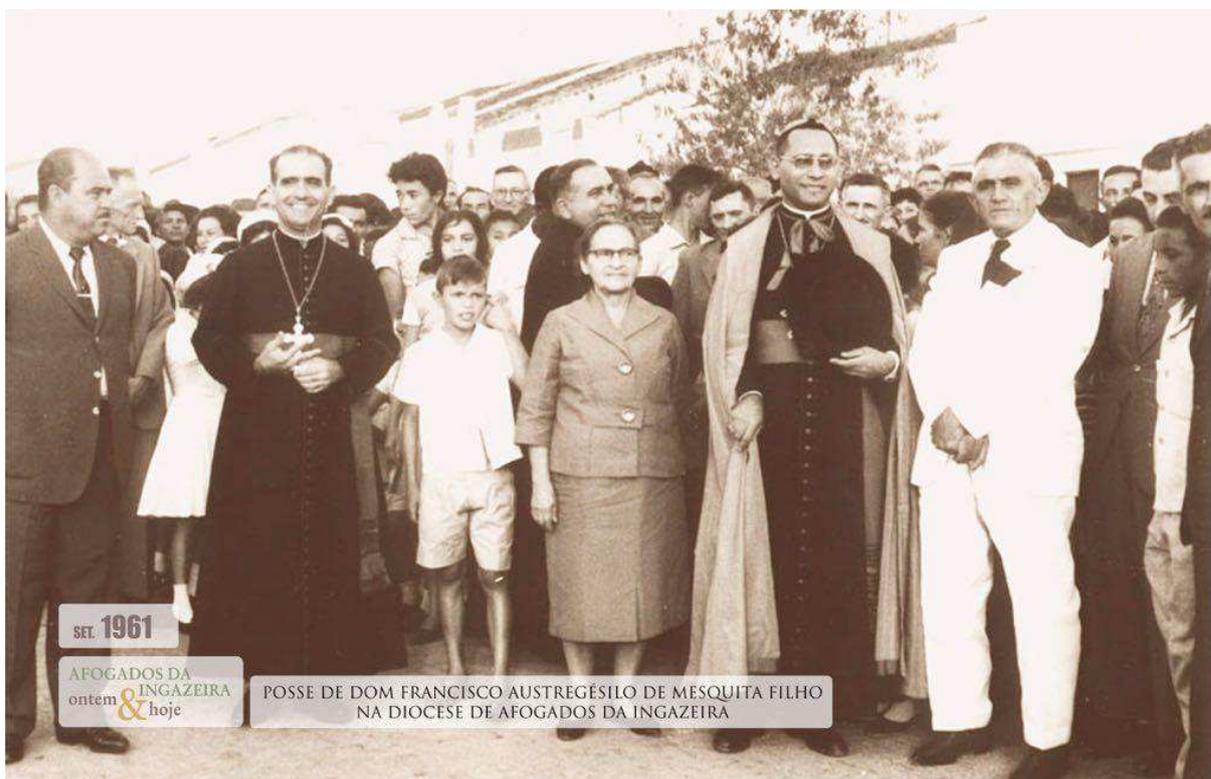
4.7 – IGREJA E SOCIEDADE: A RÁDIO PAJEÚ AMPLIOU A VOZ DA COMUNIDADE CATÓLICA NA REGIÃO

¹⁶² MEB: documentos legais. Apostila 1, série A, s/I: s/d, 35p. Fundo MEB. Acervo CEDIC, p. 1.

¹⁶³ No CORAÇÃO DO POVO – A história da Rádio Pajeú, a pioneira do Sertão pernambucano, p. 22.

Em 1961, a chegada de um novo líder religioso, possibilitou uma nova fase da Igreja em Afogados da Ingazeira, visto que a diocese passa a atuar com maior ênfase na área de comunicação social e, colaborando com as organizações do campo, inclusive motivando a sindicalização, além de aulas radiofônicas. O novo bispo, Dom Francisco, defendia uma igreja mais próxima do povo, conseqüentemente, mais próxima das demandas populares. Ele estava em sintonia com o Concílio Vaticano II e foi um dos signatários do Pacto das Catacumbas.¹⁶⁴

Esta transição (Dom Mota para Dom Francisco) também significa outro estilo de trabalho, com novas ideias integradas ao contexto de transformações, em curso a partir da década de 1950, quando a cidade dava alguns saltos no tocante ao desenvolvimento, concomitantemente, enfrentava períodos de estiagem, problemas no abastecimento e a falta de energia elétrica de Paulo Afonso que só chegou em 1966.



¹⁶⁴ Ver: VILHENA, Maria Angela. A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II/Maria Angela Vilhena. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Marco conciliar); SANTANA, Genildo. A igreja que vale a pena. Tabira, 2016, p. 65.

Foto 42: Acervo Afogados da Ingazeira Ontem&Hoje (Propriedade de Fernando Pires)

Nesta imagem, o bispo Dom Mota (à esquerda) e Dom Francisco (à direita). Os populares estão entre os religiosos, integrando o evento que destaca os dois protagonistas de um processo sucessório na Diocese de Afogados da Ingazeira. Na posse do novo bispo (Dom Francisco), a população participa, ativamente, a uma movimentação significativa nas ruas. Na imagem, homens de paletó e gravata, autoridade políticas que acompanhavam o evento. No centro, uma mulher e um garoto, contrastando com os adultos, através da sua roupa (especificamente o uso short).

Dom Francisco logo mobilizou forças políticas, na luta por energia elétrica de Paulo Afonso, com uma visão de progresso e, provavelmente, convencido da importância deste sistema moderno para o município. Tratava-se de um problema sério para a população e obstáculo para o desenvolvimento do município.

Em relação ao funcionamento da emissora, a falta de energia elétrica inviabilizava um sistema mais potente. Em 1959, Afogados da Ingazeira não contava ainda com a luz elétrica de Paulo Afonso. A energia termoelétrica, fornecida através de motor, era limitada. O Bispo D. Mota adquiriu um gerador para a emissora¹⁶⁵, solucionando temporariamente o problema.

Dentro das transformações ocorridas, a Rádio Pajeú, criada em 1959¹⁶⁶, foi um fator de progresso para a cidade e posteriormente, para toda a região do Pajeú. Estabelecemos um parâmetro sobre o processo histórico da radiodifusão, na medida em que, nas cidades da região, o rádio veio a ser instalado como veículo de comunicação e entretenimento, um pouco mais tarde, por exemplo: “Em Serra Talhada, a primeira emissora foi inaugurada em 8 de janeiro de 1979...”¹⁶⁷ Assim como, a sua instalação, diferentemente da Rádio Pajeú, que a frente estiveram líderes religiosos, em Serra Talhada, há um viés político, segundo GOMES, 2017:

¹⁶⁵ No CORAÇÃO DO POVO – A história da Rádio Pajeú, a pioneira do Sertão pernambucano, p. 17.

¹⁶⁶ No CORAÇÃO DO POVO – A história da Rádio Pajeú, a pioneira do Sertão pernambucano, p. 17.

¹⁶⁷ GOMES, Paulo César. História, memória e fotografia: um olhar sobre a modernidade na cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, 2017, p. 281.

Nesse cenário, Inocêncio Oliveira não hesitou em cair em campo para conseguir uma concessão de rádio. Logo no início da sua vida pública – foi eleito deputado federal pela primeira vez em 1974 –, o parlamentar recebeu, em 1977, no governo do presidente militar Ernesto Geisel, a outorga de um canal de rádio em Serra Talhada, a voz do Sertão, de frequência AM.

A instalação das emissoras nas cidades promoverá impactos na vida e nos costumes das pessoas. Como signo e representação do moderno e do novo, o funcionamento do rádio implicará em mudanças significativas. É possível detectar os impactos do rádio quanto à variedade de programas, levado aos lares, com repercussão nos hábitos, no cotidiano, nas formas de lazer e no curso do processo histórico, influências na política, no comércio, no consumo e no modismo etc.

No caso de Afogados da Ingazeira, após a inauguração da Rádio Pajeú, a equipe técnica aguardava o prefixo, que na época, era liberado pelo Ministério das Comunicações, sem essa autorização, a rádio estava impedida de ter programas e divulgação de comerciais. Em 1960, o Ministério liberou: *“Com a permissão do prefixo a rádio podia enfim operar normalmente”*¹⁶⁸

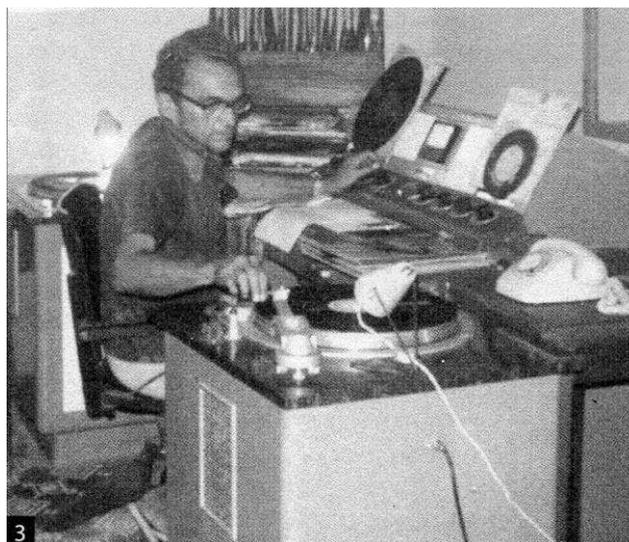


Foto 43: Arquivo do livro: NO CORAÇÃO DO POVO, a história da Rádio Pajeú a pioneira do Sertão pernambucano

¹⁶⁸ No CORAÇÃO DO POVO – A história da Rádio Pajeú, a pioneira do Sertão pernambucano, p. 17.

É provável que esta imagem seja da década de 1970. Uma sala, um homem trabalha no estúdio de transmissão da Rádio Pajeú. Operando a parte técnica para permitir a transmissão até os ouvintes que acompanhavam com o seu rádio de pilhas, os programas preferidos. A emissora passou a ter um funcionamento mais potente, a partir de 1966 com a chegada da energia elétrica de Paulo Afonso ampliou-se relativamente à capacidade técnica da emissora em relação à qualidade e ao alcance na região.

Ainda, na imagem, observamos, à direta, um funcionário da rádio, operando aparelhos de controle. Ao lado, um telefone, outro símbolo da modernidade que havia chegado à cidade recentemente e, que, possibilitou avanços em várias áreas de comunicação e também, para setores da sociedade em condições de adquirir este equipamento moderno.

Em Afogados da Ingazeira, os trabalhadores – entre outros personagens – estiveram presentes no processo de modernização. Eles estiveram nas grandes obras, nas reformas urbanas e fizeram as máquinas funcionar. Homens e mulheres que contribuíram para a chegada de um novo tempo. Os fotógrafos estiveram lá. Suas fotografias, como um tipo de memória, convida-nos para um olhar, talvez uma possibilidade de transformar a nossa percepção sobre vida e, sobre a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das imagens pesquisamos, analisamos e problematizamos a modernidade, em Afogados da Ingazeira. Da fazenda de criação de gado ao povoado. Processo histórico que criou as condições que deram origem ao primeiro núcleo de povoamento localizado na praça central, espaço onde foi construída a Igreja Senhor Bom Jesus dos Remédios.

A cidade manteve aspectos rurais e recebeu alguns símbolos da modernidade. Essa convivência tem uma lógica determinada por forças históricas, políticas e econômicas. O progresso não foi uma criação do acaso e nem tão pouco um ato pré-consumado, porém, uma construção, um jogo de interesses políticos. Trabalho realizado sob o viés das sensibilidades está inserido no campo da história cultural, entretanto, estabelecemos diálogos com a história social, isto é, na relação dos sujeitos com a modernidade e no trabalho, categoria fundamental para compreensão do *progresso*.

No tocante ao estudo sobre o abastecimento relacionamos com as práticas de higiene, vistas sob uma perspectiva teórica, bem como, a necessidade de um sistema de água tratada; prática considerada “civilizada”. Rompendo assim com os velhos hábitos e costumes de uma sociedade de tradições rurais. Abordamos a construção de Brotas, através da categoria *trabalho*, bem como a participação do governo estadual na obra.

A chegada do trem e a construção de praça, barragem, escolas, cinema; a sociedade promove uma sintonia com a modernidade, sem perder, é claro, as ligações com o mundo rural e as suas tradições. Mudanças significativas, nas práticas culturais ocorreram com a chegada do cinema. As noites de Afogados da Ingazeira ganhava uma novidade, isso modificou costumes, possibilitou uma nova forma de diversão, a frequência às sessões cinematográficas movimentava a sociedade, ou seja, uma parte dela, visto que, nem todos tiveram acesso aos símbolos da modernidade.

A influência do catolicismo na educação e na comunicação, bem como, a transição Dom Mota para Dom Francisco, foi possível enxergar uma reorientação da Diocese, possibilitando aprofundamento do diálogo com setores sociais através das escolas radiofônicas (MEB), tendo como instrumento principal, a Emissora Rádio Pajeú.

Este foi o nosso ponto de partida ao problematizarmos a cidade em suas mais variadas dimensões. Neste sentido, mostrou-se significativa a utilização de fotografias como fonte essencial para localizarmos e compreendermos o espaço e as transformações urbanas. As memórias escritas configuraram-se numa espécie de olhar, simples e precioso. Ao mesmo tempo, que, descompromissados com os protocolos acadêmicos e científicos, nos deixaram narrativas e relatos do cotidiano.

Lançamos um olhar para o cotidiano, os espaços, e a construção do progresso através das imagens. Nesta perspectiva, foi possível observar as transformações na praça central, as mudanças com a chegada do trem. A chegada do trem marca uma nova era. A modernização em Afogados da Ingazeira no recorte temporal que delimitamos (1935-1975), foi como um vento que soprou lento, e disperso, sem perder a continuidade. O que foi a modernidade senão um conjunto de variadas transformações. Entretanto, não significou grandes rupturas (no porte das metrópoles brasileiras), mas, aproximou a cidade de uma perspectiva modernizante, adaptada às condições da região.

Com este trabalho de pesquisa, análise e problematização das fontes, encontramos um parâmetro que possibilitou a base da construção e da compreensão do objeto pesquisado. Esse parâmetro, observado com as respectivas delimitações, constitui-se em um traço marcante e decisivo. A saber, o encontro da *tradição com a modernidade* no fluxo histórico, ou seja, uma espécie de convivência possível numa região nordestina, onde o processo de desenvolvimento revelou-se lento, complexo e contraditório, seguindo – até certo ponto – as linhas gerais do capitalismo tardio implantado em terras brasileiras.

REFERÊNCIAS

Atas da Câmara Municipal de Vereadores de Afogados da Ingazeira (década de 1970).

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. V. 18. p. 19-21.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. I Centenário das Ferrovias Brasileiras. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.

Jornal Pequeno nº 101, maio de 1949 – Recife-PE.

MEB: documentos legais. Apostila 1, série A, s/l: s/d, 35p. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU E LIMA, Maria do Socorro. Revisitando o Campo: lutas, organização, contradições – Pernambuco 1962-1987. Recife-PE: UFPE, Tese de Doutorado, 2003.

ANTUNES, Ricardo. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Parayba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)*. In: *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*; 3ª edição; Campina Grande; EDUFCG, 2006.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1825 -1925)*, Campinas-SP: UNICAMP, Tese de Doutorado, 2001.

ARAUJO, Genésio Martins de. *DNOCS – Um órgão a serviço do Nordeste*. Fortaleza, 1974.

BARRETO, José Ricardo Paes; PEREIRA, Margarida Maria de Souza; SILVA, Abelardo Nogueira de Barros e. *Padroeiros pernambucanos*. Recife: Baraúna, 2004.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASILEIRO, Fátima. *Memórias Afetivas: mairias, a avó contou, a neta escreve*. Edição do autor, Recife, 2016.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *História e Historiografia das cidades, um percurso*. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Marcos Cezar de Freitas (org.) Editora Contexto: São Paulo, 1997.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*/Maria Stella Martins Bresciani. – 8ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, vol. 3, 1991.

BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BERGSON, Henri. *Memória e vida; textos escolhidos por Gilles Deleuze; Tradução: Paulo Neves – São Paulo: Martins Fontes, 2006*.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moises, Ana L. Lorient. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação/Pierre Bourdieu. Tradução: Maria Corrêa – Campinas, SP: Papiros, 1996.

BURKE, Peter. Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia. 6ed São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagem como evidência histórica / Peter Burke; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos – São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB, João Pessoa, 2007.

CAMILO, Josemir C. Modernização e mudanças: o trem inglês nos canaviais do Nordeste (1850-1902). Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em história da UFPE, Recife, 2000.

CARNEIRO, Nelson. A luta pelo divórcio. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Arte de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial / Sidney Chalhoub – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. Cultura Escrita, Fotografia e História. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

COELHO, Fernando Vasconcellos. Direita, volver: o golpe de 1964 em Pernambuco/ Fernando Vasconcellos Coelho. – Recife: Bagaço, 2004.

COHN, Amélia. Crise Regional e Planejamento. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX/ Alain Corbin: tradução Ligia Wantanabe. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DOUSTDAR, Neda M. O Paranismo Atualizado: a democracia cristã e o planejamento no primeiro governo Ney Braga. Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade federal do Paraná, em 2010.

DUBOIS, Phelippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1994.

ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra / Friedrich Engels; tradução B. A. Shumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Neto. [Edição revista]. – São Paulo: Boitempo, 2010.

FONSECA, Gastão Cerquinha. Afogados da Ingazeira: retalhos de sua história. Volume 1 / Gastão Cerquinha da Fonseca. – Afogados da Ingazeira: Ed. do Autor, 2003.

FONSECA, Gastão Cerquinha. Afogados da Ingazeira: retalhos de sua história. Volume 2 / Gastão Cerquinha da Fonseca. – Afogados da Ingazeira: Ed. do Autor, 2007.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo fita”: cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: Universidade Federal da Bahia/ Centro de Estudos Baianos, 2002.

FREIRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano / Gilberto Freire. – 15ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2004.

FREITAS, Celso Arcoverde de. História da peste e de outras endemias. Rio de Janeiro: PEC/ENSP, 1988.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade/Anthony Giddens; Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. São Paulo: DIFEL, 1991.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Paulo César. História, memória e fotografia: um olhar sobre a modernidade na cidade de Serra Talhada-PE (1940-1980). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, 2017.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, E. J. Mundos do Trabalho. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Beldran. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LEGROS, Patrick et al. Sociologia do imaginário / Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard, Patrick Legros e Patrick Tacussel; tradução de Eduardo Portanova Barros. – Porto Alegre: sulina, 2014 – 2ª ed. (Coleção Imaginário Cotidiano).

LEVINE. Robert M. A velha usina: Pernambuco na federação brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da antiguidade aos nossos dias / Mario Alighiero Manacorda; tradução de Gaitano Lo Monaco; revisão técnica da tradução e revisão geral Paolo Nosella – 13^o ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl. A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846) / Karl Marx, Friedrich Engels; supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. – São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. – 2 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. LIVRO I, v. I, 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial. Campinas: Papiros, 2006.

MELO JÚNIOR, Maurício. Paranã-puca e o berço da pátria: passado histórico e sentimental pela nação pernambucana / Maurício Melo Júnior. – Recife: Bagaço, 2008.

MONDERNARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. Projeto História: espaço e cultura, n.18, maio 1999.

NETO, Belarmino Souza. Flores do Pajeú: história e tradições. 2^a. Ed. - Recife: Editora Printer, 2004.

NO CORAÇÃO DO POVO, A história da Rádio Pajeú, a pioneira do Sertão pernambucano. Companhia Editora de Pernambuco, 2011.

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues. Padre Afonso Carvalho Sobrinho: um homem entre os carvalhos, o meio ambiente e a igreja / Alberto Rodrigues de Oliveira. – João Pessoa: (Imprell Editora), 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, Milton. Afogados da Ingazeira as ruas onde andei. Recife, Ed. 2012.

PANDOLFI, Dulce Chaves. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.), *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 339-425.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História, História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jathay. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre / Sandra Jathay Pesavento. – 2. Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PEIXOTO, João Baptista. Os transportes no atual desenvolvimento do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977.

PINTO, Estevão. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1949 (Coleção Documentos Brasileiros).

PIRES, Fernando. Afogados da Ingazeira “Memórias”. Ed. 2004.

POCHMANN, Marcio. Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil / Marcio Pochmann. – São Paulo: Cortez, 2010.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Revista Movimento. Edição n.18, 2012, Recife.

REZENDE, Antônio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX / Antônio Paulo – Recife: FUNDARPE, 1997.

RICOER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTANA, Genildo. A igreja que vale a pena. Tabira, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In _____ (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Hélio. A ameaça vermelha: o Plano Cohen / Hélio Silva, Maria Cecília Ribas Carneiro e José Augusto Drummond. – Porto Alegre: L&PM, 1980.

SOUZA, Belarmino Neto. Flores do Pajeú. Biblioteca Pernambucana de História Municipal. Recife, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes. ABC do desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. Vol I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VILHENA, Maria Angela. A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II / Maria Angela Vilhena. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Marco conciliar)